

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ANDERSON FELISBERTO CRISTIANO

**MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO COMO RECURSOS PARA O ENSINO DA
DANÇA A PESSOAS IDOSAS**

**CRICIÚMA
2023**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ANDERSON FELISBERTO CRISTIANO

**MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO COMO RECURSOS PARA O ENSINO DA
DANÇA A PESSOAS IDOSAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral

**CRICIÚMA
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C933m Cristiano, Anderson Felisberto.

Memória e imaginação como recursos para o ensino da dança a pessoas idosas / Anderson Felisberto Cristiano. - 2023.
125 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2023.
Orientação: Gladir da Silva Cabral.

1. Dança - Estudo e ensino. 2. Dança para idosos. 3. Imaginação. 4. Memória. 5. Identidade.
I. Título.

CDD. 22. ed. 792.6207

ANDERSON FELISBERTO CRISTIANO

**MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO COMO RECURSOS PARA O ENSINO DA
DANÇA A PESSOAS IDOSAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Criciúma, _11_ de dezembro de 2023

Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral – Orientador (UNESC)

Prof. Dr. Carlos Renato Carola – Membro (UNESC)

Prof. Dr. Marco Aurelio da Cruz Souza – Membro (UFPel)

RESUMO

Apresento aqui uma análise das observações feitas sobre os relatos das pessoas idosas que participavam de aulas de dança no Centro de Convivências da Terceira Idade (AFASC) Criciúma - SC. O objetivo da pesquisa é compreender como a imaginação e a memória podem ser ferramentas importantes para o ensino-aprendizagem de dança em idosos, problematizando a possível atuação da memória e da imaginação nos processos de elaboração de uma metodologia para o ensino de dança. Assim, iniciei apresentando um breve entendimento sobre a pessoa idosa, também busquei situar historicamente a chegada da dança no Brasil e seu desenvolvimento. Procurei descrever um estudo teórico que permita compreender o conceito de corpo, memória e imaginação da pessoa idosa e dialogar com os teóricos dos estudos culturais sobre os processos de construção da identidade das pessoas idosas. A pesquisa se caracteriza como de natureza qualitativa; utilizo a história oral e autoetnográfica como metodologia de pesquisas para, dessa forma, coletar e analisar as narrativas feitas pelos idosos participantes da pesquisa, compreendendo melhor as falas, as memórias e seu significado, para analisar os relatos procuro fazer uma revisão bibliográfica conceitual. Os pesquisados são pessoas idosas (mais de 60 anos) sem muito conhecimento de dança e participavam das aulas de dança (ritmos) no ano de 2023 no Centro de Convivências da Terceira Idade (AFASC). A partir da análise dos relatos, sem pretensão de respostas finais, mas que possibilitem percepções e reflexões sobre o ensino da dança, foi possível entender como a memória e a imaginação possibilitam o ensino e a aprendizagem da dança para as pessoas idosas. Pensando em todas as heranças culturais e vivências que a pessoa idosa carrega consigo, é possível aprimorar o ensino da dança por meio da memória e da imaginação.

Palavras-chave: Idoso. Corpo. Memória. Imaginação. Dança. Identidade.

ABSTRACT

Here I present an analysis of the observations made based on the reports of elderly people who took part in dance classes at the Centro de Convivências da Terceira (AFASC). The aim of the research is to understand how imagination and memory can become important tools for teaching and learning dance with the elderly, problematizing the possible role of memory and imagination in the process of developing a methodology for teaching dance. Thus, I began by presenting a brief understanding of the elderly, and I also tried to historically situate the development of dance in Brazil. I have tried to describe a theoretical study that allows us to understand the concept of the elderly person's body, memory and imagination and to dialog with cultural studies theorists about the processes of constructing the identity of the elderly. The research is qualitative in nature; I used oral history and autoethnography as a research methodology in order to collect and analyze the narratives made by the elderly participants in the research, better understanding the speeches, the memories and their meaning, in order to analyze the reports we tried to do a conceptual bibliographic review. The people surveyed are elderly people (over 60 years

old) without much knowledge of dance and who were taking part in dance classes (rhythms) at the 2023 Centro de Convivências da Terceira Idade (AFASC). From the analysis of the reports, with no pretension of final answers, but which enable perceptions and reflections on the teaching of dance, it was possible to understand how memory and imagination enable the teaching and learning of dance for the elderly. Thinking about all the cultural heritage and experiences that the elderly carry with them, it is possible to improve dance teaching through memory and imagination.

Keywords: Elderly. Body. Memory. Imagination. Dance. Identity.

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

AFASC – Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma

ONU – Organização das Nações Unidas

OMS – Organização Mundial da Saúde

PNI – Política Nacional do Idoso

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

AIVD – Atividades Instrumentais de Vida Diária

CCTI – Centro de Convivências da Terceira Idade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 O IDOSO E A CORPOREIDADE	21
1.1 O IDOSO E A CORPOREIDADE NA DIVERSIDADE CULTURAL HUMANA	21
1.2 O ENTENDIMENTO DO CORPO ENVELHECIDO NA DIVERSIDADE CULTURAL HUMANA.....	28
2 A DANÇA NA HISTÓRIA E NA EXPERIÊNCIA DA PESSOA IDOSA.....	34
3 A MEMÓRIA, A IDENTIDADE E A IMAGINAÇÃO DA PESSOA IDOSA.....	43
3.1 A MEMÓRIA E A PESSOA IDOSA: DANDO VOZ A LEMBRANÇAS E HISTÓRIAS DE VIDA.....	43
3.2 A IDENTIDADE DA PESSOA IDOSA: RELAÇÕES E PERCEPÇÕES NA SUA CONSTRUÇÃO.....	53
3.3 A IMAGINAÇÃO E A PESSOA IDOSA: AS HISTÓRIAS NO DESPERTAR IMAGINATIVO.....	59
4 METODOLOGIA DA PESQUISA: ENSINANDO E APRENDENDO A DANÇAR COM O CORPO, A MEMÓRIA E A IMAGINAÇÃO.....	66
5 ANALISANDO A MEMÓRIA E A IMAGINAÇÃO NA EXPERIÊNCIA DE DANÇAR DE MULHERES IDOSAS.....	75
6 PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DA DANÇA A PESSOAS IDOSAS.....	100
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	115

INTRODUÇÃO

“Ser velho é ter muitas coisas para lembrar sem saber quantas coisas ainda se tem para viver, essa é uma sensação enriquecedora, assustadora e completamente incrível”.

(autor desconhecido)

Neste estudo procuro analisar as vivências no ensino da dança para pessoas idosas e as possibilidades metodológicas ferramentas que estão ao nosso alcance a partir das falas dessas pessoas, que trazem experiências profundas em sua memória. Dessa forma, pretendo descrever como utilizar a memória, a imaginação, as histórias contadas e reconstruídas como possibilidades metodológicas para auxiliar no ensino da dança para pessoas idosas. Tendo em vista que a dança pode também ser uma via de apropriação de emoções, percepções e significados, é possível reviver memórias e, através delas, o professor de dança pode encontrar novas estratégias para dar mais significado ao ensino da dança para as pessoas idosas.

Trabalhando com dança para pessoas idosas há 9 anos na cidade de Criciúma (SC), em 2014 recebi o convite para atuar como jurado no Festival de Dança da Terceira Idade, da Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma (AFASC). No evento, percebi a alegria e a empolgação dos participantes a cada dança que assistia. Essa experiência me trouxe a oportunidade de me colocar no quadro de pessoas que se questionam, inquietas por compreender os benefícios que a dança pode proporcionar as pessoas idosas. Surgiram várias indagações, ideias e percepções que poderiam vir a ser exploradas e analisadas. Sendo assim, decidi lançar-me à aventura de desenvolver um trabalho de dança com os idosos que frequentavam o centro de convivências da AFASC.

Existem muitos trabalhos que desenvolvem alguma conexão com o estudo que aqui se realiza, trago alguns recentes, dentre eles da autora Marília Daniel, a dissertação de mestrado intitulada **(Re)descobrimo o corpo na dança: ações educacionais emancipatórias com grupos de terceira idade**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau

de Mestre em Dança, em Salvador no ano de 2021. Esse estudo teve como objetivo estimular “processos emancipatórios” em mulheres idosas. A ideia é entender como a dança pode “contribui para o empoderamento e o reconhecimento do processo de envelhecimento” dessas mulheres. Dessa forma, a pesquisa consiste em experiências com a dança, ligando referências que “transversalizam as ações pedagógicas emancipadas”.

Outro trabalho importante é o de Andreia Filipa Antunes Lopes, intitulado **Representação da Dança e os seus benefícios na saúde: percepção dos idosos**, uma dissertação apresentada na Escola de Ciências e Tecnologia Mestrado em Psicomotricidade da Universidade de Évora, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, 2020. Esse estudo teve como objetivo entender a “percepção dos idosos sobre a dança e os seus benefícios”. Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário em uma amostra de quarenta estudantes idosos de uma casa asilar. Assim, foi possível perceber que as pessoas idosas “acreditam que a dança interfere positivamente em nível motor e psicológico”.

Há ainda a tese de doutorado da professora Daniela Castro, **Dançar na Maturidade: Experiências Artísticas na Região Sul do Brasil**. A professora Daniela Castro escreveu sua tese de doutorado em Motricidade Humana na especialidade de Dança na Universidade de Lisboa Faculdade de Motricidade Humana, em 2020. Esse trabalho teve como objetivo geral compreender e analisar a prática da dança na maturidade que proporciona a experiência artística na região Sul do Brasil, numa abordagem qualitativa. No seu estudo a pesquisadora realizou 17 questionários e 11 entrevistas com coreógrafos e bailarinos dos grupos participantes. Ao fim, ela pode concluir que o contexto da “dança cênica na maturidade pode convergir para a construção de processos criativos complexos, que desestabilizem os padrões corporais convencionais impostos na sociedade contemporânea ocidental” (p. 6). Continua a autora que com isso se amplia a “visibilidade das possibilidades estéticas e cênicas da dança com corpos maduros”.

Por fim, Kelly Maciel Silva, em sua tese de doutorado **A dança circular no cotidiano da promoção da saúde da pessoa idosa**, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, para o Programa de Pós-graduação em Enfermagem da

UFSC, em 2017 propõe compreender a vivência da dança circular e sua relação com a Promoção da Saúde no cotidiano da pessoa idosa, foi um estudo de natureza qualitativa. Por meio da observação e das entrevistas semiestruturadas em uma amostra de 20 pessoas idosas, foi possível identificar que “o cotidiano das pessoas idosas que vivenciam a prática da dança circular torna-se mais positivo, amoroso e sensível”. Dessa forma, a dança colaborou com “a sensação de pertencimento ao grupo”. Esse estudo ainda concluiu que, através das danças circulares, a vida das pessoas idosas tornou-se um “espaço de trocas, de presença, do viver coletivo ligado a laços emocionais”, dessa forma estimulando as relações sociais e “ressignificando o viver”, assim promovendo a saúde da pessoa idosa.

O problema central desta pesquisa busca compreender como é possível, a partir do estudo da memória e da imaginação, criar uma metodologia para o ensino da dança para pessoas idosas que frequentam o Centro de Convivências da Terceira Idade da Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma SC. (AFASC). A AFASC completou 50 anos de história no ano de 2023, é uma Organização Social de caráter filantrópica e sem fins lucrativos que representa um papel importante na cidade. A entidade foi fundada pela então primeira dama do município Zulma Naspolini Manique Barreto no ano de 1973, desde então todas as primeiras damas assumem sua coordenação. Nessas cinco décadas a AFASC expandiu seus serviços e hoje conta com atendimento para mais de 15 mil pessoas por mês por meio dos seus serviços voltados para crianças, adolescentes, mulheres e pessoas idosas, principalmente em situação de vulnerabilidade social. Nesse trabalho, oferece as atividades como: Clubes de Mães, Grupos de Idosos nos bairros, oficinas no Centro de Convivência da Terceira Idade (onde faço parte do quadro de funcionários), Educação Infantil, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para crianças e adolescentes de zero a 17 anos, e ainda o Programa Ritmo e Saúde.

O Centro de Convivências da Terceira Idade (CCTI) possui em seu quadro de funcionários: professor de dança, psicólogo, assistente social, educador físico, pedagogo, técnico em informática, artesanato, música além da equipe de limpeza, administrativo e cozinha. Com essa equipe, atende em média duas mil pessoas por semana, com as oficinas de artesanato, vivências,

yoga, jogos de mesa, informática, aulas de pilates, funcional, violão, coral, dança para casais, dança coreográfica e ritmos. As aulas de ritmos com o professor Anderson conseguem alcançar cerca de 70 pessoas idosas por dia.

A partir da problemática do estudo, consegui construir o objetivo geral da pesquisa: compreender e investigar a possível atuação da memória e da imaginação nos processos de elaboração de uma metodologia para o ensino da dança para pessoas idosas. Como objetivos específicos, defini os seguintes: 1) investigar como a memória e a imaginação das pessoas idosas auxiliam nas aulas de dança; 2) analisar a influência da memória e da imaginação no ensino da dança para idosos que participam das oficinas de dança da AFASC; 3) descobrir como as vivências do passado podem influenciar no aprendizado da dança para este grupo de pessoas hoje; 4) criar uma proposta metodológica para facilitar o ensino da dança a idosos.

A metodologia desenvolvida neste estudo foi definida a partir dos objetivos destacados acima. Assim, inicio fazendo um levantamento bibliográfico para referenciar alguns conceitos e melhor entender a pessoa idosa sem treinamento em dança, o corpo da pessoa idosa, a dança e a pessoa idosa, a memória e as pessoas idosas. Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, por ater-se a interpretar os significados. Define-se como descritiva, por ser uma pesquisa de campo atenta à observação sistemática dos fatos e que descrevem uma realidade, e também autodescritiva, pois faz-se necessário ir e focar nas razões de relações da dança, pessoa idosa, memória, imaginação, utilizando-se de métodos que preconizam o diálogo, coletando informações através de conversas e de falas espontâneas durante as aulas de dança.

Para melhor desenvolvimento da pesquisa, utilizarei a história oral como metodologia de pesquisa e também autoetnográfica para, dessa forma, coletar e analisar as narrativas feitas pelas pessoas idosas participantes da pesquisa, entendendo e compreendendo melhor as falas, as memórias e seu significado para elas. A opção pela história oral como um método de acesso às falas das pessoas idosas permite acessar as memórias compartilhadas em um local excepcional para que as experiências no processo de envelhecimento se revelem através de uma percepção individual.

Sabe-se que o Brasil há muito tempo deixou de ser um país de jovens e passou a ser um país também de idosos e idosas. Em 2015, surgiu-me a oportunidade de lecionar dança na AFASC, e lá estava eu iniciando minhas aulas com entusiasmo. Na primeira aula percebi que o entendimento sobre ensino da dança para as pessoas idosas requer uma compreensão além daquela que eu havia buscado durante minha trajetória. Logo, quem estava aprendendo e redescobrando uma nova forma de trabalhar a dança era eu.

Nesse sentido, dei-me conta de que o estudar, a formação continuada precisa ser uma atividade frequente à qual o professor deve estar alerta e capacitado para a estruturação do saber. Vera Lúcia Simão pontua que há que se dedicar e construir atividades cognitivas e imaginárias de modo que se possam criar recursos reveladores com execução de atividades para a aquisição de conhecimento (Simão, 2012). Ressalto isso, pois ensinar dança às pessoas idosas também requer muita dedicação, os professores precisam buscar esse conhecimento de várias formas para estimular o aprendizado.

Inserido nesse panorama, tenho buscado novas formas de atuação que partem do meu imaginário para trabalhar a dança com alunos de idade avançada. Assim, busco utilizar uma metodologia própria para este público que possa mediar o conhecimento dos gestos e expressões na expectativa de despertar o movimento transpassado e atravessado de sentimentos nos alunos. Este trabalho justifica-se, portanto, em seu potencial social e cultural. Uma pesquisa envolvendo ensino de dança com idosos e pessoas envolvidas com grupos de terceira idade representa um desafio no campo da educação ao tocar questões como identidade, arte, imaginação, corporeidade e diálogo intergeracional.

Conforme nos ensina Paulo Freire (1978), o diálogo é essencial entre educador e educando, e sendo um encontro benéfico para os dois, ambos se tornam elementos importantes no processo em que crescem juntos e não pelo mero ato de aplicar ideias ou vozes de comando. Através dos diálogos com as pessoas idosas através das histórias contadas nas aulas era possível estabelecer o entendimento quanto ao movimento proposto.

Juan Ignácio Pozo (2003) também confirma que a aquisição de conhecimento ocorre a partir dos diálogos entre os integrantes da aula, método que ele caracteriza como de aprendizagem social e que procura descrever

como sendo a aquisição de pautas de comportamento e de conhecimentos relativos às relações sociais. O autor destaca que, pela prática do diálogo social, o aluno tem uma perspectiva de aprendizagem e de mudança de atitudes, valores, normas etc. que são obtidos como decorrência de pertencer a certos grupos sociais.

Freire (1978) sugere que os professores e os alunos necessitam se abraçar como personagens da criação do conhecimento. Os conhecimentos que cada sujeito traz para a sala de aula vêm como recurso de poder e de participação de modo a legitimar o conhecimento apresentado. No caso particular de minha experiência com ensino de dança para idosos, minha curiosidade aumentava porque, ao recordar simples movimentos como andar de bicicleta, andar no trilho do trem, isso facilitava a compreensão dos idosos ao aprenderem algum movimento de dança.

Refletindo sobre o que poderia se tornar um caminho na busca do entendimento, percebi a importância que trazia o comentário de uma aluna ao dizer: “Professor, esse passo de dança me lembra quando eu era pequena e brincava de andar nos trilhos de trem que tinha perto da minha casa”. Desse momento em diante, foi possível perceber que as pessoas idosas guardam muitas lembranças do passado e suas memórias estão cada vez mais presentes no seu dia a dia por vários fatores. Viviane Maria Candiotto (2016) nos apresenta coloca em sua dissertação que a memória representa falar de lembrança, de história, de tempo vivido e de esquecimento. Durante essas lembranças e esquecimentos, elaboramos um passado que nos representa como seres humanos.

De acordo com Olga de Rodrigues Moraes Simson (2003), memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e transmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos: voz, música, imagem, textos etc. Para Eclea Bosi, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, como imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (1994, p. 55). De acordo com a autora, a lembrança é a “sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens – lembranças. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios” (1994, p. 53).

Sendo assim, entendo que muitos idosos trazem essas marcas em suas memórias, e a partir delas podemos descobrir o que cada um traz consigo e como elas podem ajudar durante a prática da dança. Para Ana Zélia Belo e Roberta Gaio:

A dança permite ao ser humano vivenciar momentos de alegria, de liberdade, de euforia e também de poder, à medida que possibilita transcender alguns limites do corpo. Sendo uma manifestação humana, percebemos que os corpos que dançam são tatuados enquanto marcas da história, independente de gênero, classe social, faixas etárias e deficiências, apresentando-se como espelho de uma sociedade, que atualmente discute e luta por inclusão social. (Belo; Gaio, 2007, p. 129)

E foi a partir dessas experiências que cada corpo procurei compreender e, assim, identificar formas mais inclusivas para aprimorar o ensino da dança ao idoso. Durante as aulas de dança, notava que o idoso sentia o despertar de emoções junto das quais vinham as lembranças, e a partir delas as memórias se manifestavam através das suas histórias contadas. Para Carla Wintter *et al.* (2013), dançar desperta emoções positivas, prazer e socialização. São esses fatores que motivam o indivíduo a dançar. Para Bosi (1994), a memória vai-se transformando e fica cada vez mais intensa na velhice.

Foi a partir das anotações das vivências feitas ao fim de cada aula que percebi um enriquecimento profissional e o caminho para um futuro entendimento de como poderia facilitar o aprendizado do idoso na arte da dança. Pude identificar que as emoções, os sentimentos, a criatividade e a imaginação seriam partes muito importantes na construção do conhecimento.

Diante dessa situação, iniciei um aprender a dançar pelo processo imaginativo. As coisas aconteciam de forma natural após eu criar uma história para estimular a imaginação, e a memória das pessoas idosas que entravam na brincadeira ia sendo ativada ao ponto de realizarem o movimento do passo solicitado e muitas vezes recordarem momentos vividos, isto é, movimentos corporais semelhantes feitos no passado.

Ilan Brenman (2017) afirma que todo ato humano é antecipado de atividade imaginária, antes de fazer algo o ser humano imagina. A imaginação não seria uma habilidade necessária somente para se fazer literatura ou arte, mas está envolvida em todos os atos do indivíduo, inclusive no

desenvolvimento humano como um todo, nos fazeres científicos e acadêmicos. É nessa direção que vão os estudos de Lev Vygotsky.

De acordo com Beatriz Teixeira Back (2019), a imaginação evoca um papel de conciliação entre o conhecimento sensível e o conhecimento lógico do pensamento, ela é motivadora para estabelecer um elo entre o mundo exterior e o mundo interior. A imaginação é essencial na evolução do saber, encarregada de conectar a razão e a experiência, ação extra que colaboram para esse desenvolvimento. A estrutura proposta por C.S. Lewis na sua literatura, segundo Gabriele Greggersen (1999), inicia-se na experiência viva e real interpretada e armazenada pela linguagem imaginativa, que deseja criar mais e mais meios de entendimento ao ser humano.

Para alcançar melhor o entendimento deste estudo, ele está dividido em capítulos que comentarei a seguir. No capítulo 1, denominado “O idoso e a corporeidade na diversidade cultural humana”, destaco primeiramente o entendimento da sociedade sobre o que é ser uma pessoa idosa. Procuro apresentar o entendimento das instituições e o Plano Internacional de Ação de Viena sobre o Envelhecimento, que foi o primeiro instrumento internacional que forneceu uma base para a formulação de políticas e programas sobre o envelhecimento. Ao longo deste capítulo, abordarei o envelhecimento da população brasileira, suas políticas públicas e a importância do envelhecimento saudável.

Com o crescimento da fecundidade, o aperfeiçoamento da medicina, a variação socioeconômica e os avanços tecnológicos, tudo possibilitou às pessoas alcançarem a longevidade com qualidade de vida. Logo, a redução da natalidade e a elevação da expectativa de vida seriam os motivos específicos para o envelhecimento da população e a longevidade, principalmente no Brasil. Sendo assim, percebemos a inversão da base da pirâmide etária, na qual temos mais pessoas idosas e menos crianças nascendo. Por fim, refletimos sobre a sociedade capitalista e o idoso e a dificuldade dessa sociedade em aceitar as pessoas idosas em seu meio.

Nesse mesmo capítulo, ainda reflito sobre o desenvolvimento da compreensão do corpo humano na sociedade. Assim, percebe-se o que Maria Raquel Barbosa, Paula Matos e Maria Emilia Costa (2011) relatam em seu estudo sobre a valorização do corpo forte, saudável e jovem desde a Antiga

Grécia. Com o passar dos anos, a sociedade foi tendo vários olhares sobre o corpo por influência principalmente das religiões, das ciências e com a chegada da revolução industrial e tecnológica.

Sendo assim, pode-se afirmar que, no transcorrer da história, os corpos se sujeitam a muitas situações que originam mudanças principalmente na estrutura física, por várias razões que o mundo moderno e a sociedade buscam para reestruturar sua identidade em seu meio. Destaco também como a sociedade baseada no capital e na produção de bens de consumo influencia o lugar do idoso e, dessa maneira, envelhecer passa a ser algo distante do ideal e essa formação de sentido negativo pode se dar devido às ações do meio social, à situação econômica e às manipulações das mídias. Por fim, abordo a importância de aceitar o envelhecimento e a mudança corporal.

No capítulo 2, nomeado “A dança na história e na experiência da pessoa idosa”, trago um pequeno panorama da história da dança e suas transformações na sociedade, o modo como a dança se constrói nos corpos das sociedades. Abordarei também as danças no Brasil a partir dos indígenas, que foram os primeiros habitantes a dançar nestas terras. Refletirei sobre a dificuldade de termos nossa própria história da dança, a influência das outras culturas que chegaram com a imigração e transformaram a história da dança brasileira. Destaco a dificuldade de construir nossa identidade na dança por influência da política de determinada época, também reflito como a mídia tem um poder de manipulação sobre a dança e como as pessoas idosas se aproximam da dança pelas mídias, seja como forma de recreação, seja para construir novas relações etc. Dessa forma, a arte dança teria a função de modificar e oferecer um cenário de diferentes oportunidades.

Sendo a dança a arte do movimento, ela expressa uma experiência inaugural na vivência e na formação humana do corpo. Assim, podemos perceber o quanto a dança tem a capacidade de transformar a vida das pessoas e, particularmente, as pessoas idosas, além de possibilitar viver melhor sua longevidade. A experiência dessas pessoas idosas que participam dos grupos pode não corresponder com a realidade de toda população idosa do Brasil, mas demonstra que esse momento da vida pode ser marcado pela satisfação e por experiências de alegria. Cada momento da vida deve ser

valorizado e bem vivido, possibilitando as pessoas idosas a continuarem tendo objetivo, desenvolverem-se como pessoas e criarem trocas de experiências.

O capítulo 3, denominado “A memória, a identidade e a imaginação da pessoa idosa”, inicia-se apresentando alguns conceitos de memória e o quão recente são as pesquisas que utilizam a memória. Vamos observar as diferenças de lembranças, memória e as histórias, destacando aqui a importância que traz para as pessoas idosas o contar as histórias, como isso reflete no seu bem-estar em se sentir parte da sociedade. Nesta parte também analisarei as memórias individuais e coletivas e como elas se constroem durante o processo de caminhada da vida das pessoas. A partir dessas memórias, compreende-se como as pessoas fazem a seleção de suas recordações dos momentos da sua vida. Pode-se, assim, verificar que a memória está em constante transformação, em um diálogo de lembranças e esquecimentos constantes. Ela é a história vivida e retransmitida aos grupos vivos é conhecimento levado aos mais jovens.

Sendo assim, ao estudar a memória percebe-se que ela é uma ferramenta social de construção coletiva, pela qual o grupo recorda o passado diante dos acontecimentos do presente. Dessa forma, será possível verificar como a memória e a identidade apresentam uma intensa ligação, principalmente no aspecto das ideias sociais e que ao compartilhar uma memória comum e uma identidade com outras pessoas estamos formando um ajuste cultural. Os acontecimentos do dia a dia não são apenas uma rotina ou repetição, mas concepções e conceitos que organizam e elaboram um mundo comum.

Em seguida, dialogarei sobre identidade, sua formação por meio da memória e sua constituição coletiva. Analisarei o papel da identidade como algo não definitivo, mas como um meio de identificação. Dessa forma, podemos perceber nossas identidades e suas diferenças, pois pertencemos a vários grupos de diferentes formações culturais, formada no decorrer do tempo. E ao longo do tempo a pessoa idosa construiu suas diferenças e descobriu novas formas de atuar e estar nesta sociedade. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, “a identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representados” (2000, p. 7). Assim fica claro identificarmos a transformação da identidade das pessoas idosas, pois através

das falas e das diferenças entre as pessoas encontradas durante sua trajetória, descobrem novas maneiras de conviver na sociedade. Logo, podemos imaginar o quanto que as pessoas idosas buscam na sua história reafirmar sua identidade, mas na verdade estão reconstruindo novas identidades. Assim, aquilo que configura ser simplesmente uma justificativa sobre o passado e a reafirmação da real história, pode nos dizer mais sobre a nova “posição-de-sujeito” (Hall, 2002, p. 10).

Na sequência, refletindo sobre a imaginação das pessoas idosas e como ela pode transformar o ensino da dança dessa parte da população. Através da história, a nossa imaginação viaja para locais incríveis, onde conseguimos brincar com nossos sonhos, vencer medos, além de provocar o prazer de imaginar. Assim, acreditamos que o prazer de imaginar e acreditar na história contada durante a aula leva a pessoa idosa a se entregar para a dança e desta forma realizar aquele movimento.

A imaginação é essencial na evolução do saber, encarregada de conectar a razão e a experiência, ação extra que colabora para esse desenvolvimento (Back, 2019). Como enfatiza Vygotsky (2012), toda imaginação se forma de elementos tomados da realidade presente na experiência anterior da pessoa. Logo, penso que nesse caso do ensino da dança, a imaginação aparece como estando diretamente ligada às experiências que as pessoas idosas vivenciaram.

O capítulo 4 apresento a “Metodologia da pesquisa: ensinando e aprendendo a dançar com o corpo, a memória e a Imaginação”, que inicia-se apresentando um pouco da história dos povos africanos, dos quais se originou a humanidade e que por milênios utilizou a oralidade como ferramenta para repassar os conhecimentos às futuras gerações. Com o passar dos anos, os estudiosos perceberam a necessidade de registrar esses conhecimentos, pois os saberes estavam sendo perdidos, já que os mais jovens estavam buscando outros caminhos. Diante desses acontecimentos, a busca por uma ferramenta para fazer os registros do conhecimento aprendido era fundamental, para manter a cultura viva.

A metodologia da história oral é uma das que mais se aproxima do trabalho, desenvolvida através de entrevistas e coleta das falas espontâneas das pessoas idosas aprendizes da dança. Foi na década de 1970 que a história

oral ganhou força no Brasil, principalmente no campo das ciências humanas, e está conquistando cada vez mais reconhecimento no campo da pesquisa. Hoje a história oral possibilita termos acesso a uma realidade relatada pelas pessoas protagonistas de sua própria história, às vezes vítimas de certas injustiças e agravos sociais, sempre como forma de resistir, de se autoafirmar, de se relacionar com o coletivo.

Também enriquecer o estudo com a metodologia autoetnográfica já que esta vai se aproximar das vivências do pesquisador, sem falar nos fatores que aparecem durante o estudo e precisam ter um entendimento profundo das falas dos pesquisados. Dessa forma, através dessa metodologia posso refletir sobre as falas dos idosos ao relatar momentos durante as aulas de dança, eles provavelmente selecionam fatos ocorridos pretendendo destacar os momentos mais relevantes no decorrer das suas vidas.

A população pesquisada consiste em pessoas idosas com mais de 60 anos sem conhecimento prático de dança que frequentam as oficinas de ritmos no Centro de Convivências da Terceira Idade da AFASC. Dessa população, vamos entrevistar dose idosos que aceitaram participar da pesquisa e também coletar algumas falas que acontecerão durante as oficinas. Opto por esse espaço por já atuar como professor, e para este estudo precisava estabelecer um vínculo mais próximo com as pessoas que seriam ouvidas para obter a confiança necessária para que eles falassem abertamente sobre suas memórias. Para isso, utilizo a coleta dos depoimentos na forma de perguntas semiestruturadas do tipo: Durante a aula, fazia perguntas-chave para estimular suas falas como essas: Como era andar de bicicleta? Como era pegar a fila do banco? Como era brincar de andar no trilho do trem? Enfim, perguntas que serviram para que os participantes se lembrassem de algum momento e, assim, eu conseguisse chegar ao passo de dança a ser ensinado.

Assim sendo, este estudo envolve educação, arte, dança, corpo, memória, imaginação e pessoa idosa. Ao longo do trabalho, tive acesso a muitas narrativas e, mediante um olhar crítico e reflexivo, consegui adquirir muitas experiências para buscar contribuir para o ensino da dança das pessoas idosas.

O capítulo 5 apresentará a análise dos dados a partir das anotações dos depoimentos dos participantes. Graças a essa aproximação com os

entrevistados, não encontrei maiores dificuldades em colher os depoimentos, apenas foi necessário munir-me de sensibilidade, amabilidade e disponibilidade para ouvi-los. Já durante a seleção para entrevista tive uma certa restrição, pois eles alegavam medo de falar algo errado e não queriam ficar sozinhos, visto que a entrevista era individual. Optei por não revelar a identidade dos entrevistados. Serão utilizados, se necessário, nomes fictícios.

Ao final de cada aula, anotava minhas observações que possibilitavam a aquisição de dados que contribuíssem para um futuro entendimento das falas. As anotações não eram apenas um documento descritivo, eram anotações com fins práticos, considerando minhas impressões sobre as minhas ações como professor e o idoso aluno e as relações reveladas durante as aulas.

Outro instrumento que utilizamos foi a entrevista semiestruturada que podem trazer vários questionamentos. A partir dos depoimentos e das transcrições anotações das entrevistas, estas realizadas em dias e horários preestabelecidos com os participantes do estudo e aplicadas pelo pesquisador em local privado e calmo, foram gravadas de forma digital e transcritas na sua integralidade, respeitando os princípios éticos e orientadores. Logo, comparando com os referenciais e discussões teóricas, buscava esclarecer o processo de ensinar a dança por meio da memória e da imaginação. Transformar essas palavras em vivências incorporadas ao momento de ensino me fascinava ao perceber os métodos utilizados e as relações interpessoais estabelecidas com as pessoas idosas. Ao contar suas histórias, eles também podiam ouvir-se e, ao se ouvirem, acabavam por compreender melhor suas próprias histórias e o movimento novo da dança.

As estratégias artísticas em dança devem caminhar lado a lado com as estratégias educacionais, pois compreendo que estas conseguem, a partir das semelhanças construídas entre os participantes, estimular princípios como diversidade, generosidade e compartilhamento (Souza, 2020).

Ao final do trabalho, apresento as considerações finais desta pesquisa, com algumas reflexões, contribuições e sínteses das principais descobertas feitas durante o estudo. Também apresento uma proposta metodológica para o ensino da dança para pessoas idosas.

1 O IDOSO E A CORPOREIDADE

Vivemos em um mundo onde o entendimento do que é ser uma pessoa idosa na sociedade recebe vários olhares. Aceitar o corpo envelhecido é algo que incomoda a muitos, apesar de a maioria das pessoas sonhar com a longevidade. O envelhecimento é perceptível nos cabelos brancos, nas rugas, na perda da força física da maioria das pessoas. É notório que os corpos de todas as pessoas apresentam modificações com o passar dos anos, mas a partir da leitura deste capítulo vamos perceber que o significado que essas mudanças irão ter é específico de cada formação social e momento histórico vivido. Ao longo deste capítulo, vamos também abordar o envelhecimento da população brasileira, as políticas públicas e a importância do envelhecimento saudável. Por fim, vamos trazer algumas considerações sobre a aceitação do envelhecimento e da mudança corporal.

1.1 O IDOSO E A CORPOREIDADE NA DIVERSIDADE CULTURAL HUMANA

O entendimento quanto ao envelhecer é diferente de acordo com as culturas e as épocas. Segundo expectativas da ONU (2022), o mundo atinge no dia 15 de novembro de 2022, a quantia de 8 bilhões de habitantes. Desse valor, pouco mais de 1,1 bilhão são idosos de mais de 60 anos, o que representa 13,9% da população total. De acordo com a ONU, entre os anos de 1950 e 2022 a população mundial triplicou e a população idosa sextuplicou. Logo, as pessoas idosas são o grupo etário que mais cresceu nos últimos 72 anos e vai continuar aumentando.

O envelhecer é um processo biológico que ocorre com todos os seres humanos desde o momento em que nascem; o que diferencia é o entendimento que cada sociedade tem sobre o que é ser velho. O Plano Internacional de Ação de Viena sobre o Envelhecimento é o primeiro instrumento internacional que fornece uma base para a formulação de políticas e programas sobre o envelhecimento. Percebendo a carência de atenção de uma fatia da população mundial que aumenta rapidamente, a Assembleia Geral das Nações Unidas estabeleceu, em sua resolução 33/52, de 14 de dezembro

de 1978, solicitando, em 1982, Assembleia Mundial sobre Envelhecimento. O objetivo da Assembleia foi de auxiliar a “iniciar um programa internacional de ação que visa a garantir a segurança econômica e social das pessoas idosas, assim como oportunidades para que essas pessoas contribuam para o desenvolvimento de seus países” (ONU, 1982).

De acordo com Shirley Donizete Prado (2002), a criação do termo “terceira idade” é muito atual no mundo ocidental. Com o crescente envelhecimento da população a partir do século XX, na década de 1970 as necessidades dessa população começam a ser atendidas por instituições e agentes especializados que são assistidos como vítimas da marginalização e da solidão.

Com a construção sócio-histórica do envelhecimento, surge simultaneamente uma área de conhecimento que irá se preocupar em estudar a população de idosos: a gerontologia. De acordo com Viviane Xavier de Lima e Silva, Ana Paula de Oliveira Marques e Jorge Luiz Cardoso Lyra Fonseca (2009), embora os primeiros estudos científicos sobre o envelhecimento tenham surgido no século XIX, só no século XX é que tivemos um profundo interesse pelo assunto, quando pesquisadores franceses fundamentaram as práticas modernas sobre o envelhecimento, no entanto a geriatria só surge como especialidade médica no século XX. Dessa forma, esse saber geriátrico se manifesta nas necessidades da sociedade, tornando-se histórico e socialmente construído.

Estamos acompanhando um acontecimento importante: o envelhecimento da população brasileira. Diante disso, estamos muito próximos do número de idosos superar o de pessoas jovens. Logo vamos ter outras necessidades, novos costumes e interesses da população. Segundo Gabriella Moraes Duarte Miranda, Antônio da Cruz Gouveia Mendes e Ana Lucia Andrade Silva (2016), o Brasil iniciou em 1970 a mudança da sua característica demográfica, quando passou a ser uma população principalmente urbana, com poucos filhos e família estruturada, deixando de ser uma população rural, tradicional, com muitos integrantes e com elevado risco de morte infantil.

Passamos a ter uma sociedade principalmente de pessoas jovens em um passado não tão distante; observamos hoje um elevado número de pessoas com 60 anos ou mais. Atualmente, muito se fala sobre o

envelhecimento e crescimento da população idosa, e de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Estatuto do Idoso (2003), Lei n. 10.741/03, no art.1º, a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos é considerada idosa.

A providência do Estado, junto com a sociedade, foi a aprovação da Política Nacional do Idoso (PNI), por meio da Lei n. 8.842/1994, regulamentada pelo Decreto n. 1.948/1996, sendo esse um movimento necessário para garantir os direitos sociais da população idosa. Segundo a Política Nacional do Idoso (2010), o art. 1º da Lei n. 8.842/1994 “cria condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. Entretanto, já se passaram mais de 20 anos da sua aprovação, a população idosa aumentou consideravelmente, as demandas por políticas públicas se intensificaram, mas pouco se sabe sobre a efetividade e sobre as dificuldades e as ausências.

No ano de 2016, pesquisadores Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano e Karla Cristina Alcântara Giacomini (2016) organizaram o livro **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**, que tem o objetivo de analisar a PNI, os seus avanços em relação à proteção social e inclui também a descrição das condições de vida dos idosos no Brasil até 2014. Os autores definem como idoso a pessoa com mais de 60 anos, de acordo com a PNI.

Eliane Cardoso, Thais Peres Dietrich e André Portela Souza (2021), no texto “Envelhecimento da população e desigualdade”, revelam um entendimento contrário sobre a ideia que define a pessoa idosa. Segundo os pesquisadores, a pessoa idosa é retratada como um acontecimento biológico, mas isso vem se alterando com o tempo. Eles propõem identificar as diversas formas de envelhecer, entre elas os idosos que se preparam financeiramente e podem manter uma qualidade de vida ativa e o idoso que não conseguiu se organizar para a aposentadoria muito menos participar de atividades sociais.

A longevidade já foi considerada algo difícil de alcançar, hoje ela faz parte da vida da maioria das sociedades, inclusive em nosso país. Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nas últimas três décadas, no Brasil, houve uma considerável redução das pessoas mais jovens consideradas a base da pirâmide etária, e a expansão do ápice está sendo representada pelos mais idosos.

Estima-se que em 2050 existirão no mundo cerca de dois bilhões de pessoas com sessenta anos ou mais, a maioria vivendo em países em desenvolvimento. A população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017. O Brasil possui mais de 28 milhões de pessoas nessa faixa de idade, representando 13% da nossa população, e esse número pode dobrar nas próximas décadas, segundo a projeção da população divulgada em 2018 pelo IBGE (2021).

Segundo o IBGE (2023), o Censo Demográfico de 2022 apontou que a população de pessoas idosas com mais de 65 anos no Brasil alcançou 10,9% da população, ou seja, 22.169.101 pessoas, se comparado com a pesquisa de 2010 está população cresceu 57,4%. Destaco aqui que não temos os números das pessoas idosas a partir dos 60 anos como foi citado nos dados anteriores. Logo esses números podem ser muito maiores, assim o grande problema pode estar por vir, se nenhuma política pública for feita para conscientizar as pessoas.

Para Marília Ceccon Salarini Rosa (2020), através desses números podemos ver e testemunhar o fenômeno do envelhecimento da população nas ruas, no transporte e locais públicos, como as academias. Na vizinhança e em nossas famílias já não é incomum termos pessoas com mais de 80 anos ou até mesmo centenárias. “Todos os setores da sociedade são afetados por essa nova realidade que impõe um permanente estado de atenção ao surgimento de novos comportamentos, desejos e demandas desses indivíduos” (Rosa, 2020, p. 164).

Para muitos, o envelhecimento é um momento da vida marcado pela diminuição das capacidades funcionais, dificuldade em realizar as Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD), como: fazer compras, usar telefone e realizar trabalhos domésticos, entre outras coisas. No entanto, esses acontecimentos podem variar entre as pessoas, e o Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde da OMS aponta que a necessidade dessas pessoas advém dos “eventos que ocorrem ao longo de todo curso da vida e frequentemente modificáveis, ressaltando a importância do enfoque de ciclo da vida para se entender o processo de envelhecimento” (OMS, 2015, p. 3).

O crescimento da fecundidade, o aperfeiçoamento da medicina, a variação socioeconômica e os avanços tecnológicos possibilitam às pessoas alcançar a longevidade com qualidade de vida. Segundo Rosa, “[h]oje vivemos o fenômeno inédito do envelhecimento da população e da longevidade” (2020, p. 1). Acrescenta a autora que certamente esse acontecimento trará muitos benefícios e adversidades para os vários setores da sociedade.

Para Ana Amélia Camarano, a redução da natalidade e a elevação da expectativa de vida seriam os motivos específicos para o envelhecimento da população e a longevidade no Brasil. O autor ressalta que “é comum desagregar esse segmento populacional em dois subgrupos etários: de 60 a 79 anos e de 80 anos e mais, esse último categorizado como mais idosos” (2002, p. 10). E esse grupo de mais idosos é o que mais benefícios alcança através da medicina e da tecnologia.

Para Alcântara, Camarano e Giacomini (2016), a velocidade do envelhecimento brasileiro e outras mudanças sociais em andamento precisam não só de uma avaliação concreta dos princípios legais, mas também da sua relevância atual, bem como o dever de levar em conta novas demandas. Além do mais, os autores argumentam que várias políticas não atendem aos direitos, principalmente a saúde e a educação, que são fundamentais para a socialização dos idosos.

Percebe-se o aumento significativo de idosos procurando alternativas para uma vida mais saudável. Diante disso, as autoras Angelica Gonçalves Silva Belascol e Meiry Fernanda Pinto Okuno, em “Realidade e desafios para o envelhecimento”, relatam que, “para a maioria dos idosos, o envelhecimento saudável é um processo que permite a manutenção da capacidade funcional, além da ausência de doença ou o controle das mesmas” (2019, p. 2). Essa tendência do envelhecimento saudável é perceptível em todo o mundo, não só no Brasil. Aqui demorou mais do que em outros países para acontecer e, segundo o IBGE (2021), a saúde, o trabalho, a assistência social, a educação, a cultura, o esporte, a habitação e os meios de transporte teriam de ser garantidos para a melhor qualidade de vida dessa população, para que tenham um envelhecimento saudável. O IBGE ainda acentua que esses direitos são garantidos pela Política Nacional do Idoso e pelo Estatuto do Idoso,

documentos que servem de referência para as políticas públicas de modo a promover uma verdadeira melhor idade.

Sob o mesmo ponto de vista, Luiz Roberto Ramos (2003) destaca a ideia do envelhecimento saudável sendo resultado da inter-relação entre saúde física, mental, independência na vida, relação social, apoio familiar e independência financeira. Certamente, viver mais e com qualidade é o propósito de todos os seres humanos, mas as transformações biológicas decorrentes do envelhecimento são obstáculos a serem vencido por todos.

Segundo Silva, Marques e Fonseca (2009), em virtude de o ciclo da vida ser definido pelas sociedades modernas ocidentais, onde as faixas etárias têm a função de determinar o rumo da vida, entendemos que a sequência natural: infância, adolescência, vida adulta e velhice são pertencentes a todos os humanos e todas as culturas. Além disso, as autoras afirmam que, na ocasião em que se formam ciclos etários para representar a vivência humana, pode-se destacar alguns e desfavorecer outros, de acordo com a organização ideológica e política presente na sociedade.

Para Silva, Marques e Fonseca (2009), em uma sociedade organizada pelo capital, pelo consumo, pela produção e onde a juventude é valorizada, o lugar social fadado ao idoso tem um significado negativo. Além do mais, na sociedade contemporânea o corpo tem uma importância que desfavorece ainda mais o idoso, pois é associado à doença, à invalidez e à senilidade. O envelhecer afasta a ideia de corpo perfeito, enquanto a juventude é associada à saúde e à beleza.

De acordo com Mendonça *et al.* (2021), para o sistema capitalista o significado da velhice seria a oposição ao lucro e à produtividade humana. Para o sistema capitalista, a velhice é taxada como um prejuízo na sociedade que visa ao lucro. O autor ainda acrescenta que, na pesquisa realizada,

Aos idosos com perdas de capacidade e incapacidades recaem altos índices de negligência pública e privada. Isso exige implementação de políticas específicas para a velhice, devido ao aumento tendencial de uma categoria de idosos os dependentes. (Mendonça *et alii*, 2021, p. 1)

Segundo Simone de Beauvoir, nossa sociedade identifica a pessoa idosa com algo “vergonhoso”, assunto do qual se evita falar. A autora ainda

acrescenta que na literatura pouco se comenta sobre a “velhice”, mas sobre as crianças, os jovens e as mulheres existem muitos temas abordados (2018, p. 6). Para a autora, nossa sociedade hoje está “subordinada”, apoiada no lucro, o ser humano só importa enquanto produz. “Depois, é jogado fora”. Dessa forma, a aposentadoria pode ser pensada como o fim de um ciclo, quando o idoso é liberado de todas as pressões do trabalho que a sociedade impõe. Mas, por outro lado, “ele é condenado a vegetar na solidão e no enfado, decadência pura” (Beauvoir, 2018, p. 11).

A partir de todas as leituras é possível perceber que muitos sábios, filósofos, escritores estabelecem geralmente o ápice da pessoa no meio da sua vida. Outros acreditam que a velhice seria a época “privilegiada da existência”, segundo Beauvoir ela traz “a experiência, sabedoria e a paz” (2018, p. 18). Dessa forma, ao analisar as falas da pessoa idosa, percebo que ela mesma não consegue ver suas qualidades, talvez por não ser algo visível, palpável. A grande maioria das pessoas idosas relata o corpo, a saúde física como algo primordial, pois não conseguem realizar tarefas que durante a juventude eram comuns.

Para a autora, “cada sociedade cria seus próprios valores”, o que confirma o que falamos acima: como a pessoa idosa vai valorizar sua experiência, sabedoria e a paz, se a sociedade em que vive não valoriza essas qualidades? Portanto, seria interessante que todos os educadores levantassem esse tema para formar novos olhares sobre a pessoa idosa. Logo, entendermos que “a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural” (Beauvoir, 2018, p. 18).

A autora ainda destaca que a pessoa idosa conquista com os anos “qualificações” que podem transformá-la em alguém muito importante, pois “a comunidade humana primitiva” demanda um saber que a tradição oral pode disseminar. “Graças à sua memória, o idoso é depositário da ciência, se conserva a lembrança do passado, ele suscita o respeito” (Beauvoir, 2018, p. 50).

O assunto do envelhecimento da população nos dias atuais evidencia as preocupações intelectuais e as políticas das sociedades capitalistas diante de um fenômeno demográfico e cheio de problemas econômicos, sociais,

políticos, culturais e éticos que preocupam o compromisso com os direitos humanos (Mendonça *et al.*, 2021). Se por um lado o envelhecimento da população é um enorme avanço da medicina e da saúde pública, com uma nova cultura de respeito às diferenças, garantidas por leis e políticas públicas, por outro esse progresso é considerado como um obstáculo para o crescimento econômico (Mendonça *et al.*, 2021).

É notório que os corpos de todos os seres humanos apresentam modificações com o passar dos anos, mas o significado que essas mudanças adquirem é específico de cada formação social e momento histórico. Assim também ocorre com a velhice, os períodos da vida que a antecedem e a própria ideia de ciclo de vida é socialmente construído.

É por isso que este estudo sobre as pessoas idosas procura discutir ao máximo o tema, sendo nosso desejo trazer o assunto para a área da educação, tentando esclarecer a condição atual da pessoa idosa. Sabemos que o envelhecimento é uma realidade que ultrapassa a dimensão biológica, como citado acima, esse destino é vivido de acordo com o contexto social. Assim destaca Beauvoir: “essa sociedade em questão, desvenda-se o sentido ou o não sentido de qualquer vida anterior” (2018, p. 14).

1.2 O ENTENDIMENTO DO CORPO ENVELHECIDO NA DIVERSIDADE CULTURAL HUMANA

“O corpo humano é como um arquivo dinâmico das experiências vividas por cada um de nós. Guardamos na memória corporal, vamos assim dizer, as marcas da personalidade, da história de vida, das atividades físicas que praticamos, do que pensamos e das emoções que sentimos.”
(Renata Bittencourt Meira)

É de conhecimento geral que o corpo humano é formado por muitas conexões celulares, possui uma precisão excepcional capaz de fazer registros e responder aos cinco sentidos básicos, adaptando-se aos vários ambientes de forma muito rápida. Portanto, sua existência se dá por meio da interação com o mundo, através das sensações captadas e da convivência com os outros seres. Por essa razão, podemos acreditar que o corpo humano é uma

verdadeira obra admirável, tornando-se ainda mais extraordinário por existir nele um ser que pensa, que sente, que através dos seus movimentos corporais nos representam através das identidades. Assim, podemos pensar em um corpo não apenas como veículo do ser humano no mundo, mas como expressão e confirmação da sua existência e da sua identidade.

Para Gabriela Di Donato Salvador (2013), o estudo do corpo e de suas escrituras conduz à sociedade, sobretudo em seus aspectos políticos, sociais e religiosos, uma vez que o corpo está diretamente relacionado com uma série de acontecimentos sociais e ideias morais que influenciam e, ao mesmo tempo, constroem a identidade das pessoas, ou seja, extrapolam a ideia de corpo anatômico e biológico. De acordo com Viviane Candiottto, “o corpo é um lugar de discussão intensa, ou seja, é o resultado do diálogo constante entre sujeito e o mundo que o cerca” (Candiottto, 2016). Muitos historiadores já escreveram sobre o homem e o corpo, na pré-história o homem já reproduzia de forma muito significativa as suas experiências diárias através de desenhos do seu corpo. Esses desenhos e objetos encontrados mostram a dependência do homem em relação à natureza e à maneira como apresenta o seu corpo.

O corpo é admirado desde muito tempo, algumas pinturas e esculturas encontradas valorizavam principalmente a representação em sua nudez com diferentes objetivos e simbologias étnicas culturais. O corpo tem sido associado a questões étnicas morais e estéticas que se modificam ao longo dos tempos com a sociedade, o que traz consigo significados inerentes em função dos valores sociais e culturais vigentes.

Para Lucia Santaella (2008), em meados do século XX o corpo deixou de ser uma simples representação e se transformou num tema, uma dificuldade que a arte tem explorado em toda a complexidade de aspectos. O movimento do modernismo foi muito importante para motivar a autonomia da criação e o desapego das formas tradicionais. Rosângela Fachel Medeiros (2009) afirma que o corpo começa a ser investigado e pensado como objeto, e é nas criações atuais que o artista descobre o corpo sensível. Na sociedade atual as pessoas buscam um padrão de corpo, identidade elaborada pela sociedade do consumo.

Segundo Canton, a busca pela forma física perfeita é uma ideia que habita o inconsistente dos dias atuais, “o corpo tem sido modificado de maneira

consistente, com intenções que respondem tanto a uma diferenciação, a uma singularização de determinado corpo” (2009, p. 35). Dessa forma, as diferentes culturas transformam seu pensamento de corpo, com objetivo de diferenciar-se e definir o grupo pertencente.

No transcorrer da história, os corpos se sujeitaram a muitas situações que originaram mudanças, principalmente na estrutura física do corpo humano, como na Grécia Antiga onde o corpo precisava ser forte principalmente para lutar, ou no presente momento quando a pessoa magra e jovem é sinônimo de beleza, de acordo com parte da sociedade influenciada pela indústria mercadológica do mundo moderno em que vivemos.

Segundo Maria Augusta Salin Gonçalves (1994), quando o ser humano de alguma forma interage com a sociedade, está atuando diretamente sobre ele, influenciando seu modo de pensar, agir, sentir, se expressar e viver. Diante disso, penso que cada corpo expressa e registra sua história de acordo com a sociedade e seus valores garantindo assim sua singularidade.

Para Candiottto (2016), é no corpo que se iniciam todas as ligações com o mundo, dessa forma havendo muitas relações em comum entre nós e os nossos antepassados, quando falamos em identificar a dimensão do corpo com o local de demonstrações da vida na sociedade.

Ao longo da vida, construímos nossa imagem, estabelecemos quem somos, do que gostamos, o que nos motiva por meio das informações que colhemos nas experiências e nas opiniões das pessoas. De acordo com Salvador (2013), ao estudar a cultura do nosso meio, compreendemos nosso corpo e podemos identificar, através do comportamento e da memória, as várias transformações do corpo que a sociedade estabeleceu. Diante dessa afirmação, podemos entender que transmitimos a história alterada das nossas gerações passadas e muitas vezes nos tornamos aquilo que nossos pais, familiares, amigos e a sociedade nos fazem acreditar que somos.

Tendo em vista que estamos inseridos numa sociedade em que a maioria pensa que o corpo envelhecido é algo negativo, é praticamente certo que eu entenda e transmita para os que estão ao meu redor que a velhice é o último estágio vida. Assim, precisamos mudar nosso pensamento sobre o corpo envelhecido e as futuras gerações não transmitam este conceito.

De acordo com Paulo Moacir Mesquita e Marlene Rodrigues Portella (2004), em uma sociedade baseada no capital, na produção e no consumo, a juventude acaba permanecendo no centro da situação, sendo assim o lugar social da pessoa idosa é visto negativamente. O corpo da pessoa idosa é visto como inválido, algo doente, próximo da morte. Envelhecer passa a ser algo distante do ideal, da perfeição do corpo, já que a juventude é vista como saudável belo e produtivo.

Durante uma aula de dança, procuro entender uma fala e o que escrevo até o presente momento, em que a idosa afirma que não consegue realizar alguns movimentos da dança, mas será que esse pensamento se originou nela ou foi imposto pela sociedade que a envolve? Dessa forma, o que precisamos mudar é o pensamento que ela traz dos antepassados e das pessoas com quem conviveu e ajudá-la a ter um novo entendimento sobre seu corpo envelhecido, ela precisa acreditar que pode estar ali também. Além do mais, as pessoas idosas encontram certa dificuldade em superar o entendimento do corpo atual; elas acabam reforçando o entendimento do corpo envelhecido como sendo algo negativo na sociedade presente. Essa formação de sentido negativo pode-se dar devido às ações do meio social, a situação econômica e as manipulações das mídias de acordo com o estudo de Temístocles Vicente Pereira Barros *et al.* (2016) intitulado “Capacidade funcional de idosos institucionalizados: revisão integrativa”.

Tendo em vista que as pessoas idosas têm esse entendimento do corpo, Tadeu João Ribeiro Baptista (2014) afirma que naturalmente elas imaginam o corpo ideal como sendo jovem, magro, saudável e feliz. Além disso, é necessário levar em conta que o corpo, ao envelhecer, não se faz totalmente ineficiente.

Segundo Edilane Nunes Régis Bezerra no estudo “O envelhecimento feminino e as contribuições das atividades grupais para a saúde mental de mulheres idosas participantes de grupos de convivência”, o envelhecimento “é uma experiência diversificada e sujeita às influências de diferentes contextos sociais, históricos e culturais. Cada pessoa vivencia esta fase da vida de uma forma, de acordo com sua história particular” (2022, p. 1).

Diante disso, atendo-me a buscar outra pesquisadora do ser idoso e seu corpo, assim encontro no livro **A Velhice**, de Simone de Beauvoir (2018). Para

a autora, a condição do ser é compreendida na organização cultural, segundo ela ser mulher ou uma pessoa idosa afeta diretamente a ligação com o mundo. De acordo com a escritora, não aceitar o envelhecimento e suas transformações em nosso modo de ser e de se colocar no mundo é a decadência do nosso tempo. Em seu livro, a autora trata especialmente da forma como a socialização atua sobre o corpo e como a corporeidade existe no meio da repressão social de certas limitações, o que faz com que o sujeito se corporifique nesta história.

Relata Beauvoir (2018) que determinadas atitudes nos distanciam da oportunidade de viver a fase da velhice. O sonho do corpo perfeito, a representação da juventude reproduzida pelas inúmeras mídias faz do corpo envelhecido um instrumento que oficializa os vários discursos sobre o corpo. Quando Beauvoir (2018) menciona essa adversidade, ela verifica a corporeidade e a velhice como uma questão política e acima de tudo ética, anunciando a discriminação ocorrida contra as pessoas idosas na sociedade. A autora acrescenta que “o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence” (Beauvoir, 2018, p. 14).

Além disso, Beauvoir (2018) alega que não conseguimos ter uma vivência ampla da velhice, pois essa vivência inacabada da juventude geralmente é induzida pela opinião do outro, está por sua vez está ligada ao envelhecimento do corpo e ao seu irreversível declínio. A pesquisadora acrescenta que a senilidade é vivida principalmente no seu corpo construído na sua sociedade, podendo este ser retratado na sua exterioridade ou na interioridade, assim “o velho é o objeto de saber; para si mesmo ele tem de seu estado, uma experiência vivida” (Beauvoir, 2018, p. 15).

Sendo assim, o entendimento da consciência corporal não seria somente a questão do significado da velhice para o outro, mas uma preocupação em alterar as vivências e a compreensão materializada do outro e suas imagens, então envelhecer é oscilar no indefinido saber de si, diante do momento que vivemos.

Não seria apenas o corpo que nos reflete o início do envelhecimento, afirma a autora, mas uma vez que descobrimos que ele nos coabita isso provoca um desconforto que nos afeta. O decorrer do tempo nos assombra ao

surgir a senilidade, pois “ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades” (Beauvoir, 2018, p. 14).

Tendo em vista o que Beauvoir (2018) nos coloca, o corpo é o meu entendimento do mundo, exatamente por sua causa consigo ter uma compreensão da realidade. Isso se dá quando me coloco como uma pessoa idosa aos 20, 30, ou 40 anos, quando meu corpo ainda não possui semelhança com a senilidade e nem sofre pressão da absurda opinião da cultura atual. A negação surge por mantermos o envelhecimento afastado de nós. Ele diz respeito apenas aos outros, quando chega a nós não reconhecemos nosso corpo, cabe então nos reencontrarmos.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS NA DANÇA E NA EXPERIÊNCIA DA PESSOA IDOSA

“Não estou interessada em como as pessoas se movem, e sim naquilo que move as pessoas”.
(Pina Bausch)

A trajetória da dança tem sido contada por estudiosos há muito tempo, que propõem várias reflexões a respeito de momentos e contextos específicos da história. Segundo Antônio José Faro, “é difícil determinar hoje em dia quando, como e porque o homem dançou pela primeira vez. Há quem diga nas figuras gravadas nas cavernas de Laxcaux pelo homem pré-histórico, figuras dançando” (Faro, 1998, p. 13).

Ao lembrar de minha trajetória na dança, recordo quando pela primeira vez dancei a dança da quadrilha na escola, eu devia ter 10 anos. Também tenho uma foto que minha mãe tirou onde sou visto com dois anos de idade dançando no carnaval fantasiado de palhaço, fantasia que ela fez, ou melhor, tentaram me colocar para dançar, mas segundo ela e a foto comprova que nesse dia eu chorei muito, estava assustado com tudo o que estava vivendo naquele momento.

Então não sei se posso dizer que aos dois anos eu já dançava, mas posso afirmar com toda certeza de que meus pais me incentivaram a dançar desde muito pequeno, como fazem muitas famílias ao incentivarem seus filhos desde novos, pois a dança está na humanidade desde o tempo do “homem das pedras”, segundo os historiadores da dança Antônio José C. Faro (1998), Dalal Achcar (1998) e Paulina Ossona (1984). Por isso podemos afirmar que a dança é um bem histórico do comportamento da humanidade. Segundo Fabiana Dultra Britto (2008), cada corpo escreve sua própria dança, porém ela se constrói conforme os eventos expostos em cada momento histórico e os modelos de corpo associados para determinar suas relações com a sociedade. Como ela afirma, “outros corpos, outras danças, outros conhecimentos” (Britto, 2008, p. 30).

Alguns pesquisadores da dança mostram diversas visões de mundo que constroem diferentes formas de interpretar e de representar com o corpo os movimentos da dança. Segundo Maria Bernadete Ramos Flores e Sigrid Nora

(2011), essas representações de alguma forma seriam acontecimentos estabelecidos, propositais e orientados, algo a se esperar. A vivência do corpo é entendida e percebida pelos momentos de esforços dos seres humanos que se dedicam aos acontecimentos ainda não vivenciados.

Roger Garaudy, em seu livro **A dança da vida**, traz um questionamento interessante: “Que aconteceria se, em vez de apenas construirmos nossa vida, tivéssemos a loucura ou a sabedoria de dançá-la?” (1980, p. 13). Dessa forma, podemos entender a importância que teve a dança na formação da vida em outras épocas, já que ela estava presente em todas as ocasiões. Logo, para o autor “dançar é vivenciar e exprimir, com máximo de intensidade, a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com seus deuses” (1980, p. 14).

Para Viviane Candioto, todas as danças possuem suas técnicas, o caráter que as identifica com seu meio cultural, repletas de princípios que provocam encontros e desencontros com a sociedade, “a dança é fruto de uma cultura, uma época uma sociedade, uma divisão social, hierarquizada e valorizada de diferentes formas, a qual podemos chamar de ‘gosto’” (2016, p. 51). Para Dalal Achcar, “a dança acompanha a evolução do homem, aperfeiçoando, à medida que ele se civilizava” (Achacar, 1998, p. 15).

Muitas histórias sobre o surgimento da dança na humanidade ficaram sem ser contadas, pois são muitas, de todos os lugares e povos. Umas se perderam com o tempo, outras foram proibidas, as que não foram ouvidas por nossos antepassados e as danças que não foram escritas por seus povos. Por essa razão, podemos acreditar e confirmar que a dança se constrói nos corpos da sociedade conforme o momento histórico, os eventos e as relações sociais a que as pessoas estão expostas e que as interessa durante um determinado período. Sendo assim, “toda dança pressupõe um corpo, fruto de uma cultura, uma época, uma sociedade” (Candioto, 2016, p. 51).

Assim, fica claro que a dança faz parte tanto de acontecimentos cotidianos quanto de ocasiões especiais, muitas vezes de forma muito sutil. A dança, de acordo com Paulina Ossana, se constrói com a sociedade e está em constante mudança de acordo com a sociedade da época. “Tudo o que é já foi dançado, tudo o que foi já se dançou e, talvez, sem percebê-lo, tudo o que há de ser já o dançamos” (Ossana, 1988, p. 41).

Se voltarmos ao passado, podemos refletir sobre como os pensadores da dança construíam essa arte de acordo com o que se vivia no momento. Logo Gaudy destaca que a dança da bailarina Martha Graham surge em momentos de angústia e revolta no meio de um caos e, dessa forma, essa dança acaba sendo sua vida expressa nos movimentos livres. Para o autor, “viver é movimentar-se, que a dança é uma forma condensada e estilizada de vida e que todos os elementos da dança são encontrados na vida” (1980, p. 122).

Observando todos esses acontecimentos da trajetória da dança, não posso deixar de falar sobre a dança no Brasil, e com ela as danças indígenas com todos os seus rituais de agradecimento à natureza. Segundo Regina Polo Müller, em seu estudo de dança indígena, essa é “uma manifestação, cuja relação com o sistema social ou configuração cultural não é a de meramente refletir ou expressar, mas sim de reciprocidade e reflexividade” (2004, p. 10), portanto uma “performance cultural”. Dessa forma, ela conclui afirmando que a dança indígena é uma maneira de estruturar os significados da cultura, o passado é reformulado no presente, já pensando no futuro, de modo garantir a continuidade desse processo cultural.

No processo de colonização, não foi levada em consideração a cultura existente entre os povos indígenas, suas danças, seus sons e suas pinturas. Os colonizadores chegaram impondo outros costumes aos povos que aqui habitavam. Infelizmente, muito pouco se sabe sobre as primeiras danças encontradas com os povos indígenas.

Outro momento muito significativo na construção da cultura da dança em nosso país foi a chegada das pessoas escravizadas, dos imigrantes de várias etnias, com eles vieram seus hábitos e costumes, suas danças típicas. Eles haviam sido encaminhados para o interior do nosso país, para cultivar terras. Isso explica por que as danças folclóricas ganham força no interior.

Durante a busca bibliográfica sobre a história da dança brasileira, pude perceber a restrição de escritos; as poucas descrições falam sobre as danças populares e folclóricas das várias regiões do Brasil. Ao fazer a apresentação do livro **Ideologia da cultura brasileira**, de Carlos Guilherme Mota, Quando Bosi escreve: “as escritas da vida escrava, indígena, sertaneja, proletária, marginal, estão ausentes, e todas elas foram alvo de discursos de que não viu” (Mota,

1998, p. 11). A falta de escritos sobre a dança na história do Brasil se estendeu por muitos anos, fazendo com que nem na história oral se fizesse presente, pois várias gerações se foram e seus depoimentos se perderam. Não por acaso, os brasileiros se apropriam da história das danças escritas e trazida pelos europeus e americanos. Segundo Britto (2008), foi através dessas narrativas americanas e europeias que se constituiu a história da dança no Brasil, abandonando ainda mais os poucos relatos autóctones presentes naquele momento.

Nessa busca, encontrei algumas obras importantes sobre os acontecimentos e aspectos históricos da dança. Dentre elas, cito: **Dança Dramática do Brasil**, de Mário de Andrade, **Dicionário do Folclore Brasileiro**, de Luís da Câmara Cascudo, e **Danças Folclóricas Brasileiras**, de Maria Amélia Corrêa Giffoni. Essas três obras foram as primeiras sobre a dança como manifestação social a serem encontradas em nosso país, sendo elas focados no estudo das danças especificamente brasileiras.

A Semana de Arte Moderna, movimento artístico modernista nacional ocorrido em fevereiro de 1922 em São Paulo, despertou o interesse de muitos pesquisadores para o que era realizado por e sobre os brasileiros. Segundo Britto (2008), a pesquisa das raízes brasileiras nas expressões artísticas orientou esses estudiosos a pesquisar as danças do nosso povo, conduzindo sua visão para as culturas populares, regionais associadas ao nosso folclore.

Dessa forma, pensamos em todos os festejos e suas expressões nas festas de carnaval, festas juninas, natalinas, festas agrícolas (antigas e novas), como as que acontecem em nossa região: festa da melancia, da maçã, do pinhão, do colono, tem ainda as festas religiosas com santos e orixás nas comunidades, entre outras. Essas são algumas das festividades da cultura popular brasileira que ganharam reconhecimento ao longo do tempo e se integram às culturas da sociedade e passam a ter uma função significativa no fortalecimento da identidade destas pessoas. A partir dessas festas é possível refletir sobre o tipo de dança que as pessoas praticam, assistem e comentam nessa época e, mais especificamente, como foi construído o entendimento da dança de pessoas que hoje seriam consideradas idosas.

O Projeto Político Pedagógico do curso de graduação em Dança da Unicamp traz como síntese que “a dança é uma manifestação artística que tem

presença marcante na cultura popular brasileira, representando um fenômeno privilegiado de expressão de sentimentos e comunicação social” (UNICAMP, 2016, p. 6). Assim, é possível refletir sobre a importância de entender a cultura popular brasileira, pois é a partir dela que as pessoas idosas construíram seu entendimento de dança; e, a partir desse entendimento, podemos conseguir construir o ensino da dança mais envolvente e inclusivo.

Muitas manifestações populares se perderam ao longo do tempo e desapareceram da história das danças brasileiras. De acordo com Livia Tenório Brasileiro (2010), seriam danças praticadas em festas religiosas e festejos e danças de outras etnias que estavam muito presentes na vida de quem as executava e assistia. Acrescenta a pesquisadora que se tratava de “intocáveis manifestações que são mantidas comumente pela tradição oral e pela sua manifestação corporal nas festas populares” (Brasileiro, 2010, p. 138).

Mediante o exposto, percebo que todas as comunidades do mundo, com suas raças, famílias e grupos, guardam a herança de culturas que se expressam de forma oral e estão protegidas e preservadas através dos seus hábitos. Para Luiz da Câmara Cascudo, “[esse] patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os sentimentos diários desde que integram nos hábitos grupais, domésticos e nacionais” (2002, p. 151).

Segundo Angela Garcia e Aline Hass (2003), desde seu surgimento até os dias atuais a dança apresenta uma forma corporal influenciada pelo cenário social, econômico, político e religioso presente na construção da sociedade, lembrando suas necessidades, tradições, crenças e resistências. Diante disso, trago uma entrevista feita por Candiottto (2016) em que a entrevistada, Neyde Rossi, relata a dificuldade de dançar no período da ditadura: “Acho que, do momento em que eu entrei na escola municipal, fiquei só um ano, porque, com a mudança política de governo, Maria Olenewa já sabia que seria demitida” (Rossi *apud* Candiottto, 2016, p. 118). Assim, podemos tentar imaginar a difícil tarefa que era dançar com o governo perseguindo os artistas da dança.

Como é de conhecimento geral, esse período da ditadura militar durou 21 anos e nele muitas histórias deixaram de ser escritas, muitas movimentações artísticas deixaram de ser expressas e a dança, com certeza, foi prejudicada. Sendo assim, penso que as pessoas que viveram esse momento foram prejudicadas pela situação política vivida, fazendo com que

hoje elas já idosas sintam a dificuldade em se expressar, principalmente na dança.

Para Roberta Gaio e Ana Angélica Góis, “[a] dança existe como uma expressão própria do ser humano, e é possível observarmos como essa manifestação cultural se transformou ao longo dos tempos em seus diversos aspectos” (2006, p. 18).

Dessa forma, percebo como a prática da dança é vista como aparentemente natural nos povos. Hoje, ainda mais com a influência da mídia, de certa forma somos estimulados a dançar, pois recebemos diversos estímulos que nos levam a praticar. Lembro-me de que, no ano de 2005, dava aula de dança de salão, tinha na sala quatro casais na turma. Nesse mesmo ano surgiu a Dança dos Famosos, um programa que passava todos os domingos em um canal de televisão aberta. De repente, minhas turmas passaram a ter dez casais e uma lista de espera.

Segundo Camila do Amaral Gomes, autora do artigo “Dança de salão e meios de comunicação: um olhar sobre a influência da televisão”, a mídia seria a grande responsável, pois começa a apresentar coreografias e os adultos começam a praticar “as danças nos programas de auditórios em canais abertos, com a participação de celebridades, o que contribui ainda mais para a popularidade” (Gomes, 2011, p. 10).

Hoje, durante as aulas de dança para as pessoas idosas, escuto falas sobre um programa de televisão sobre dança. Percebo que esse discurso possui outro entendimento de dança, e aí vejo o quanto dançar implica uma série de reconhecimentos na vida das pessoas. Percebo os benefícios que a dança pode proporcionar de forma educativa, social e recreativa para sua saúde.

Logo após percorrer o amplo caminho que a dança traçou buscando sua identificação na arte, percebemos as diferentes formas com que ela se apresenta por todo o mundo, distinguindo-se pelo gênero, pela cultura, pelos movimentos corporais, pelo sexo dos bailarinos e outras perspectivas. Assim, neste estudo vou procurar abordar a dança para a pessoa idosa que não praticava essa atividade e que encontrou nela uma forma de construir relações, despertar emoções, melhorar sua autonomia e desenvolver novas habilidades para viver melhor seus dias.

É possível perceber que as pessoas idosas da cidade de Criciúma hoje procuram a dança como um meio de recreação, para recordar momentos importantes, mas também há os que procuram a dança por não terem tido oportunidade quando jovens, pois estavam trabalhando ou naquele momento isso era algo proibido pelos pais e pela sociedade. Na dança elas encontram amigos, fogem da solidão e se socializam. Segundo Dionísia Nanni (1995), a dança possui um sentido para cada pessoa, pois conduz para o belo de todas as formas, organiza e constrói o entendimento estético e crítico das pessoas, sendo esse um recurso para enfrentar o complicado momento atual.

Com o crescente aumento da população de pessoas idosas no mundo, o entendimento da sociedade em geral com a dança deve ser reorganizado, vendo que existe uma grande movimentação de bailarinos idosos quebrando os limites da cultura da dança. Contudo, conforme destacado no capítulo anterior, existe um pensamento de corpo ideal rotulado pelas pessoas que acabam estabelecendo o que é permitido fazer ou não na sociedade.

Portanto, todas as expressões artísticas devem estar presentes nas pessoas em todo o decorrer da vida. As diferenças na construção do ser humano existem e devemos respeitar oferecendo novas potencialidades, como destaca Daniela Llopart Castro: “reconhecendo novas habilidades, como, por exemplo, uma percepção de si em termos biológicos e emocionais, colaborando com uma visão de mundo diferenciada da que esta proposta na contemporaneidade” (Castro, 2020, p. 81).

Há muitos benefícios advindos da convivência entre as pessoas idosas e o seu meio. Podemos entender que a dança é movimento que fornece elementos ou representações culturais de um povo, representações muitas vezes influenciadas pelas mídias e que podem transformar hábitos e costumes de uma determinada sociedade. Essa influência é positiva para as pessoas idosas que não tem a dança nos seus hábitos e costumes da vida diária.

Ao longo de décadas as pessoas se aproximam da dança a partir de acontecimentos na sociedade – religião, cultura, crenças entre outros aspectos. Nos dias atuais, as pessoas usam a dança para representar sua cultura, mas com outro propósito de vida. Hoje ela é também uma atividade de lazer, de construir novas relações, uma profissão, e uma forma de conseguir expressar todas as suas emoções.

Quando Mariana Souza Lobo Guzzo e Mari Jane Paris Spink (2015) apresentam a situação política da dança, apontam que, a cada momento histórico, a maneira de perceber a realidade se modifica, alterando assim os modos de existência. Os autores acrescentam que, a partir do instante em que a tradição não apresenta segurança em épocas de transformação e falhas, outros modelos de vida são apresentados. Dessa forma, para os autores, a arte dança teria a função de modificar e oferecer um cenário de diferentes oportunidades. Sendo a dança a arte do movimento, ela expressa uma experiência inaugural na vivência e na formação humana do corpo. “A própria definição de dança como prática reflexiva do corpo já é um processo social que pressupõe uma modificação. O movimento gerado por um corpo que dança é uma proposta, uma ruptura, um recomeço, um fim” (Guzzo; Spink, 2015, p. 8). Assim, podemos perceber o quanto a dança tem a capacidade de transformar a vida das pessoas e, principalmente, as pessoas idosas, além de possibilitar viver melhor sua longevidade.

Segundo Lia Robatto (1994), a dança oportuniza algumas experiências humanas fundamentais, entre elas: autoexpressão, comunicação, diversão, prazer, espiritualidade, identificação cultural, ruptura e revitalização da sociedade. Sendo assim, a dança tem o incrível poder de oportunizar a socialização e despertar a motivação dos praticantes. O autor acrescenta que a dança estimula sentimentos e amplia habilidades antes improváveis. Sendo assim, refletimos hoje sobre que dança estamos querendo dançar, ou melhor, o que as pessoas idosas querem dançar, já que “a dança, como toda forma de cultura, hoje em dia, só pode ser prospectiva” (Garaudy, 1980, p. 176).

Castro discute no seu estudo o “envolvimento inter-relacional” que as aulas trouxeram. Para a autora, a busca pela prática da dança pode ser uma maneira de ir aos bailes, aos passeios e atividades dos idosos, logo a “independência ganha outra dimensão” (2020, p. 91). Assim, acredito que a construção das relações com outros grupos sociais transforma de forma positiva a vida das pessoas idosas.

Para Myriam Moraes Lins de Barros, as pessoas idosas constroem relações flexíveis que incluem jovens das mais variadas gerações e diferenças sociais, para a autora “a busca de companhia e de interações não familiares é o que une as pessoas neste espaço” (2006, p. 119). Dessa forma, percebemos

a intensidade das relações sociais e o envolvimento dos participantes em seus grupos nas aulas.

Assim, quando construímos novas possibilidades de praticar a dança, inevitavelmente nos aproximamos de uma área mais terapêutica. Para Jussara Miller (2012), ao apresentar uma aula diferenciada, técnica, uma aula mais terapêutica levando o aluno a construir e desenvolver seu criativo, “isso resulta numa postura autônoma de seu processo corporal”, decorrente das suas experiências nas aulas, onde é estimulado para a “compreensão e conscientização” dos seus limites e possibilidades para desenvolver um corpo dançante (2012, p. 70).

Em vista disso, é possível observar a grande movimentação das pessoas idosas procurando alternativas para ter um melhor convívio social, trocas de ideias e assim terem motivação para novas descobertas, seja na educação, na cultura ou na família. Beauvoir (2018) já comenta há muito tempo atrás sobre o aprendizado em países como Inglaterra, Suécia, Estados Unidos e França, que estimulam as pessoas idosas a se reunirem em locais públicos e privados para não serem dominadas pela solidão e pela depressão.

A experiência dessas pessoas idosas que participam dos grupos pode não corresponder com a realidade de toda população idosa do Brasil, mas demonstra que esse momento da vida pode ser marcado pela satisfação e por experiências de alegria. Cada momento da vida deve ser valorizado e bem vivido, possibilitando as pessoas idosas a continuarem tendo objetivo, desenvolverem-se como pessoas e criarem trocas de experiências.

A partir das reflexões destacadas neste texto, penso nas possíveis formas de dançar e o desafio de quebrar os limites dos padrões convencionais impostos na sociedade. Dessa forma, a prática da dança para as pessoas idosas promove o desafio de produzir danças na maturidade como forma de valorizar esse público.

3 A MEMÓRIA, A IDENTIDADE E A IMAGINAÇÃO DA PESSOA IDOSA

Nesta parte do estudo vou falar das memórias, mais especificamente, das lembranças e das histórias das pessoas idosas que frequentam as aulas de dança. Através dessas memórias eles construíram um passado cheio de significado e hoje eles reconstroem essas lembranças. Neste capítulo, vou refletir sobre a identidade da pessoa idosa e do professor, toda a diversidade cultural que foi vivenciada para sua formação, e perceber que essa identidade está em constante construção, dependendo do grupo social a que pertencemos e com a qual nos identificamos. Por fim, vou dissertar um pouco sobre a imaginação e as pessoas idosas, e como ela pode transformar o ensino da dança, como as histórias permitem um exercício constante da imaginação em seu aspecto mais visual. Dessa forma, a relação da imaginação com a realidade significa o fato de que toda imaginação se forma de elementos tomados da realidade, presente na experiência anterior da pessoa.

3.1 A MEMÓRIA E A PESSOA IDOSA: DANDO VOZ A LEMBRANÇAS E HISTÓRIAS DE VIDA

O conceito de memória é algo muito recente. De acordo com Raquel de Melo Giacomini (2013), foi somente no século XX que ele se tornou um instrumento de pesquisa e questionamentos das ciências humanas. A autora cita alguns estudiosos que pesquisaram e pesquisam a memória, entre eles: Ecléia Bosi, Marilena Chuí, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michael Pollack e Jacques Le Goff. Na atualidade, muito se tem refletido, abordado, elaborado e documentado sobre a memória, buscando compreender seus mistérios, suas particularidades, distinções, afinidades, marcas individuais e coletivas, as diversas maneiras de idealizar, interpretar e determinar a memória.

A minha busca para compreender a importância dos significados da memória nas pessoas que dançam surgiu recentemente durante uma aula para as idosas, uma simples recordação como andar de bicicleta, brincar andando sobre os trilhos do trem já trazia vivências corporais que acabavam facilitando a compreensão e a execução dos movimentos de dança. Minha curiosidade se

intensificava na busca de entender e refletir sobre a importância das memórias no processo de ensino de dança para as pessoas idosas.

No entendimento de Olga Rodrigues de Moraes Simson, “memória é a capacidade humana de reter fatos de experiências do passado e transmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos voz, música, imagem, textos etc.” (2003, p. 14). Assim, as falas começaram a ter outro sentido na minha compressão, e o estopim para meu entendimento surgiu das lembranças e memórias do passado que eram recordadas durante as aulas, ao perceber a importância que trazia a fala de uma idosa ao dizer: “Professor, esse passo de dança me lembra de quando eu era pequena e brincava de andar nos trilhos de trem que tinha perto da minha casa”.

Desse momento em diante, foi possível perceber que os idosos guardam muitas lembranças do passado e suas memórias estão cada vez mais presentes no seu dia a dia. Segundo Candiotto (2016), a memória representa falar de lembrança, de história, de tempo vivido e de esquecimento. Durante essas lembranças e esquecimentos, elaboramos um passado que nos representa como seres humanos.

Para Halbwachs (2003), em um primeiro momento buscamos nossas lembranças para consolidar algum acontecimento, em um momento vivido buscamos lembranças de outros. Assim, percebemos que não estamos sozinhos e que nossas memórias podem ser individuais e coletivas. O autor ainda acrescenta “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetivos que só nós vimos” (Halbwachs, 2003, p. 29).

No entendimento de Halbwachs (2003), mesmo que não possamos ter lembranças iguais, ao rememorar junto com os outros, essas lembranças irão se ligar e revelar circunstâncias de um passado mais amplo. Dessa forma, transitaremos entre o passado e o presente, mas com a perspectiva diferente, reestruturada, com maior apreciação no olhar do outro.

De acordo com Nora (1993), a lembrança e o esquecimento estão em um aberto diálogo com a memória. O autor acrescenta que a história seria uma ilustração do passado, já a memória seria um episódio sempre atual, vivo, eterno “porque ela é afetiva, mágica”. Completa afirmando que a memória “se

alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas” (1993, p. 9).

Durante os estudos na construção do entendimento de memória percebo a relação direta das histórias representadas durante as aulas de dança e como as vivências do passado se tornam ligações importantes na construção do movimento ensinado na dança. Assim, Sandra Jatahy Pesavento relata que “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (Pesavento, 2005, p. 39).

A autora ainda acrescenta que a história permite resgatar as representações sobre o que já aconteceu, e os povos expressam as suas experiências e realidades. Com o desenvolvimento no campo das pesquisas, a história se torna um objeto muito próximo da realidade do mundo moderno (Pesavento, 2005).

A habilidade de contar histórias sempre esteve presente na história da sociedade humana, repletas de valores culturais que se revelavam úteis para a sobrevivência dos grupos com o passar dos tempos. Com a chegada da era industrial e na sociedade contemporânea, cada vez mais tecnológica, a troca de experiências com as pessoas idosas por meio de suas histórias está sendo esquecida. Para Walter Benjamin (2012), as vivências, os conselhos e o ouvir dos experientes já não são mais narrados. As informações chegam a um ritmo acelerado através da tecnologia, repletas de modificações e sentidos formatados, não permitindo ao ouvinte perceber o sentido das falas.

De acordo com Nerli Nonato Ribeiro Mori (1998), as pessoas idosas desenvolveram a arte de contar histórias como uma forma de transmitir os seus conhecimentos e as tradições da comunidade para as novas gerações. E no entendimento de Bosi (1994), o ato de contar histórias demanda um narrador e um interlocutor, bem como um conhecimento a ser transferido através das falas do narrador, seus saberes, e o interlocutor acessa esse conhecimento através das histórias. Continuando, a autora afirma que, por meio das histórias faladas e recriadas, as pessoas narram sua existência e constroem a experiência para os que as ouvem.

A propósito desse assunto, lembro-me das histórias que meu avô contava do tempo em que ele era moço. Sua memória conseguia recordar inúmeras lembranças significativas, os detalhes eram impressionantes. Fico

pensando como ele conseguia guardar tantas informações e detalhes, assim como os idosos que frequentam as aulas de dança, talvez porque não tiveram a oportunidade de estudar, pois naquela época estudar não era tão importante quanto o trabalho, assim eles desenvolveram essa habilidade de guardar na memória muitas histórias e seus detalhes para poder repassar seus conhecimentos às novas gerações. Talvez, como sinalizou Walter Benjamin, esse seja um dos trunfos da cultura oral. Dessa forma, é de fundamental importância que a pessoa idosa tenha acesso a momentos que lhe permitam compartilhar suas memórias e histórias de vida, tornando-se narradores e protagonistas de sua própria história. Ao narrar ou escutar histórias, as pessoas idosas se ocupam de forma consciente do seu passado e da sua vida.

Para Bosi (1994), essa atitude mostra a ligação da pessoa idosa com outra época. O entendimento de terem vivido várias situações faz sua vida ter sentido ao encontrar ouvintes atentos à sua conversa, que é evocada por meio da memória, sendo essa uma experiência única para quem conta. De acordo com a autora, “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desconfiguramento das paisagens raras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte” (Bosi, 1994, p. 82).

Dessa forma, podemos perceber que toda história possui um aspecto recorrente, ela recebe apenas as informações da memória para ser contada. Segundo Henri Bergson (2006), a memória se forma de imagens que se juntam das informações do presente e das imagens do passado, assim seria provável que toda vivência que obtemos constrói a memória ou a substitui. Para Jessica Syrio Callefi e Eliza Yoshie Ichikawa (2019), as lembranças mais recordadas na memória das pessoas idosas pesquisadas por eles foram as que possuem relação com acontecimentos do passado e da atualidade e as que trazem contradição do passado e da realidade atual.

Toda história, para ser contada, precisa de uma memória, e toda memória carece de histórias para ser recordada, no entanto é de grande relevância a distinção entre memória e história, já que se completam, mas possuem suas diferenças. Para Bosi, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, como imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (1994, p. 55). A

autora ainda acrescenta que a lembrança é a “sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens – lembranças. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios” (Bosi, 1994, p. 53).

De acordo com Tainá Soares Albuquerque (2011), assim como a arte, a memória evolui no ambiente social, dessa forma podemos entender porque uma simples lembrança da infância tem tanto significado a ponto de ser guardada, pois era isso que eles vivenciavam diariamente uns com os outros, era isso que tinha significado naquele momento. Sendo assim, podemos levar em consideração que a memória é uma manifestação social, e ela se constrói individualmente, mas também está conectada com as ligações que se criam no ambiente em que se vive.

Para Norberto Anízio Ferreira Frota (2016), ao observar a memória da pessoa idosa articulada por meio da sua fala, percebe-se a evocação de fatos ocorridos no passado dos quais participou em algum momento, lugar da sua vida. Esta é denominada memória episódica, que o sujeito acessa para buscar suas lembranças passadas. Dessa maneira, podemos pensar na memória como uma seleção de eventos sociais acontecidos de maneira individual ou coletiva e que depende do modo como cada um relata o que vivenciou. Segundo Bosi, o social é compreendido pelas ligações com “a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio, e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (Bosi, 1994, p. 54).

De acordo com Halbwachs (2003), algumas situações nos levam a identificar vivências que parecem ser individuais, mas que também foram coletivas, por terem sido experienciadas por outros. O autor ainda relata os casos em que temos a percepção de que esse momento ocorreu conosco há tempos, da mesma maneira que com os outros, isso nos traz lembranças que reconhecemos no grupo.

Le Goff (2003), por sua vez, sugere que todas as pessoas à nossa volta nos ajudam na elaboração das nossas memórias e na evocação delas, pois se reconhece que a formação da memória também é coletiva. Por outro lado, de acordo com Pollak (1992), ainda que a memória possua esse aspecto coletivo,

apenas a pessoa é apta a acessar a memória e dizer o que pensa sobre o que traz consigo. Isso devido à vivência ocorrer inicialmente da forma individual.

Dessa forma, podemos refletir sobre a importância de as pessoas idosas se sentirem pertencentes a um grupo da mesma idade, que goste das mesmas coisas e lugares, de uma mesma sociedade, para assim terem sensações que signifiquem. Candiotto (2016) comenta que dessa forma conseguimos ter acesso às lembranças coletivas.

Nora (1993) entende que a memória está em constante transformação; disposta aos movimentos de lembrança e esquecimento, ela é vida transportada pelos grupos vivos. Acrescenta o autor: “[...] a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (Nora, 1993, p. 9).

Le Goff (2003) observa que a memória é um integrante importante na construção da identidade individual ou coletiva, e sua utilização é uma das ações essenciais das pessoas e da sociedade atual. Diante disso, podemos perceber o quanto a busca pelas memórias durante as aulas ressignifica a identidade das pessoas idosas e as posiciona na sociedade.

Logo, podemos considerar as pessoas idosas como possíveis interlocutores de memórias que integram e engrandecem a identidade do seu grupo social. A pessoa idosa faz parte de uma cultura e pode partilhar suas memórias com as novas gerações. Bosi (1994) explicita que a memória dos velhos funciona como um conciliador da nossa geração com as gerações passadas. A autora ainda ressalta que essa memória é um mediador natural da cultura, diferenciando-se dos mediadores formais compostos por instituições como: escolas, igrejas, partidos políticos, entre outras instituições.

A vivência que a pessoa idosa traz consigo pode ser convertida em conhecimento para os mais jovens. No mundo tecnológico em que estamos vivendo na sociedade contemporânea, não há mais tempo nem paciência para ouvir essas histórias. As vivências transferidas pela memória e pelos afetos vão sendo esquecidas, e com elas a troca de experiências mais profundas e significativas.

Para Cléo Busatto, embora convivamos com uma sociedade moderna e tecnológica, as histórias contadas pelas pessoas ainda transpõem as possibilidades de compartilhar experiências. Para a autora, “a comunicação oral é dirigida por indivíduo real, vivo ou indivíduos reais vivos em um tempo

específico em um cenário que inclui sempre muito mais do que meras palavras” (2006, p. 85). O contar e ouvir histórias possibilitam às pessoas ligações entre o presente e o passado relações entre gerações, culturas e crenças. A memória é remodelada ao longo do tempo, nas trocas entre as gerações. Nesse sentido, Nora (1993) expressa o número de mudanças pelas quais as pessoas passam a ponto de experimentarem a impressão de desaparecimento, de esquecimento, levando-as a perder suas referências e muitas vezes sua identidade.

Entre os importantes espaços para preservação da memória, podemos citar os museus, os arquivos históricos, o folclore e o patrimônio arquitetônico, enfim lugares onde se entrelaçam as memórias de um tempo que se viveu e que continua evoluindo. Segundo Nora (1993), esses seriam os lugares de memória.

Sabemos que os idosos não vão conseguir recordar precisamente ou voltar no tempo buscando algo que aconteceu, mas ressignificarão o vivido por meio de suas memórias. Sendo assim, “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também completar o que sabemos de evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós” (Halbwachs, 2003, p. 29).

Diante de todos os argumentos e conceitos transcritos até aqui, é possível perceber que a pessoa idosa, ao relatar alguma história das suas vivências, manifesta pensamentos, concepções culturais formadas e divididas com o meio social em relação direta com sua cultura. De acordo com Halbwachs (2003), a memória pode ser construída nas relações com as instituições sociais, quais sejam a família, a igreja e a escola, entre outras. O autor acrescenta que essas instituições podem formar as pessoas com várias opiniões de mundo.

Sendo assim, o entendimento da memória de um grupo de pessoas está associado ao que Stuart Hall (2012) denomina a centralidade cultural, que produz sentidos, conteúdos e identidades no grupo social. Segundo João Carlos Tedesco (2004), a memória é um elemento importante na construção da identidade, uma vez que está interligada com a cultura, sendo assim ela é uma importante representação social das pessoas. “A memória está ligada a um

papel importante no mundo social, a de conservar informações psíquicas capazes de atualizar impressões passadas” (Tedesco, 2004, p. 31).

Para Halbwachs (2003), a memória é uma ferramenta social de construção coletiva. O autor defende como os grupos de pessoas desenvolvem seus significados a partir das rotinas diárias na comunidade; para ele, isso está relacionado à cultura, às relações sociais na comunicação e seus conhecimentos, numa tentativa de construir um passado com pensamentos do presente, estabelecendo o que se deve ou se quer lembrar e o que se deve ou se quer esquecer.

Ao estudar a memória, Halbwachs (2003) aponta que um grupo recorda o passado diante dos acontecimentos do presente, já pensando no futuro. Para o autor, seria o passado que transmite os significados, sentimentos e costumes que estão conectados à cultura do grupo. Ele também evidencia como as lembranças apresentam noções do tempo, local, expressões da religião que estão ligadas com o dia a dia do grupo.

Halbwachs (2003) mostra como a memória individual é um entendimento sobre o coletivo, e esse entendimento se modifica dependendo da posição ocupada e das transformações que possam ocorrer. Dessa forma, ele acredita que essas memórias apresentam um caráter social, são manifestadas pela fala e relatam as decisões sociais mais diversas.

O autor apresenta mais algumas reflexões sobre a memória individual. De acordo com os argumentos de Halbwachs (2003), ela não existe sem as falas e seus códigos de leituras habituais do grupo que são socializados no local, onde cada pessoa desempenha sua função social, seguindo as regras socialmente definidas. Assim, para o autor, a memória individual seria uma perspectiva das informações divididas coletivamente. O autor afirma:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho como outros ambientes. (Halbwachs, 2003, p. 70)

Dessa forma, o autor acredita que a memória individual se conecta com a memória coletiva, já que as pessoas se incorporam dessa coletividade, baseadas na organização que o grupo compartilha (Halbwachs, 2003). Assim,

fica claro que, ao se adentrar a coletividade, as pessoas idosas dividem muitos valores culturais e constroem vínculos socioculturais.

Para Joel Candau (2012), a memória e a identidade possuem uma intensa ligação, principalmente no aspecto das ideias sociais que vêm da memória para construir a identidade. E continua sua reflexão, “a memória coletiva por meio da narração, reafirma sua força de transmissão, pois, para continuar a recordar, é necessário que cada geração transmita o fato passado para que possa se inserir nova vida em uma tradição comum” (Candau, 2012, p. 23). Continuando sua reflexão, Candau (2012) afirma que as falas, dentro das possibilidades da sua formação e adequação, desenvolvem uma vivência com a identidade coletiva do grupo e uma sensação de pertencer àquele grupo.

É provável, conforme aponta Tedesco (2004), que ao compartilharmos uma memória comum e uma identidade com outras pessoas estamos formando um ajuste cultural, e, para o autor, dividir experiências com um grupo é, sobretudo, fomentar a inter-relação com a identidade que produz símbolos e cultura. Acrescenta ele que, seguidamente, os locutores, ao legitimarem as falas como verdades, estabelecem como devem ser definidas as determinações naquele grupo. Assim, memória se torna uma área de criação do presente, e apresenta um combo de conceitos que possibilita manter o que é memorável, com o objetivo de definir o que deve ser lembrado no presente.

Para Benedict Anderson (1982), a memória está relacionada com o grupo que imagina, seriam as representações e significados que as pessoas partilham, tendo como propósito dar significado ao fato referido no grupo, dessa forma construindo a verdade por meio da oralidade. Na perspectiva de Halbwachs (2003), essa forma de imaginar e rememorar procurando entender o passado seria a estruturação do presente, demonstrando a ligação do sujeito com o tempo e sua identidade, “comumente o indivíduo liga suas lembranças a um espaço e a uma temporalidade em que dividiu com os outros sentimentos em relação ao compartilhamento desta temporalidade” (Halbwachs, 2003, p. 54).

A formação da memória, segundo Anderson (1982), acontece baseada nos acontecimentos e informações que são partilhados pelas pessoas do mesmo grupo e de outros; isso só acontece porque eles entendem essas representações e significados. Dessa forma, podemos refletir sobre aquela aula

de dança que ministrei, em que a história de andar nos trilhos do trem foi algo que fez o grupo imaginar e entender a representação, pois os participantes da oficina já haviam vivenciado em algum momento essa situação, o que fez com que eles reconstruíssem a memória. Isso tornou aquele fato narrado algo verdadeiro a ponto de se sentirem parte integrante do acontecimento.

Continua Anderson (1982), para que as lembranças dos outros sejam utilizadas, não seriam suficientes apenas as falas, mas seriam necessários vários sinais de identificação, entre eles que as memórias coletivas fossem refeitas com base numa experiência comum partilhada entre as pessoas no grupo, entendendo esse momento como partilhar da semelhança da memória coletiva.

O que podemos perceber com as leituras é que a memória representa muito para as pessoas. Além de evocar o passado, ela é conhecimento histórico e cultural. O conhecimento que a pessoa possui faz com que ela se sinta pertencente a um grupo: “O conhecimento que os indivíduos têm e podem ter de uns e outros é uma condição da vida social, mas também um saber sociológico” (Tedesco, 2004, p. 52).

Pelas reflexões propostas pelos autores, podemos compreender que os acontecimentos do cotidiano não são apenas uma rotina ou mera repetição, mas aspectos e elementos que organizam e elaboram um mundo comum. A memória aqui seria um modelo de passado, contendo entendimentos provisórios que podem ser substituídos com o passar dos tempos. Toda experiência adquirida com o tempo está ligada à memória, e Tedesco transcreve como “o processo que o indivíduo se apropria do vivido e o sintetiza” (Tedesco, 2004, p. 98). Observamos, então, que a experiência do que é vivido no grupo produz matéria-prima para experienciar valores, símbolos e tradições da vida coletiva de um grupo.

Logo, vemos que todo esse processo do qual o indivíduo se apropria durante os anos de vida é muito importante para o desenvolvimento da sua identidade, assim vamos descrever um pouco da construção da identidade da pessoa idosa.

3.2 A IDENTIDADE DA PESSOA IDOSA: RELAÇÕES E PERCEPÇÕES NA SUA CONSTRUÇÃO

De acordo com Halbwachs (2006), a identidade é formada através da constituição das memórias, que é uma construção coletiva e traz junto com ela lembranças fundamentais para definir quem somos, como nos identificamos como indivíduos e reconhecemos o outro. Para Stuart Hall, “a identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção” (2002, p. 106). Dessa forma, Hall sugere que compreendamos a identidade não como algo definitivo, mas como um meio de identificação. Nas suas palavras, a identificação é a construção de um movimento incompleto. “A identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história” (2002, p. 108).

Em seu estudo, Hall apresenta a articulação como uma proposta para pensar as relações de determinação, assim “algo que corre o risco de um alto formalismo. Mas possui a grande vantagem de nos possibilitar pensar como práticas específicas podem, todavia ser pensadas conjuntamente” (2012, p. 152). Para Hall, a suturação aqui descrita se refere à ideia que Stephen Heath apresenta como “uma interseção, por uma descrição da efetivação da junção do sujeito às estruturas de significados”. Segundo o autor, para uma suturação eficiente a pessoa deve dedicar-se à sua posição de sujeito, assim “tem que ser pensada como uma articulação e não como um processo unilateral” (2000, p. 122). Quando o autor apresenta o conceito de sobredeterminação, refere-se à multiplicidade de “*factores*, causas e variáveis” na construção da identidade, “há sempre ‘demasiado’ ou ‘muito pouco’ uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade, ela opera por meio da ‘*differance*’” (Hall, 2002, p. 106). Por fim, quando Hall se refere à subsunção, ele deixa claro que a identidade é a ação de incluir algo maior, mais amplo, visto que ela obedece à lógica do “mais que um”, a formação dos “efeitos de fronteiras”, assim consolidando todo o processo (2002, p. 106).

Dessa forma, podemos perceber nossas identidades e suas diferenças, pois pertencemos a vários grupos de diferentes formações culturais, engendradas no decorrer do tempo. Assim, ao longo dos anos a pessoa idosa

reconhece suas diferenças e descobre novas formas de atuar e estar nesta sociedade. Esse processo de identificação, segundo Hall (2002), opera por meio das diferenças, envolvendo narrativa, o encerrar e definir as estruturas simbólicas e sua produção. Para o autor, as identidades são construídas nas representações dentro dos discursos que informam como um grupo vive e compartilha seus significados. Assim, somos constituídos de forma individual e coletiva ao mesmo tempo, pois somos parte de um grupo social que nos reconhece como indivíduos que pertencem a uma cultura formada ao longo dos anos.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva, “a identidade adquire sentido, por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representados” (2000, p. 7). Assim fica claro identificarmos a transformação da identidade das pessoas idosas, pois através das falas e das diferenças entre as pessoas encontradas durante sua trajetória, descobrem-se novas maneiras de conviver na sociedade.

Dessa forma, podemos pensar que, de acordo com a sociedade em que vivemos, os sistemas simbólicos são produzidos e eles podem nos mostrar aquilo que somos ou no que podemos nos tornar, pois essa representação é entendida como um processo cultural que estabelece identidades individuais e coletivas (Silva, 2000). Para Silva, os sistemas simbólicos

fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (Silva, 2000, p. 15)

E esse não é um processo neutro, mas cheio de tensão e conflito, pois envolve uma intrincada correlação e contraposição de forças e luta por poder e representação.

Dessa forma, vamos formando nossa identidade ao construirmos novas relações que podem nos transformar, visto que, segundo Jorge Larrosa, “o caráter de um homem depende de suas relações” (2018, p. 18). Durante um grande período de nossas vidas, estamos construindo relações – na escola, no trabalho, na igreja, nos momentos de lazer etc. Quando envelhecemos, perdemos boa parte dessas relações construídas e, assim, segundo Daniela

Borges Bezerra e Tatiana Bolivar Lebedeff, “a contemporaneidade ocidental delega ao velho uma imagem de sujeito improdutivo, inaudível e até atravancador do progresso, que se torna sem serventia e, portanto, um desvio social” (2013, p. 3).

Para Bosi (1994), a pessoa idosa pode ser associada com o guardião do tesouro espiritual da comunidade, embaixadora da tradição, pois pela memória das pessoas idosas pode-se ter o convívio com uma riqueza e uma diversidade que não se conhece. Mas infelizmente não é assim que a sociedade contemporânea vê a pessoa idosa. Ao mesmo tempo em que se busca a longevidade, nega-se a pessoa idosa, e “ao negar a velhice a sociedade contemporânea acaba por negar, também, muitas memórias, identidades, conhecimentos, entre outros elementos, que forjaram o que somos hoje” (Bezerra; Lebedeff, 2013, p. 4).

De certa forma, podemos entender que todo o sistema simbólico envolve relação com o poder, e, segundo Silva, “incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (2000, p. 18). É neste ponto que percebemos o quanto a pessoa idosa é excluída da sociedade. Elas devem lutar pelas seu direito de ser e como coletividade, não deixando sua identidade ser totalmente modificada e devem se fazer presentes na sociedade, pois trazem consigo muitas riquezas e tradições. E aqui devemos refletir sobre o que Hall apresenta sobre o que as tradições produzem nas pessoas e o que se faz com a nossa tradição: “Estamos sempre em processo e formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (Hall, 2012, p. 43).

Segundo Zigmund Bauman, a economia capitalista e a globalização presente em nossa sociedade reforçam a chegada de outras culturas, assim as identidades chegam até nos por todos os meios, “algumas de nossa própria escolha, mas outras inflamadas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (Bauman, 2005, p. 19).

Dessa forma conseguimos identificar diferentes identidades, diferenciadas pelos sistemas simbólicos que cada uma traz, entendendo que, segundo Silva, “a identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (2000, p. 39). O autor ainda acrescenta que cada cultura tem sua forma de identificar o mundo e seria pela “construção de sistemas

classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados” (Silva, 2000, p. 41).

Outro ponto importante apresentado por Silva é que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade” (2000, p. 18). Sendo assim, podemos entender que todas as organizações sociais acabam por construir identidades individuais e coletivas, como: a turma de mulheres idosas que frequentam os grupos de idosos do bairro, o grupo de dança gaúcha, os que gostam de arte coreana e aquele grupo de idosas que gostam de dançar. Mas existem também as identidades construídas artificialmente pela sociedade de consumo e pelo mercado, construídas pelos veículos de comunicação em massa e pela representação visual, sonora e fílmica.

Como afirma o sociólogo Bauman, a sociedade contemporânea “se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e a semelhança das relações entre consumidores e os objetos de consumo” (2005, p. 19). Bauman conclui: “numa sociedade de consumidores, tornar-se mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas” (Bauman, 2005, p. 22).

Como pondera Stuart Hall, “com frequência a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a determinado grupo identitário nas quais a identidade é vista como fixa e imutável” (2000, p. 13). Dessa forma, Hall descreve as diferentes características das identidades e como algumas dessas diferenças são consideradas mais importantes que outras em momentos e lugares particulares. De acordo com o autor, uma das maneiras pelas quais a identidade determina suas reivindicações é através dos antecedentes históricos, em que se tenta reafirmar as identidades aparentemente “buscando-as no passado, embora, ao fazê-lo, eles possam estar realmente produzindo novas identidades” (2000, p. 10).

Logo, podemos imaginar o quanto as pessoas idosas buscam na sua história reafirmar sua identidade, mas na verdade estão reconstruindo novas identidades. Assim, aquilo que configura ser simplesmente uma justificativa sobre o passado e a reafirmação da real história pode nos dizer mais sobre a

nova “posição de sujeito” (Hall, 2000, p. 10). Portanto, esse redescobrir do passado é parte da criação da identidade que ocorre nesse momento e que é definido por um “conflito, contestação e uma possível crise”. Nesse ponto da discussão, Hall apresenta a definição de essencialista da identidade como um “conjunto cristalino, autêntico” de individualidades que todo o grupo partilha e que “não se altera ao longo do tempo” (2000, p. 11).

Segundo Hall, o essencialismo pode basear suas considerações tanto na “história quanto na biologia”. O autor apresenta o exemplo de certos movimentos políticos que buscam “afirmar a identidade apelando seja à verdade fixa de um passado partilhado seja de verdades biológicas” (2000, p. 14). Acrescenta o autor que “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servimos de fundamento para a identidade” (p. 14).

Na sociedade atual a pessoa idosa deve estar presente e, assim, se fazer pertencente à sua cultura, não se deixando levar por algo imposto pela modernidade. As experiências da pessoa idosa e sua realidade despertam nossa atenção, pois as particularidades do processo de envelhecimento são indicadores para a construção da identidade e por estar em oposição à modernidade. Todos os instrumentos culturais que são compartilhados com a pessoa idosa nos interessam porque, de acordo com Eloísa Pereira Barroso, “são fenômenos identitários, muitas vezes colocados à margem, que permitem conhecer a vida cotidiana e suas transformações” (2021, p. 12).

Como observa Walter Benjamin em seu ensaio “O autor como produtor”, conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934, no livro **Magia e técnica, arte e política**, cada vez mais na sociedade moderna transforma “os homens antigos em criaturas inteiramente novas” (2012, p. 126). Dessa forma, acreditamos que a sua identidade é transformada, impedindo a pessoa idosa de preservar e significar suas experiências. Para Benjamin, esses novos homens não conseguirão repassar suas experiências, assim extinguindo a sua história e consequentemente apagando as outras histórias e tradições, por fim arrastando a todos pela fascinação do novo, do moderno. Trazendo para nosso foco de pesquisa, podemos dizer que pessoas idosas vêm sendo segregadas pelo pensamento

moderno, impedidas de compartilhar toda a experiência e suas diversas identidades.

Para Barroso, “as identidades nos processos de envelhecimento necessitam ser percebidas como algo em permanente construção uma obra inacabada – aberta – que possui direções movediças, desconexas e não é imutável” (2021, p. 14). É preciso pensar no envelhecimento em diversos lugares, ocupando todos os espaços possíveis para que essa construção da identidade aconteça na multiplicidade e para que todos os conhecimentos possíveis possam ser preservados e repassados aos mais jovens.

Outro ponto importante a ser refletido no contexto da presente pesquisa é o processo de transformação da identidade do professor que trabalha com adultos, já que esse sujeito eventualmente constrói relações com as pessoas idosas e, como cita Larrosa, o homem se constrói através dessas relações. Assim, podemos pensar na construção da identidade desse professor de dança. Selma Garrido Pimenta também traz a identidade profissional sendo construída sob “significações sociais da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições” (1997, p. 7), sendo esses atores e autores da própria história (com saberes, representações anseios, angústias) na construção do ser professor.

Um aspecto levantado por Pimenta (1997) são os cursos de formação de professores e todas as suas disciplinas que devem colaborar para essa formação da identidade. Neste ponto vemos que a maioria dos professores de dança hoje não vêm da graduação em dança, muitos se tornam professores pela sua experiência de vida e entendem a atividade de professor apenas uma forma de ganhar uma “extra” dando aulas de dança.

Para Eliane Paganini da Silva, a identidade profissional docente é um sistema “contínuo, subjetivo, que obedece às trajetórias individuais e sociais”. Ela promove a “construção/desconstrução/reconstrução”, designando a essência do trabalho e focando na imagem e autoimagem social que se tem da profissão (2015, p. 74).

Pensando nesse formar de identidade do professor, percebo o quanto estar com as pessoas idosas me fez ser outro, pois, como citado por Bosi, todo este “tesouro espiritual, esta riqueza de diversidade” pode transformar uma pessoa. Assim, sinto-me prova viva de que foram essas relações e seus

conhecimentos que me fizeram pensar, refletir e analisar o que eu era e quem eu sou.

3.3 A IMAGINAÇÃO E A PESSOA IDOSA: AS HISTÓRIAS NO DESPERTAR IMAGINATIVO

Descrever o significado de imaginação não é uma missão nada fácil. Consultando rapidamente a palavra “imaginário”, descobre-se que ela vem do Latim: *imaginari*, e que significa “formar uma imagem de algo”.¹ No contexto da filosofia, as coisas não são mais simples, os conceitos assumem nuances diferentes, dependendo dos autores consultados. Um conceito de imaginação particularmente importante para este trabalho é o de Lev Semenovitch Vygotsky, que em certa altura de seu livro comenta que “a imaginação (*imaginatio*) é uma cognição sensível uma capacidade para a reprodução de impressões sensoriais” (2012, p. 14). Nessa concepção, fica evidente que a imaginação é um processo que engaja a dimensão das sensações, do sensível dos indivíduos. Embora seja um processo mental, ele simula ou interage com os aspectos sensoriais do sujeito.

Para melhor entendermos o processo de imaginação, apresento mais alguns conceitos, dentre eles o de Régis Jolivet, que retrata a “imaginação [como] a faculdade de conservar, de reproduzir e de combinar as imagens das coisas sensíveis” (1955, p. 148). Para Aristóteles (2005), a imaginação é responsável por combinar e fundir as imagens captadas pelos sentidos externos no encontro com a realidade, esquematizando-as para a construção de um conceito e de relações possíveis. Segundo Northrop Frye (2017), a imaginação educada pode se tornar uma técnica de acesso a algo novo, para a criação e para autonomia.

Pretendo, neste subcapítulo, dissertar um pouco sobre a imaginação e as pessoas idosas e como ela pode transformar o ensino da dança ofertado a essa parte da população. Existem muitos estudos na literatura sobre a imaginação no ensino das crianças, mas sobre as pessoas idosas pouco se escreveu. Foi a partir das anotações das vivências feitas ao fim de cada aula

¹ <https://origemdapalavra.com.br> (2022).

de dança que consegui identificar que as emoções, os sentimentos, a criatividade e a imaginação seriam partes importantes na construção do conhecimento desse público. Diante dessa situação, iniciei um ensino de dança pelo processo imaginativo. As coisas aconteciam naturalmente após eu criar uma história para estimular a imaginação das pessoas idosas que entravam na brincadeira e realizavam o movimento do passo solicitado.

De acordo com Patrícia Ellyn Costa e Janete Santa Maria Ribeiro, o contar histórias “auxilia na formação humana” (2017, p. 14). Dessa forma, ao estimular com histórias a pessoa idosa durante as aulas de dança e também ao relatar as suas lembranças, estamos contribuindo com a linguagem, a atenção, a memória e a socialização. Assim, ouvir e contar histórias se torna um método revelador na formação afetiva, cognitiva, social e física das pessoas idosas.

Quem nunca se encontrou viajando ao ouvir histórias? Para Costa e Ribeiro (2017), a história possibilita à nossa imaginação viajar para locais incríveis, onde conseguimos brincar com nossos sonhos, vencer medos, além de provocar o prazer de imaginar. Assim, acreditamos que o prazer de imaginar e acreditar na história contada durante a aula leva a pessoa idosa a se entregar para a dança e desta forma realizar aquele movimento.

Segundo Gilka Girardello, “um laço indissolúvel une a narrativa à imaginação” (2011, p. 82). Assim como as crianças têm necessidade das imagens fornecidas pelas histórias como estímulo para a sua própria criação, as pessoas idosas também necessitam delas para conseguir imaginar e recordar momentos vivenciados. Durante as aulas de dança pude perceber a necessidade de contar histórias para desenvolver a imaginação dos idosos. Dessa forma, pude perceber que as histórias permitem um exercício constante da imaginação em seu aspecto mais visual.

Segundo Angela Cogo Fronckowiak e Sandra Regina Simonis Richter, as culturas orais “sempre ligaram sua sabedoria a imagens vívidas, envolvendo-as em histórias que conseguiam despertar respostas afetivas” (2007, p. 70). E assim, as histórias possuem um sentido profundo para as pessoas idosas que construíram parte do seu conhecimento ouvindo os relatos dos antepassados.

De acordo com Vygotsky (2012), na psicologia, as atividades que constroem as habilidades criativas do nosso cérebro seriam a imaginação e a

fantasia. A ciência interpreta a imaginação como algo irreal, o que não corresponde à realidade, já que “como fundamento de toda a atividade criadora, manifesta-se de igual modo em todos os momentos da vida cultural, permitindo a criação artística, científica e tecnológica” (2012, p. 24).

Para Gleice Miranda Paixão e Fabrícia Teixeira Borges, ainda existem lacunas ao se falar de imaginação, e ela é associada a concepções fantasiosas, separadas da realidade e contrárias à cognição. As autoras conseguem perceber, em sua pesquisa, que a imaginação merece ser destacada como “um lugar de expansão da experiência humana, como espaços de desenvolvimento e como ‘não-lugar’ de irrealidades” (2018, p. 9).

Dessa forma, fica claro entender como a imaginação pode ser uma alternativa interessante para estimular a participação das pessoas idosas durante as aulas de dança para construirmos novas vivências, principalmente corporais. Portanto, a imaginação, a fantasia e a criatividade são primordiais para a sobrevivência do homem, desde o seu surgimento até a modernidade.

Minhas reflexões continuam, a memória me leva à infância, quando estava aprendendo a ler. Lembro-me do dia em que a professora Sônia entregou aquele livro de capa azul com um lindo barquinho amarelo que se chamava **O barquinho amarelo**. Recordo-me que esse livro ficava na escola, e nós só podíamos ler uma parte por dia, as outras ficavam tapadas para não saber o que aconteceria. Dessa forma, a professora, ao fim de cada leitura, estimulava nossa imaginação. Relatávamos nossos pensamentos uns aos outros, pois na história esse barquinho foi colocado em um riacho por um menino que passava por vários locais e obstáculos. Enquanto não lia a próxima parte do livro, ficava imaginando o que poderia acontecer com o barquinho e se o menino teria o encontrado.

Para Vygotsky, é possível perceber que os processos criativos se notam já na primeira infância. Na psicologia da educação, esse é um tema muito importante para o desenvolvimento e a maturação da criança. Sendo assim, podemos imaginar, refletir e pensar no quanto as pessoas idosas foram criativas, já que na sua infância não existia tanta tecnologia e a construção das suas brincadeiras se dava com o que se encontrava na natureza. Assim, “a capacidade de elaboração e de construção a partir de elementos, de combinar

os elementos velhos em novas combinações, constitui o fundamento do processo criativo” (2012, p. 28).

A inspiração que leva ao processo de imaginação brota não apenas do que pode ser tocado ou percebido, mas também do incalculável, como, por exemplo, as estrelas no céu, e isso leva a infinita imaginação (Girardello, 2011). De acordo com Gislaine Rossler Rodrigues Gobbo e Stela Miller (2016), a formação da imaginação origina-se de vários fatores interligados, não sendo algo natural transmitido biologicamente, mas uma formação psíquica complexa, “uma vez que envolve um vasto processo de desenvolvimento cultural e social” (2016, p. 159).

Ilan Brenman (2017) pontua que todo ato humano é antecipado de atividade imaginária; antes de fazer algo, o ser humano imagina. A imaginação não seria somente para se fazer literatura ou qualquer outra forma de arte, mas ela está envolvida em todos os atos do indivíduo, inclusive no desenvolvimento humano como um todo. A imaginação é, portanto, a mediadora entre a faculdade dos sentidos e a faculdade do pensamento (Aristóteles, 2005).

Para Beatriz Teixeira Back, a imaginação evoca um papel de conciliação entre o conhecimento sensível e o conhecimento lógico do pensamento, ela é motivadora para estabelecer um elo entre o mundo exterior e o mundo interior. A imaginação é essencial na evolução do saber, encarregada de conectar a razão e a experiência, ação extra que colabora para esse desenvolvimento (Back, 2019).

Segundo Egan, a imaginação “deveria ser vista mais apropriadamente como uma das nossas maiores ferramentas na busca do conhecimento objetivo e, na verdade, como aquilo que estabelece as próprias condições da objetividade” (2007, p. 29). Ressalto aqui a relevância que a literatura, o teatro, a música, o cinema, a dança e todas as artes possuem na construção da imaginação das pessoas. Segundo Brenman (2017), são elas que permitem o contato com as diversas vivências humanas e resgatam as emoções adormecidas dentro de cada um de nós. Dessa forma, vamos construindo toda uma história cultural que não pode ser apagada. O autor ainda destaca, em sua palestra durante o XVI Fórum Ordinário da Undime em Florianópolis (2017), que a imaginação garante a estabilidade psíquica e social do homem, que frequentemente precisa de imagens para auxiliar no seu dia a dia.

Portanto, devemos utilizar o recurso da imaginação com as pessoas idosas para transformar suas experiências, não podemos desrespeitar e desconsiderar tudo o que já se passou na vida dela, pois ali está escrita a história de uma pessoa, suas ideias, suas vivências, suas considerações, a construção daqueles seres humanos. Como enfatiza Vygotsky (2012), a relação da imaginação com a realidade significa o fato de que toda imaginação se forma de elementos tomados da realidade, presente na experiência anterior da pessoa. Assim, a construção do ensino da dança através do processo da imaginação ocorre, pois está diretamente ligada às experiências que as pessoas idosas vivenciaram.

A partir dos ensinamentos de Vygotsky 2012 é possível perceber que o filósofo acredita que o ser humano nasce e, através dos processos socioculturais, se humaniza, ou seja, é construído socialmente, histórica e culturalmente ao longo da vida dos sujeitos. Logo, podemos refletir sobre como foi construída a pessoa idosa e desenvolvida a sua imaginação.

Gilka Girardello observa que “as experiências imaginativas da infância têm um papel crucial no desenvolvimento estético, afetivo e cognitivo” (2011, p. 89). Acredito que esses benefícios também podem ocorrer com a pessoa idosa ao trazer suas muitas lembranças e vivências. A autora ainda acrescenta que a imaginação “proporciona uma ‘clareira cognitiva’ entre a percepção e a reflexão. [Nesse espaço], a experiência é consolidada a partir da acumulação de lembranças sensoriais” (2011, p. 89).

De acordo com Vygotsky, o cérebro não é apenas um órgão do corpo que registra vivências do passado, ele também cria e recria, a partir de informações passadas, novas vivências e novas atitudes. Segundo o autor, “é a atividade criadora do homem que desperta a sua essência que está orientada para o futuro, tornando-o criativo e modificando o seu presente” (Vygotsky, 2012, p. 24).

Acrescenta Vygotsky que a imaginação se configura uma forma profunda de atividade humana, de acordo com o autor ela assume a condição de sistema psicológico. Dessa forma, traz conexões e relações com outras funções especiais, como a atenção, a memória, o pensamento e a vontade. Nas palavras de Vygotsky, “a imaginação deve ser considerada uma forma

mais complicada de atividade psíquica, a união real de várias funções em suas peculiares relações” (1999, p. 127).

Assim é possível observar que a experiência acumulada durante todos os anos de vida das pessoas idosas as transforma em seres criativos capazes de imaginar e recriar momentos importantes da sua história. Nesse sentido, Vygotsky (2012) destaca que tudo o que foi construído pela mão do homem, toda a cultura é resultado da criatividade e imaginação dos seres humanos.

Como podemos perceber, a imaginação depende de fatores externos, das mais simples às mais complexas e das vivências que a pessoa experienciou na sua trajetória de vida. Assim, as pesquisas de Vygotsky (2009) apontam que a ideia criadora da imaginação depende das várias experiências vividas anteriormente pelos humanos. Diferentemente da criança que ainda está se construindo através da imaginação e da criatividade, a pessoa idosa já possui experiências, vários instrumentos para trabalhar. Ainda que continue em constante construção, essa pessoa traz consigo infinitos signos coletivos, individuais e imaginários e cabe ao professor de dança construir instrumentos mediatizadores para as práticas do ensino da dança. Logo, o professor de dança tem o papel fundamental de elaborar meios criativos para representar o seu conteúdo algo profundo e perceptível ao seu aluno, transformando a sala de dança num espaço rico o estímulo à imaginação e o aprendizado, o que contribui sensivelmente para melhora da qualidade de vida das pessoas idosas.

Para Vygostky (2009), a imaginação é um recurso psicológico de importância essencial para a evolução humana. De acordo com o autor, ela desenvolve a experiência da pessoa para além da sua realidade, remete ao passado, ao mesmo tempo em que compreende o futuro, criando um presente singular. Portanto, a imaginação desenvolve novas ideias, reconstrói novos pensamentos, desenvolve novos movimentos expandindo nossas experiências sem limites da vida real.

Paixão e Borges entendem que a imaginação expande a experiência humana justamente por “permitir que haja o desengajamento da realidade primária, da situação imediata, e um retorno a ela como em um movimento de *loop*” (2018, p. 1), isso, acrescentam as autoras, por compreenderem a

relevância dos recursos imaginativos na evolução da cognição, sua conexão com as emoções e, consecutivamente o desenvolvimento humano.

A imaginação, para Vygotsky, assume uma função importante no comportamento e no desenvolvimento humano, ela “transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal” (2009, p. 125). Segundo o autor, há uma conexão direta da imaginação com a realidade, que se desenvolve em quatro importantes relações. Na primeira, os elementos da realidade estão expostos na vivência do sujeito, assim “quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela” (2009, p. 22). Na segunda, a imaginação assume uma forma mais complexa, ela se ampara em relatos de pessoas mais experientes que tenham uma imagem mental do assunto relatado. Esta surge devido à experiência de outras pessoas, ou seja, se tivermos na sala pessoas idosas mais experientes que outras, essas conseguirão ter uma relação com a imaginação mais facilmente, fazendo com que aqueles movimentos que estão sendo ensinados sejam aprendidos de modo mais eficiente. De acordo com o autor, a relação da imagem com a realidade é um “meio de ampliação da experiência de um indivíduo, porque, tendo por base a narração ou descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu” (2009, p. 25).

Na terceira relação, a imaginação possui um vínculo com a emoção e pode aflorar de duas formas: uma delas, os sentimentos e a emoção incorporam-se nas imagens, assim os sentimentos influenciam o ato de imaginar; na outra, a imaginação manipula o sentimento, dessa forma o imaginar provoca sentimentos que trazem significados afetivos (Vygotsky, 2009). Podemos, então, refletir sobre o quanto as emoções e os sentimentos podem estar ligados à imaginação e à realidade da pessoa idosa, já que ela vivenciou muitas experiências na sua trajetória e, sendo a dança uma via de apropriação de emoções, percepções e significados, o ensinar através da imaginação se torna algo tranquilo e prazeroso.

Na quarta forma, e a mais complicada, a imaginação corresponde-se com algo totalmente novo, que não esteve presente nas experiências da pessoa e nenhuma ligação como objetos existentes. Essa é uma imaginação

que surge fora da pessoa é representada por instrumentos materiais ou simbólicos e, ao adquirem tal forma, ganham uma “concretude material, essa imaginação cristalizada, que se fez objeto, começa a existir realmente no mundo e a influir sobre outras pessoas” (Vygotsky, 2009, p. 28). Assim, a imaginação torna-se algo consolidado que nasce no objeto criado.

Portanto, para a pesquisa que realizo, quanto mais interessantes forem as vivências das pessoas idosas, maior será a chance de construir algo novo.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA: ENSINANDO E APRENDENDO A DANÇAR COM O CORPO, A MEMÓRIA E A IMAGINAÇÃO

Vou retratar neste capítulo os percursos metodológicos trilhados durante a pesquisa. Desse modo, tratarei da caracterização da pesquisa, objetivos, local do estudo, população, instrumentos utilizados, coleta e análise dos dados. Destaco o que Maria de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos comentam sobre a ciência como a “sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos” (1991, p. 80), dessa forma a pesquisa requer um método que determine o conhecimento a ser estruturado. Assim, ressalto a importância de termos um ou mais métodos para que o estudo tenha credibilidade junto ao corpo científico e pesquisadores e também o planejamento dele.

Sabemos que uma das civilizações mais antigas da terra se originou no continente africano, onde aprendeu-se a utilizar uma importante ferramenta para repassar conhecimento: a palavra falada. Por meio de narrativas, formaram-se as histórias da África, histórias da terra, das águas, das plantas, dos astros entre outras, mas de todas elas, para Joseph Ki-Zerbo, a “maior e mais significativa é a do próprio homem, simbiose de todas as ‘Histórias’” (2010, p. 187). De acordo com o autor, foi através das histórias contadas oralmente que nasceram os grandes detentores da herança cultural que são conhecidos como “tradicionalistas”, a memória viva da África.

Diante desses acontecimentos, a busca por uma ferramenta para fazer os registros dos conhecimentos passados oralmente era fundamental para manter a cultura viva, e a história oral foi a metodologia desenvolvida com entrevista dessas importantes pessoas. Os primeiros relatos que se conhecem sobre a história oral, de acordo com as pesquisas de Júlia Matos e Adriana Senna (2011), são do início do século XVII, um período esquecido, e só foram retomados no início do século XX, em Chicago, nos anos de 1920, por estudiosos do campo da história.

Segundo José Carlos Sebe Bom Meihy (1996), foi na década de 1970 que a história oral ganhou força no Brasil, principalmente no campo das ciências humanas, e na área da história da educação consolidou-se e foi entendida como uma técnica, uma metodologia.

Podemos perceber que a história oral está conquistando cada vez mais reconhecimento no campo da pesquisa, pois está ligada a dois exemplos da atualidade: o modo de pensar, as interpretações das palavras e a ideia do indivíduo como porta-voz de sua história.

Por meio das falas ouvidas percebemos muitos sentimentos e emoções, conseguimos nos aproximar das histórias e memórias das pessoas idosas. De acordo com Verana Alberti (2004), durante a entrevista podemos ter acesso a recortes que as pessoas idosas traziam do passado, ligados a muitas emoções enquanto estão sendo relatadas ou quando questionadas. Por meio desses relatos, temos a impressão de que o presente e o passado estão interligados, para o autor a memória é a existência do passado. Sendo assim, a história oral possibilita termos acesso a uma realidade que será relatada pelo narrador. Portanto, ela é “uma forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida mantendo um compromisso com o contexto social” (Meihsy, 1996, p. 13).

Anny Carolina Oliveira, Guilherme Saramago Oliveira e Maria de Campos Correia (2021) alertam para o fato de que, com o envelhecimento da população ocidental, a memória e as narrativas dos indivíduos sofrem alteração, e os pesquisadores da história oral terão de efetuar uma importante missão na gerontologia.

Para Luciane Sgarbi Santos Grazziotin e Dóris Bittencourt Almeida, a memória e a história oral possuem muitas semelhanças, podendo ser confundidas muitas vezes durante o estudo. De acordo com as autoras, a “história oral é a metodologia aplicada no intuito de operacionalizar o diálogo entre teoria e dados empíricos, promovendo outras perspectivas de conhecimento do passado” (2012, p. 35).

Além disso, Alberti (2004) nos mostra que a história oral é de grande relevância no que se refere aos documentos escritos, pois ela é uma metodologia apta a nos aproximar do objeto de estudo pela narração e investigação inimagináveis, pois, o maior significado está na pessoa e na identidade dos pesquisados. No momento em que paramos para ouvir a pessoa idosa, percebemos muitas representações, características de sua geração, suas experiências de vida e identidades. De certa forma, temos de saber usar essa ferramenta de pesquisa; ela não vai ser a solução para tudo,

mas vai nos ser útil e levar ao que nos interessa saber. Assim, “antes de tudo, é preciso saber ouvir e contar: apurando o ouvido e reconhecer os fatos, que muitas vezes podem passar despercebidos” (Alberti, 2004, p. 10).

Conforme Janaína Amado e Marieta Moraes Ferreira (1996), nesse tipo de pesquisa, o objeto do estudo do pesquisador é reconstruído pela memória da pessoa entrevistada, e a memória seria o guia dos pensamentos históricos. Além disso, Grazziotin e Almeida (2012) relatam que, quando um indivíduo recorda suas memórias, ele procura esclarecer o que pode ter sido, o que pensa que foi aprimorando, assim, a imaginação de uma verdade de si mesmo. Nesse caso, a memória seria a imaginação voltada para a reconstrução do passado.

Dessa forma, podemos perceber como a história oral de vida vem ao encontro deste estudo, já que procuro ouvir o relato da pessoa idosa sem interferir, podendo construir uma relação de confiança e respeito com os narradores. De acordo com Mércia Rose Nietto e Giani Rabelo (2020), a utilização desse método deve ser ajustável de acordo com o objeto a ser pesquisado. As autoras destacam “a importância do respeito à sua individualidade, disponibilidade, ideias e seus modos de rememorar, aspectos importantes para se estabelecer uma relação de confiança com o/a entrevistado/a” (2020, p. 183).

Segundo Marco Aurélio de Souza, “a dança possibilita a descoberta e a criação de diferentes verdades, muito embora estas estejam intimamente ligadas ao caminho e metodologia escolhidos pelo pesquisador” (2019, p. 67). Ao escultarmos as falas das pessoas idosas, procurei diversas histórias das suas memórias.

Após todas as reflexões, foi possível perceber que nosso estudo também é etnográfico, já que seu principal foco é o estudo da cultura e do comportamento de determinados grupos sociais, como apresenta Antônio Joaquim Severino (2016). É um tipo de pesquisa que estuda a sua cotidianidade, o dia a dia, os modos de vida individual ou do grupo.

Para Carmem Lúcia Guimarães de Mattos, a cultura não é apenas o reflexo da sociedade, “mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas” (2011, p. 50). A autora ainda acrescenta que esse tipo de pesquisa é conhecido pela observação

direta por um determinado tempo, ela é participativa e interativa. Logo, vejo o quanto este estudo se aproxima das características da pesquisa etnográfica. Para a autora, a etnografia “é a escrita do visível” (2011, p. 54). E assim, o pesquisador procura apresentar essa escrita, ou melhor, essas falas significativas para os pesquisados, como diria Paulo Freire (1978), falar com eles e não sobre eles.

Outro ponto importante que Mattos nos apresenta é que grande parte das pesquisas etnográficas procura abordar participantes que são considerados “pessoas diferentes, portanto, passíveis de serem desprezadas” (2011, p. 67).

Mas algo ainda estava faltando, pois todas estas vivências e relações eram minhas, e o conhecimento desse fenômeno pesquisado estava envolvido no meu dia a dia, na minha experiência cultural, por isso só eu podia acessá-las. Portanto, essa pesquisa se caracteriza também como autoetnográfica. E segundo Silvio Matheus Alves Santos, a pesquisa autoetnográfica é o “reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa” (2017, p. 219). Também estão relacionados nesta pesquisa os fatores que aparecem durante o estudo. O autor ainda destaca “a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores pesquisados” (2017, p. 219). Dessa forma, as falas das pessoas idosas pesquisadas serão ouvidas.

Assim, esta pesquisa ocorre de forma contínua na busca de algo novo que ainda não foi revelado nos estudos antecedentes e que considero importante de serem destacados.

Sabemos que o ensino da dança à pessoa idosa necessita de um olhar diferenciado. Mais do que olhar, precisamos ouvir essas pessoas e suas histórias, pois só assim vamos conseguir desvendar o problema que pretendo compreender e pesquisar. Tendo em vista que a dança pode ser uma via de apropriação de emoções, percepções e significados, é possível reviver memórias e, através delas, dar mais significado ao ensino da dança.

O local para este estudo acontece em um espaço específico com uma enorme relevância, já que a população de pessoas idosas tem crescido rapidamente e as pesquisas nessa área não acompanham. Dessa forma, neste

trabalho compreender de que modo a pessoa idosa aprende a dançar é uma forma de contribuirmos no processo de entender o envelhecimento.

Os participantes do estudo são compostos de pessoas idosas, com mais de 60 anos, que frequentam as aulas de dança, modalidade ritmos, sem muito conhecimento de dança no ano de 2023 no Centro de Convivências da Terceira Idade da AFASC. O número de participantes das aulas de dança “ritmos” é de 300 pessoas por semana, embora nem todas foram ouvidas, já que as falas eram espontâneas. Outro ponto a ser destacado é que essa oficina de dança “ritmo” é frequentada na sua maioria por mulheres. Foram selecionados alguns depoimentos relevantes das pessoas idosas colhidos durante as aulas. Para a entrevista, optei pela amostra de 12 participantes que se dispuseram a participar do estudo. Essa amostra foi selecionada pela disponibilidade e pelo interesse das pessoas idosas, muitos não queriam participar por medo de responder algo errado das perguntas feitas, outros não queriam responder por ser uma entrevista individual. O número de idosos escolhidos para o estudo nos parece ter sido ideal, pois permite uma investigação qualitativa e interpretativa em uma perspectiva fenomenológica.

Para a construção dos instrumentos para a coleta dos dados, pensei na natureza e na metodologia da pesquisa e, assim, escolhi mecanismos próprios das ciências sociais e humanas os quais nomeei de diário de campo, e ao final de cada aula fazia anotações das observações que possibilitavam a aquisição de dados que contribuíssem para o enriquecimento e o futuro entendimento. As anotações não eram apenas um documento descritivo, eram anotações prudentes, considerando impressões sobre as ações como professor e o idoso aluno e as relações reveladas durante as aulas.

Outro instrumento que utilizei foi a entrevista semiestruturada. Segundo Augusto Nibaldo Silva Triviños, essa seria “aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa” (1994, p. 146). O autor também acrescenta que a entrevista semiestruturada pode proporcionar vários questionamentos, “fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebe as respostas dos informantes” (1994, p. 146).

O autor ainda esclarece os benefícios dessa forma de coleta de dados ao afirmar que: “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador,

oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (Triviños, 1994, p. 146).

Maria Virgínia F.P.C. Rosa e Marlene Aparecida G.C. Arnoldi (2008) sugerem que a entrevista pode diferenciar e também possibilitar pensar outros pontos gerados pelas respostas relatadas pelos pesquisados. Dessa forma, a entrevista pode ser uma excelente forma de obtermos as informações sobre a pesquisa. Logo, poderemos refletir sobre as falas dos idosos nas entrevistas e também os relatos de vida durante as aulas de dança. Eles provavelmente selecionam fatos ocorridos, pretendendo destacar esses momentos mais relevantes no decorrer das suas vidas. E aqui me lembro do que afirma Bosi: “[...] fica o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado” (1994, p. 66).

As entrevistas foram realizadas em dias e horários preestabelecidos com os participantes do estudo e foram aplicadas pelo pesquisador em local privado e calmo. A duração de cada entrevista foi de aproximadamente 10 minutos. As entrevistas foram gravadas de forma digital e transcritas na sua integralidade, respeitando os princípios éticos e orientadores. Após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, iniciei as gravações.

Para o desenvolvimento desta pesquisa encaminhei os documentos necessários para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Extremo Sul Catarinense, sendo aprovado sob o número do parecer: 6.028.999. Durante as entrevistas, deixei os entrevistados livres para expressarem sua liberdade e fazerem reflexões e ponderações. Finalizadas as entrevistas, iniciei as transcrições e estas foram reveladoras e gratificantes. Procurei transcrever do modo mais fiel possível, para identificar as singularidades presentes nas falas das pessoas idosas. Dessa forma, empodera-se o idoso e valorizam-se suas falas, pois sabemos que essas falas muitas vezes são silenciadas e excluídas da sociedade. Somente os pesquisadores tiveram acesso às entrevistas.

As anotações feitas no diário de campo ao fim de cada aula possibilitaram a construção de informações que enriqueceram a análise dos dados do estudo. Essas anotações eram momentos de reflexões sobre a aula que havia acontecido, memórias reveladas durante as oficinas. Para isso, em cada encontro eu apresentava um ritmo de dança e procurava desenvolver um

passo específico. Assim, utilizei a coleta dos depoimentos na forma de perguntas semiestruturadas, já pensadas para o ritmo ensinado do tipo: Como era andar de bicicleta? Como era ficar na fila do banco? Como era brincar no andar no trilho do trem? Enfim, perguntas que estimulassem os participantes a lembrarem-se de algum momento, relatarem um pouco e, assim, conseguirem fazer a ligação com o passo de dança a ser ensinado.

Para Lakatos e Marconi, a observação “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (1991, p. 186). O acesso às falas das pessoas idosas confirma-se pela possibilidade de alcançar memórias compartilhadas em um local excepcional para que as experiências no processo de envelhecimento se revelem pela percepção individual.

Optei por esse espaço por já atuar como professor e, para este estudo, precisava estabelecer um vínculo mais próximo com as pessoas idosas que foram ouvidas, proporcionando a confiança necessária para que eles falassem abertamente sobre suas memórias. Pelo contato próximo, as falas e as memórias nos ajudaram na compreensão dos significados do fenômeno estudado, absorvendo as experiências vividas pelas pessoas idosas.

5 ANALISANDO A MEMÓRIA E A IMAGINAÇÃO NA EXPERIÊNCIA DE DANÇAR DE MULHERES IDOSAS

“Sou artista o suficiente para usar livremente minha imaginação. A imaginação é mais importante do que o conhecimento. O conhecimento é limitado. A imaginação envolve o mundo” (Albert Einstein, numa entrevista ao *The Saturday Evening Post* em 1929).

Graças à proximidade cotidiana com os entrevistados, não encontrei maiores dificuldades em colher os depoimentos, apenas foi necessário munir-nos de sensibilidade, amabilidade e disponibilidade para ouvi-los. A partir das repostas das perguntas e os depoimentos, iniciou-se a análise dos dados, procurando dialogar com alguns pensadores e assim entender melhor cada fala.

Ao final de cada aula, fazia minhas anotações das observações que possibilitavam a aquisição de dados que contribuíssem para o enriquecimento e entendimento. As observações eram anotadas estas não eram apenas um documento descritivo, eram anotações prudentes, considerando as impressões sobre as ações como professor e o idoso aluno e as relações reveladas durante as aulas.

Seguem algumas das perguntas semiestruturadas realizadas com o intuito de estimular respostas e os depoimentos:

- Quem já andou de bicicleta?
- Como era o movimento de andar de bicicleta?
- Quem pegou fila de Banco e ou lotérica?
- Como era o movimento de espera na fila?
- Quem já brincou de andar no trilho do trem?
- Como era o movimento de andar nos trilhos?

Para desenvolver, a análise dos dados, dialoguei com os pesquisadores referenciados e outros que poderão contribuir para o esclarecimento da pesquisa.

No decorrer do estudo foi possível refletir e analisar os dados sempre mantendo uma ligação entre as possíveis orientações da revisão de literatura da dissertação, conhecimento empírico do pesquisador e as informações

resultantes dos instrumentos do estudo para a construção de novos conhecimentos. Portanto esta pesquisa qualitativa corresponde também a uma pesquisa epistemológica e teórica, apoiando-se em métodos singulares no desenvolvimento de conhecimento.

No decorrer do estudo foi possível refletir e analisar os dados, sempre mantendo uma ligação entre as possíveis orientações da revisão de literatura da dissertação, conhecimento empírico do pesquisador e as informações resultantes dos instrumentos do estudo para a construção de novos conhecimentos.

Ao iniciar o processo de coleta de dados, preocupamo-nos com as virtudes de uma boa entrevista, lembrando que, para Bosi, “a entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizades; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera” (1994, p. 53).

Apesar de sabermos que tinha estabelecido um vínculo próximo com as pessoas idosas pesquisadas e dessa forma elas tinham a confiança necessária para relatar abertamente suas memórias, encontrei certa restrição por parte de algumas ao falar, pois tinham medo de dizer algo errado. Dessa forma, foi necessário munir-me de sensibilidade, amabilidade e disponibilidade para ouvi-las. Assim, houve momentos de fala com muito significado e emoção, principalmente nos intervalos de hesitação para rememorar suas histórias.

De acordo com Bosi, “estamos sempre à procura do que está ainda inexpresso e do que hesita em ser capturado pela interpretação” (Bosi, 1994, p. 53). Continua a autora: “se quisermos nos aproximar da esfera que resiste ao formato social, registremos as hesitações e silêncios do narrador. Os lapsos e incertezas são o selo da autenticidade” (Bosi, 1994, p. 63). Assim, através dessas falas emotivas e cheias de significado, do silêncio, da hesitação foi possível encontrar respostas para entender o fenômeno estudado. Iniciei então construção da análise dos depoimentos transcritos.

Ao questionarmos se já haviam feito alguma aula de dança anteriormente, descobrimos que a maioria nunca fez aula antes em um local específico para o ensino da dança. Logo, foi possível perceber em suas falas que o aprender a dançar acontecia nos bailes que frequentavam, como relata a Entrevistada 11: “Nunca fiz. Sempre fui ao baile, dancei, depois dos quatorze anos até os vinte e um. Depois parei, casei, né. Dançando direto no salão no

Clube Siderurgia e no Recreio, era tudo pertinho né, em Capivari. Então a gente dançava sexta, sábado e domingo”.

O aprender também acontecia em casa com os parentes, ou seja, acontecia em contextos informais de ensino como nos fala a Entrevistada 1: “Aprendemos em casa sozinha. Meu irmão tinha um som de gaúcho, um monte de CD grande, disco. Nossa! A gente aprendeu rapidinho”. Ela também fala da experiência após estar casada com seu cônjuge: “Nós dançávamos bastante, eu e o marido. Solteira, eu dançava muito, casada também. Quando ele ficou doente, paramos, mas eu adoro dançar”. Já a Entrevistada 9 destaca: “Eu lembro que meu irmão me ensinava assim os passos. Eu era bem fácil para pegar os passos, assim. Ele era muito dançador”.

Diante desses relatos, podemos perceber que a lembrança na memória do aprender a dançar está diretamente ligada aos lugares onde essas pessoas vivenciaram os fatos, e Nora destaca que “a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos” (1993, p. 19). Para a autora, isso só foi recordado porque teve algum significado. Por sua vez, para Pollak a memória é um acontecimento “individual” ou “coletivo e social”, e são momentos “vividos, pessoas que conhecemos e lugares que elegemos de apoio para nossas lembranças” (1992, p. 209). Enquanto isso, para Halbwachs (2003), em um primeiro momento buscamos nossas lembranças para consolidar algum acontecimento, em um momento vivido buscamos lembranças de outros. Logo, podemos perceber nos relatos o quanto as memórias estão interligadas com o convívio social das pessoas. Bosi confirma isso ao destacar que o convívio social é compreendido pelas ligações com “a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio, e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (Bosi, 1994, p. 54).

A segunda pergunta feita durante a entrevista as pessoas idosas foi se já gostavam de dançar antes de fazer as aulas de ritmo com o professor Anderson? A resposta foi unânime: todas sempre gostaram de dançar, mas dentre elas temos algumas respostas que nos provocam a reflexão. Por exemplo, a Entrevistada 1 nos revela: “Sempre gostei de dançar desde nova. Nós dançávamos nas festas, nos bailes à tarde”. A Entrevistada 2 responde: “Sempre gostei, eu amo dançar, não tinha oportunidade porque não existia. Sempre gostei de dançar”. Mas a fala da Entrevistada 6 chama a atenção

quando responde: “Gostava, amava, amava! E o que eu faço com mais amor é a dança, meu corpo já pede”. A Entrevistada 12 nos confessa em seu relato que “gostava, mas nunca fiz porque eu sou evangélica e não tenho o hábito de ir à balada coisa assim. Mas sempre gostei de dança”. Logo vemos que por mais que ela não pudesse dançar em público ela gostava de dançar.

Diante desses relatos, logo penso no quanto essas experiências dançantes foram importantes no passado a ponto de guardarem emoções ao serem recordadas. Segundo Vera Maria Antonieta Tordini Brandão, o que nos é trivial não deixa registros eternos, mas muito do que formamos como “nossa história são registros das emoções pessoais e, geralmente, misturadas com histórias vividas”, que logo passam a fazer parte das nossas histórias (2008, p. 24). A autora continua pontuando que “a emoção e a frequência do recordar” são essenciais na vinculação das vivências, das falas e da imaginação que podem ser recordados com a mesma veemência dos eventos reais (Brandão, 2008, p. 24).

Assim, percebe-se que, no momento em que as entrevistadas recordam suas histórias, elas fortalecem suas lembranças, trazendo-as para o presente momento. Para Bosi, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (2009, p. 55). Segundo a autora, por mais evidente que nos aparente ser a recordação de um momento passado, ela não será igual à experiência vivida, “porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e valor” (Bosi, 2009, p. 55).

Quando perguntei aos sujeitos da pesquisa com quantos anos começaram a dançar e se lembravam desse momento, surgiram muitas histórias surpreendentes e comecei a mergulhar um pouco mais fundo nas memórias dançantes dessa época.

A grande maioria das entrevistadas relata ter começado a dançar na sua adolescência, entre os onze a dezoito anos de idade. Analisando as falas, percebo que isso aconteceu no momento em que elas alcançavam a idade permitida pelos pais para sair e se divertir. A Entrevistada 1, por exemplo, relata: “Eu aprendi a dançar sozinha desde os quinze anos; a gente ia às festas e sempre dançava no baile”. O relato da Entrevistada 2 foi: “Acho que quatorze

anos, a gente ia aprendendo. Comecei a namorar cedo, e ele dançava bem, era dez anos mais velho do que eu, meu marido”. Acrescenta ainda, após uma breve pausa para rir, que “antes era muito novinha, não saía muito, mas aí comecei a namora e aprendi com ele e dançamos até sempre”. A Entrevistada 7 nos relata um momento marcante da sua história dançante, ao ponto de percebermos o respirar fundo antes da sua fala: “Doze. Oh, se lembro! Eu tinha doze anos e tinha um rapaz que gostava de mim. E aí tocou aquela ‘Diana’. Aí ele veio me tirar para dançar, mas eu não sabia, né. Então era um para lá dois para cá, a primeira vez que eu dancei”.

Nos relatos da Entrevistada 8 posso perceber o fato destacado sobre a idade para sair e ao mesmo tempo controle dos pais: “Dezessete anos, porque meu pai era ‘ali, ó!’. Não saía de casa tão fácil. Ah, foi um dia num baile que tinha, e era de tarde ‘soarê’ a gente diz”. Continua após uma pausa para rir: “De vez em quando eu ia, mas meu pai estava sempre por aí”. O relato da Entrevistada 11 também confirma os costumes da época: “Quatorze. Era nosso divertimento. Nós morávamos todos pertinho. Começamos pelo ‘soarê’. O baile começava às três da tarde e terminava às seis. Nunca era à noite, sempre durante o dia”. Continua: “O pai trabalhava na siderúrgica e era sócio do clube, então a gente não saía fora”.

O relato da Entrevistada 10 trouxe uma fala significativa que provavelmente está marcada na sua história dançante e na de muitas pessoas negras como ela nos fala:

Na minha adolescência. Com 14 anos. A dançar em clubes, quando era mais jovem, tinha quatorze anos. Eu ia com meu pai, minha mãe. Meu pai gostava muito de dançar, e eu ia junto com eles. Na sociedade, naquela época, só tinha clube para branco. Clube para negro, cada bairro tinha um. Então era assim, desse jeito que eu ia com eles. Aqui na Próspera mesmo, onde eu nasci.

Ao ouvir seu relato, é possível perceber um ar de resignação, “era assim desse jeito”, mas no fundo ela gostaria que tivesse sido diferente, como destaca Djamila Ribeiro: “[...] desde muito tempo, as mulheres negras vêm lutando para serem sujeitos políticos e produzindo discursos contra hegemônicos” (2017, p. 13). A autora ainda cita que Beauvoir argumenta sobre “o fato de que quando indivíduos são mantidos numa situação de inferioridade,

eles de fato são inferiores” (2017, p. 25). Assim, é possível perceber que a separação no salão de dança era mais uma das tantas maneiras de discriminação para, dessa forma, tornar aquelas pessoas negras inferiores pelo simples motivo de não terem a mesma cor.

Segundo Bell Hooks, “[n]a vida adulta, encontrei poucos brancos realmente dispostos a fazer o que é preciso para criar um mundo de igualdade racial” (2013, p. 41). No decorrer da sua vida, Hooks relata muitas vezes em seus escritos a difícil tarefa de mudar esse cenário de desigualdade. A autora acrescenta: “Hoje, assistindo à ascensão da supremacia branca e aos crescentes *apartheid* social e econômico que separa brancos e negros, ricos e pobres, homens e mulheres. Ciente de que vivemos numa cultura da dominação” (2013, p. 41).

A pergunta seguinte foi: Ao serem questionadas sobre o que achavam da maneira de ensinar os passos de dança contando histórias, fazendo brincadeiras e trazendo as memórias (lembranças)? Nesse momento, podemos perceber, no relato das entrevistadas, o quanto essa forma de ministrar a aula é atrativa e provoca suas lembranças, deixando a aula alegre com as histórias. Eis o relato da Entrevistada 1: “Muito bom, aquelas danças tuas. É uma dança que a gente não cansa. Nossa, como é bom. E depois, o jeitinho que tu fazes e colocas as músicas, a gente faz aqueles passinhos. Nossa, muito bom. Adoro”. Podemos observar aqui como faz diferença a forma de tratar a pessoa idosa, como quando relatam: “O jeito que tu fazes e colocas as músicas”, e como as músicas são um ponto importante. A entrevistada continua relatando que “e depois também, quando tu falas aquelas coisas sobre a dança, também, dos antigos, é muito bom porque às vezes a gente não se lembra, pela minha idade”. Para a Entrevistada 2, o respeito com as pessoas idosas também é um ponto relevante na aula: “O professor incentiva e a gente se solta, a gente fala o que sente porque, mesmo tímido, a gente vai se soltando porque vai dando oportunidade. O professor ajuda também, deixa a pessoa falar, não corta. A gente se sente bem nas aulas, é maravilhoso”.

Para Freire, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, na ação – reflexão” (1987, p. 50). O autor ainda acrescenta que “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens e por isso o diálogo é uma exigência existencial”. E assim a

Entrevistada destaca ainda a importância do professor, dizendo que durante a aula “traz o passado e as pessoas se soltam contigo”.

A Entrevistada 4 destaca na sua fala: “É muito bom, mas tem momentos que, quando a gente lembra, vem aquela emoção, porque quem é emotiva lembra o passado e... mas, não é uma tristeza, é uma lembrança boa. A emoção também pode ser uma emoção boa, como pode ser ruim”. Assim, é possível reforçar a importância das emoções que são registrados e ficam marcados, como coloca Brandão sobre “os registros das emoções” (2008, p. 24) e Bosi ao falar das “memórias interligadas com a família, o trabalho as relações sociais” (1994, p. 54).

Junto com essas duas pensadoras, trago Hooks, quando ela destaca que “ensinar é um ato teatral” (2013, p. 21). E a autora continua destacando que essa forma de desenvolver a aula desperta as trocas, “a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma”. Logo, temos que “interagir com a plateia, de pensar na questão da reciprocidade” e dessa forma enlaçarmos nessa maneira “teatral” do ensinar (2013, p. 21).

O relato da Entrevistada 8 fortalece ainda mais nossa estratégia: “É muito bom, eu acho que isso aí é uma criatividade que também faz com que a pessoa aprenda mais rápido”. Ela continua após risos, “é uma maneira de assimilar. Eu vejo aqui que você dá exemplo. A gente lembra. Aí depois você vai fazer a dança, você vai lembrar o que você falou, eu acho muito bom”.

Freire (1987) nos coloca que a história social e cultural trazida pelos educandos agiliza sua aprendizagem, pois as palavras que trazem consigo são compreendidas a partir do seu sentido. Segundo o autor, “nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa” (Freire, 1987, p. 55).

E olha como é importante para a Entrevistada 10: “Eu acho que é muito importante pra mim, me emociono e acho, assim, que a gente, como que eu vou dizer”, ela faz uma pausa e continua, “muito interessante, criativo, eu acho que é diferente. É uma maneira de ensinar diferente”.

Para a Entrevistada 11: “Ah, é muito legal que a gente lembra do passado, as histórias do passado que, se a gente for contar, demora muito”.

Momento de risos, e continua: “É bem legal a história que cada um conta, a amiga que conta no CCTI, né”.

Em resposta à mesma pergunta, comenta a Entrevistada 12: “Eu acho muito bom porque a gente volta ao passado, relembra as músicas que fizeram parte da vida da gente”. Percebemos o quanto a música se torna uma ferramenta importante no buscar lembranças. Continua: “[...] e ao mesmo tempo é estimulante, é descontraído. A gente fica muito à vontade – o tempo bom que não volta mais”.

Ao serem questionadas sobre se conseguem entender melhor quando o professor aplica os passos de dança de forma lúdica (divertida), as pessoas entrevistadas demonstram o quanto essa forma de ensinar a dança contribui no processo de ensino e aprendizagem da pessoa idosa.

A Entrevistada 3, por exemplo, afirma: “Sim, porque tu começa a visualizar lá e aí, quando se imagina fica melhor”. Para Frye (2017), a imaginação educada pode se tornar uma técnica de acesso a algo novo, para a criação e para autonomia. E Girardello destaca “um laço indissolúvel une a narrativa à imaginação” (2011, p. 82). Quando a Entrevistada 5 diz: “Consigo, consigo porque daí distrai um pouco a cabeça da gente”, é possível perceber que através desse modelo de ensino não estamos só contribuindo para o ensino da dança, mas também para o bem-estar físico e mental dos participantes. Em sua tese, Kelly Maciel Silva conseguiu perceber no relato dos seus participantes que a prática da dança “faz bem às emoções, à mente, ao espírito e ao corpo” (2017, p. 111). E continua a pesquisadora afirmando que “expressaram mudanças em aspectos emocionais, físicos e sociais, incluindo melhora das relações familiares” (2017, p. 110).

A Entrevistada 6 declarou: “Ah, sim, isso ajuda a entender melhor”. Brenman (2017) pontua que todo ato humano é antecipado de atividade imaginária; antes de fazer algo, o ser humano imagina. A imaginação está envolvida em todos os atos do indivíduo, inclusive no desenvolvimento humano como um todo. A entrevistada continua seu relato: “Para quem tem dificuldade é bom porque aquilo ali ajuda, né, no fazer os passos”.

O relato da Entrevistada 10 revela: “É bom, bom. Sim, a gente entende melhor. Tem umas coisinhas que ficam nas entrelinhas, né. Então eu digo que é aquele jeito de fazer isso aí que a gente consegue captar nas entrelinhas o

que aquilo quer dizer, desenvolver mais”. Em seu estudo, Paixão e Borges destacam que a imaginação é “um lugar de expansão da experiência humana, como espaços de desenvolvimento e como ‘não-lugar’ de irrealidades” (2018, p. 9). Back ainda acrescenta que a imaginação é essencial para a evolução do saber, encarregada de conectar a razão e a experiência, ação extra que colabora para esse desenvolvimento (2019).

A Entrevistada 11 confirma a importância do contar histórias: “Assim, quando você conta aquelas histórias do passado, é legal e a gente lembra do passado, dos nos pais, né, que a gente passeava nas colônias, né, visitava. Lá também a gente dançava, tinha as festas de igreja. De tudo eu participava, participava de tudo”. A Entrevistada 12 destaca nas suas falas: “Eu entendo, eu volto à infância, né. É muito descontraído, é muito bom, lembra o tempo de infância de juventude, em que a gente brincava com essas formas e a gente pode relembrar”. Para Vygotsky, o imaginar é “a capacidade de elaboração e de construção a partir de elementos, de combinar os elementos velhos em novas combinações, constitui o fundamento do processo criativo” (2012, p. 28). E de acordo com Girardello, “as experiências imaginativas da infância têm um papel crucial no desenvolvimento estético, afetivo e cognitivo” (2011, p. 89). É exatamente isto que as entrevistas confirmam: o poder encantatório das narrativas, a força da imaginação como ferramenta de educação.

A experiência acumulada durante todos os anos de vida das pessoas idosas as transforma em seres criativos, capazes de imaginar e recriar momentos importantes da sua história. Nesse sentido, Vygotsky (2012) destaca, ainda, que tudo o que foi construído pela mão do homem, toda a cultura é resultado da criatividade e imaginação dos seres humanos.

As pesquisas de Vygotsky (2009) revelam o quanto a imaginação depende das várias experiências vividas anteriormente pelos humanos. Diferentemente da criança, que ainda está se construindo através da imaginação e da criatividade, a pessoa idosa já possui experiências, vários instrumentos para trabalhar. Ainda que continue em constante construção, essa pessoa traz consigo infinitos signos coletivos, individuais e imaginários, e cabe ao professor de dança construir instrumentos mediatizadores para as práticas do ensino da dança.

Em relação à questão sobre o trazer histórias sobre o passo de dança que você já viveu, isso te ajuda de alguma forma a entender melhor o passo, as respostas foram muito interessantes. A Entrevistada 1 assim se expressou: “Sim, lá em Siderópolis eu morava perto do trilho, depois de casada. Morava perto do trilho que ia buscar carvão no Rio Fiorita. Andava por cima do trilho bastantes vezes”. Para Costa e Ribeiro, o contar histórias “auxilia na formação humana” (2017, p. 14), o que revela a importância de rememorar as lembranças por meio de histórias para, assim, continuar contribuindo para a formação do indivíduo. Como já relatei aqui no estudo, antes de escrever o homem já falava e por meio dessas falas contou sua história, para essas pessoas as histórias têm muito mais significado.

Egan destaca que as culturas orais “sempre ligaram sua sabedoria a imagens vívidas, envolvendo-as em histórias que conseguiam despertar respostas afetivas” (2007, p. 29). Dessa forma, as histórias possuem um sentido profundo para as pessoas idosas que construíram parte do seu conhecimento ouvindo os relatos dos antepassados. No relato da Entrevistada 3 podemos perceber como a história está ligada a lembranças da sua memória:

Sim eu acho que tudo ajuda a gente a memorizar porque hoje, com 60 anos a mais, a memória já é um pouco falha, né. Então, quando você se concentra na sua fala e traz essas memórias, a gente também consegue. Quando eu andava de bicicleta, eu fazia assim; quando eu andava brincando em cima dos trilhos, eu fazia assim. Tudo isso incrementa e ajuda a gente porque com a idade

Analisando sua fala é possível perceber como a história a faz entrar em uma viagem cheia de lembranças do seu mundo e que provavelmente foram vividas nas suas relações. Para Costa e Ribeiro (2017), a história possibilita à nossa imaginação viajar para locais incríveis, onde conseguimos brincar com nossos sonhos, vencer medos, além de provocar o prazer de imaginar.

A Entrevistada 4 assim declarou: “Com certeza, vêm as lembranças e aí fixa melhor na própria memória e se torna muito mais gostosa”. A Entrevistada 5 relembra através da música: “Ajuda, ajuda bastante. Aquelas valsas bem gostosas”. O testemunho dessas duas idosas nos provoca a pensar no quanto é importante uma aula construída, para esse público, com músicas do seu tempo e com momentos de falas, pois a pessoa idosa gosta de ser ouvida.

Freire já dizia no livro **Pedagogia do Oprimido**: “não podemos repetir o mesmo ensinamento para todos” (1978, p. 57). Continua o autor: “O diálogo deve estar presente em todos os momentos do processo ensino aprendizagem”. E não podia ser diferente com o ensino da dança. O autor ainda acrescenta como a palavra tem o poder de transformar o mundo dos homens. Os conhecimentos que cada sujeito traz para sala de aula vêm como recurso de poder e justificar o conhecimento apresentado.

O relato da Entrevistada 6 reforça: “Sim, sim, ajuda bastante. Na hora que se está no trilho, um passo na frente e o outro atrás, assim, na frente um do outro né, no trilho, ali a gente andou muito em cima do trilho, muito, muito, mesmo. Na nossa região tinha o trilho perto de casa”. Nessa fala percebemos o quanto estão ligados, nas histórias da entrevistada, os trilhos perto de casa, reforçando o que Nora (1993) cita sobre os acontecimentos que têm significado e são registrados, e o que Bosi (1994) destaca sobre como as memórias estão diretamente ligadas ao convívio social. Por sua vez, para Brandão (2008), as memórias se constroem nas experiências com alguma emoção vivida. Halbwachs (2003) pode ainda contribuir pontuando que toda lembrança individual está conectada com algum momento social. Desse modo, quando lembramos algo, estamos reconstruindo nossa memória através dos momentos e das relações sociais presentes de uma recordação consciente.

Quando foram questionadas sobre exemplos de movimentos que o professor traz e que os entrevistados tenham feito, se isso ajuda a fazer os passos de dança, podemos encontrar em suas falas muitas questões importantes para esclarecer nossas dúvidas.

Um dos pontos a ser destacado é o momento em que ela relata: “quando você se concentra na sua fala”. Logo percebi que, quando o professor consegue se aproximar do aluno, sua fala, sua explicação fica fácil de ser compreendida. Vem à lembrança o que escreveu Freire (1978) quando comenta que toda história social e cultural trazida pelas pessoas contribui para o ensino, toda palavra trazida se torna mais fácil de ser compreendida. Assim, ao despertarmos as memórias que os idosos carregam consigo, conseguimos nos aproximar deles a ponto de termos sua atenção à explicação de um passo de dança. Acrescenta o autor: “Nosso papel não é falar ao povo sobre nossa

visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa” (Freire, 1978, p. 55).

Continua a entrevistada: “Quando andava de bicicleta, eu fazia assim, quando brincava em cima dos trilhos, eu fazia assim, tudo isso incrementa e ajuda”. Para Silva, durante a prática da dança, a pessoa idosa consegue sentir “algumas sensações vividas no passado”, que podem trazer “à memória lembranças do tempo da juventude”, vivência essas que “ressignificam o viver no presente” (2017, p. 111).

O relato da Entrevistada 6 confirma como a estratégia de ensinar a dança é válida: “Eu acho que tudo ajuda, né, Anderson. Qualquer coisa que possa ajudar nos passos de dança, eu acho que é válido, eu acho que é uma coisa bem boa”. E confirma a Entrevistada 10: “Eu acho que isso é bem bom, é diferente, eu não encontro palavras para falar”.

Observemos o relato da Entrevistada 11, que diz: “Tudo isso aí ajuda. Já andei de bicicleta. Fila de banco ainda continua. Agora está mais fácil porque o idoso não precisa de tanta fila. Me ajuda bastante. Para mim a melhor coisa do mundo é a dança, não tem outra coisa melhor que a dança”. Podemos observar aqui no seu testemunho como ela ressignificou sua lembrança do passado ao dizer: “Fila de banco ainda continua. Agora está mais fácil”. Já citei anteriormente o comentário de Bosi explicando que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, como imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (1994, p. 55). A autora ainda acrescenta que a lembrança é a “sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens – lembranças (1994, p. 53).

Para a Entrevistada 12, essa forma de ensinar a dançar ajuda na memória e na concentração: “Ajuda, ajuda na concentração, ajuda a você se conectar com o ritmo da música, e isso é muito bom, até mesmo para a memória da gente, porque a gente fica ligada em tudo, no passo, na música, no ritmo. Então, isso estimula bastante até a memória”. Logo percebi que ela se refere à saúde mental, já que esse é um tema muito falado entre as pessoas idosas. E segundo a OMS (2015) o envelhecimento é um momento da vida marcado pela diminuição das capacidades funcionais, dificuldade em realizar as Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD).

Sobre essa questão, Belascol e Okuno observam que “o envelhecimento saudável é um processo que permite a manutenção da capacidade funcional, além da ausência de doença ou o controle das mesmas” (2019, p. 2). Sob o mesmo ponto de vista, Ramos (2003) destaca a ideia do envelhecimento saudável sendo resultado da inter-relação entre saúde física, mental, independência na vida, relação social, apoio familiar e independência financeira.

A próxima questão levantada foi: Descreva como você via a dança antes de fazer a aula com o professor Anderson? Analisando essas falas é possível perceber que, para a maioria, a dança era vista como um divertimento. Não havia um entendimento mais profundo do que a dança proporcionava para cada uma delas. Outro ponto destacado foi o não haver professor de dança antigamente. Os que queriam aprender observavam os que já dançavam, os que já dançavam repassavam o seu conhecimento popular e isso se replicava, assim, a cultura da dança era repassada naquele momento para essas pessoas.

O relato da Entrevistada 1 se refere aos tipos de dança que ela dançava: “Antes eu dançava vários tipos de dança: xote, valsa, vanerão, meu deus! Rancheira... era diferente, era mais ligeiro, a gente era mais nova também”. Vemos que a cultura dos nossos vizinhos gaúchos está presente desde muito tempo em nossa região e essa cultura vem sendo transmitida entre as gerações até os dias atuais. A Entrevistada 2 destaca: “Olha, era um exercício. Não era bem uma dança. Depois que comecei a aula contigo, foi bem diferente”. O depoimento da Entrevistada 3 foi: “Eu nunca fiz com professor, mas eu dançava. A gente achava que era só um divertimento”. A Entrevistada 4, em sua resposta, destaca: “Agora tem mais técnicas, né, o som se torna melhor, o professor, porque antes a gente dançava e não tinha professor, não tinha. Era o som da gaita e do violão, e a gente dançava, dançava até sem música”.

Percebemos no relato que as pessoas dançavam sem se preocupar com o movimento. Elas iam copiando umas das outras, queriam apenas se divertir. Novamente, percebemos nessa fala a questão de não haverem tido um professor de dança para ensinar a dançar. Ouvindo a história da Entrevistada 5, consegui identificar mais uma vez a dança como uma forma de divertimento:

“Antes meu marido era doente, só quando ele era são que a gente ia a alguma festinha e dançava. A gente ia a alguma festinha para se divertir, mas era muito pouco”.

Refletido sobre esses depoimentos, consegui verificar a semelhança da dança apenas como um divertimento entre elas. Logo, podemos pensar na identidade cultural que se formou nesse grupo e, para melhor entendermos a questão, Hall (2002) nos apresenta a construção da identidade. Para o autor, as identidades são construídas nas representações, dentro dos discursos que informam como um grupo vive e compartilha seus significados. Assim, somos constituídos de forma individual e coletiva ao mesmo tempo, pois somos parte de um grupo social que nos reconhece como indivíduos que pertencem a uma cultura formada ao longo dos anos. O autor ainda acrescenta que as identidades culturais “um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação e não uma subsunção” (2002, p. 106). Para Halbwachs (2006), a identidade é formada através da constituição das memórias, assim conseguimos definir quem somos e como nos identificamos como indivíduos e reconhecemos o outro.

Diferente dos outros relatos a Entrevistada 6 nos demonstra outra forma de ver a dança: “Eu já via a dança uma coisa maravilhosa, né, até quando a gente começou a fazer a dança contigo”. De acordo com a Entrevistada 7: “Olha, eu sempre gostei. Então, eu via, via, gostava, gostava. Até quem me ensinou a dançar um samba foi um senhor moreno, e ele tocava o pandeiro e eu pulava ali na frente”. Pelos depoimentos, podemos identificar que o professor era a pessoa que tocava o pandeiro, não existia um processo, uma ordem de como iniciar o passo do samba no pé, só precisava se mexer, “pular”, como relata a entrevistada. E a frustração da Entrevistada 8 é que não havia ninguém para ensinar: “Ai, eu via, sei lá, tinha vontade, mas não sabia como achar alguém para entrar. Então, não tinha quem você procurasse, assim para fazer essas aulas que fosse da terceira idade”. Aqui, verificamos que as pessoas idosas percebem a diferença de uma aula construída para o seu entendimento e sua formação e compreensão com a dança.

Ao refletir sobre o repassar os conhecimentos, recordo-me das civilizações mais antigas, que usavam a palavra falada para repassar os conhecimentos sendo este um ensino mais tradicional. Ki-Zerbo (2010) destaca

que, por meio das histórias contadas oralmente, nasceram os grandes detentores da herança cultural na África. Dessa forma, podemos imaginar que as pessoas que repassavam os conhecimentos da dança dessa época tinham essa habilidade. O autor ainda destaca que esses detentores eram conhecidos como “doma”. Normalmente, pessoas mais idosas que conheciam de tudo um pouco e, acima de tudo, da prática que se baseava em saber como se dava a relação adequada com as influências do mundo visível.

Ki-Zerbo relata que, na história africana, a tradição oral é essencial, pois todo conhecimento era transmitido pelos mestres aos discípulos através da fala e do ouvir. “Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais” (Ki-Zerbo, 2010, p. 139). Diante desses fatos, percebemos que os conhecimentos de dança eram repassados através da oralidade por pessoas que eram consideradas conhecedoras do assunto.

Segundo Ki-Zerbo, “a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas” (2010, p. 169). Assim, para o autor, nas sociedades em que a oralidade está presente, a memória é mais desenvolvida e a ligação entre o indivíduo e a palavra é mais forte.

Seguindo com a discussão, a Entrevistada 9 nos fala: “Antes era só aquele mundinho de que a gente sabia, aquela coisa bem pouca, né”. E a Entrevistada 10 responde: “Muito, como que eu vou dizer, sem graça com qualquer jeito que eu dançava”. E ela detalha:

Eu só participava no grupo. A dança sempre foi legal, sempre gostei de participar, sempre participando. Eu sempre era metida, assim, de estar junto na sociedade. O pai era sócio, a gente estava sempre trabalhando, contratava os conjuntos, aí ficava até a última, seis horas da manhã, para pagar os conjuntos, as pessoas que iam tocar. Então a gente ficava ali, participava de tudo.

A entrevistada relata acima nos faz lembrar do pensamento de Hall (2002) quando comenta sobre as motivações estimuladas pelos seus familiares. Assim, para o autor, somos todos indivíduos de uma cultura recebida. Dessa forma, todos os acontecimentos sociais, culturais e suas transformações vão se introduzindo na cultura.

A próxima questão feita foi: Descreva como você vê as aulas de dança hoje? Qual a importância da dança na sua vida? Ao iniciar a ouvir as respostas das participantes, consegui perceber o quanto a aula de dança faz bem para elas. As respostas vinham cheias de emoção, a alegria nos olhos era impressionante. Isso fez evocar em mim as ponderações de Bosi sobre a emoção no falar, o flutuar das palavras e as pausas durante a entrevista – “são portadores de significação capazes de resgatar experiências de histórias vividas” (1994, p. 63). A autora destaca ainda que “estamos sempre à procura do que está ainda inexpresso e do que hesita em ser capturado pela interpretação” (Bosi, 1994, p. 53). Dessa forma, ela recomenda: “se quisermos nos aproximar da esfera que resiste ao formato social, registremos as hesitações e silêncios do narrador. Os lapsos e incertezas são o selo da autenticidade” (Bosi, 1994, p. 63). Assim, o transcrever dessas falas foi cheio de pausas, risos, incertezas nas palavras, e procurei ser o mais fiel possível ao transcrevê-las.

Início com o testemunho da Entrevistada 1: “Nossa, muito bom, [risos] gosto muito. Ela me ajuda bastante, mexe o corpo, mexe a cintura, a gente faz aquelas coisas com os braços, já mexe os braços, tudo isso ajuda bastante vários tipos de maneiras”. Percebemos, então, que a entrevistada vê a dança com uma atividade física que traz muitos benefícios para o seu corpo, o que a deixa muito feliz.

Quando a Entrevistada 2 relata seu depoimento, ela mostra o quanto gosta de dançar a ponto de destacar que “é tudo na minha vida”.

Se pudesse, eu ia todo dia, para você ver como eu gosto. Se tivesse oportunidade, todo dia, porque eu acho, assim, que é... Nossa! Para o idoso, acho que foi uma coisa maravilhosa. A gente fica alegre, é outro ambiente e a gente está sempre feliz, eu fico feliz de dançar. Olha, aí tem muita... Se não fosse a dança, o que é que eu faria? Não sei, podia até fazer academia, que eu já fiz, mas a dança, para mim, é maravilhosa, é tudo na minha vida. Na idade em que eu estou, olha, não tem nada melhor.

Como se pode perceber, sua fala é cheia de emoção. Ela procura colocar nas palavras do sentimento que ela tem pela dança e o quanto é feliz por praticar nesse momento da sua vida.

A Entrevistada 3 traz na sua fala: “Ali, com a dança, a gente observa que é saúde, porque tu observas teu corpo tu vê. [risos] tanto é que através dali

também que eu procurei por mais atividades. É tudo, né, acho que dançar, ouvir música, isso alegra”. Nessa fala, a entrevistada traz o olhar do corpo que dança, a melhora da saúde e o quanto ela é alegre por dançar.

Ouvindo a Entrevistada 4, logo percebemos sua emoção ao falar da dança, ao encontrar as amigas e a importância de ter o professor dando a atenção merecida: “É um sonho que veio para nós nesta idade, chegar com as amigas e o professor ali esperando naquela vontade dele. Ele olha no olho de cada uma”. A idosa ainda destaca o quão importante é a dança, “é muito importante que não tem explicação. Para nós a explicação é muito boa, a gente só pensa: mas como que eu tenho direito de estar aqui? Que beleza, isso aqui, e o mesmo para tirar as pessoas que gostam de dentro de casa”. Percebemos aqui na sua resposta a sua humildade a ponto de achar que não tem direito de ter aquilo. Certamente que tem direito, tem direito a cultura, a dança, a literatura... tem direito a viver em plenitude sua “terceira” idade. Ela continua após suspiros: “A importância para mim é muito gratificante, que tu estás te movimentando, estás movimentando o cérebro e as juntas do nosso corpo todo. A dança é uma coisa que mexe com a mentalidade o corpo, tudo”. Assim, ela finaliza trazendo sua percepção da dança como uma forma de melhorar a saúde física e mental.

Ao apresentar sua resposta, a Entrevistada 5 diz: “Bem legal, né. Bem bom mesmo. A dança é uma coisa muito divertida, aquela coreografia que eu fiz também, aquelas apresentações que eu fiz no Shopping das Nações, na inauguração do shopping, em que eu dancei o carimbó, era muito gostoso, nossa!”. A idosa aqui recorda de um momento único para ela, o participar do grupo de coreografia e da apresentação em um local importante para ela. Sabemos do quão importante é para as pessoas idosas se sentirem integrantes da sociedade, e o apresentar-se em um local público traz muito significado para quem muitas vezes não é visto.

Para a Entrevistada 6, a saúde está muito ligada à prática da dança: “Eu acho assim, na idade que a gente tem, aula de dança é muito bom. [risos] Ela ajuda na agilidade do nosso corpo e ajuda também na memória, né. Porque os passos que tu tens que gravar, aquilo ali tudo vai te movimentando, fazendo tua memória trabalhar, né. Então é muito bom assim na nossa idade é bem válido”.

O testemunho da Entrevistada 7, apesar de pequeno, reflete muito sentimento. Suas pausas na fala e suas palavras mostram como a dança é importante: “Para mim, é tudo na vida, Anderson”. Ela faz uma pausa para continuar: “Tudo, não tem assim? Ó, até eu já estou com medo, assim, que, que acabe isso aqui e a gente, sei lá... Para mim, é tudo”.

Ao analisarmos o testemunho da Entrevistada 8, temos a percepção dela quanto à melhora da sua qualidade de vida e do quanto a dança é significativa na sua vida:

Maravilhoso. Eu acho que adquiri muito, bastante capacidade. A minha postura mudou, muita coisa. Fez muito bem pra mim, não sei nem dizer, uma imensidade de coisas. Eu não conseguia nem fazer isso aqui, Anderson. Eu fiquei muito tempo fazendo fisioterapia, eu tive um problema sério por causa da minha doença e nunca descobri. Depois, com a fisioterapia, comecei a voltar. Quando entrei aqui, eu estava toda dura. Eu ainda tenho uma perna meio dormente, mas eu consigo acompanhar em tudo. Muito, parece que a gente não vive sem ela.

Em seu depoimento, a Entrevistada 9 responde: “Eu vejo bem divertida, né, bem fácil de aprender. Às vezes tem pessoas que são mais difíceis de aprender, eu sei que tem, assim como eu, que tem coisas que eu não aprendo rápido, mas é bem mais fácil, bem mais interessante”. Por essa fala destaco a sua observação considerando a dança “fácil de aprender”, achando a aula “divertida e interessante”. Dessa forma, para a aula ser interessante, o professor precisa apresentar para o aluno o que ele acha interessante. Preciso entender a pessoa idosa, olhar para a pessoa idosa e não para mim, dessa forma chegamos à aula desejada. Segundo Marlen Moreno Lantigua, o ensino “é um processo de apropriação da experiência anterior do desenvolvimento das habilidades destrezas e formação de valores” (2015, p. 16). Para a autora, cada indivíduo traz consigo “potencialidades e eficiências do aprender”, logo o professor precisa saber reconhecer e utilizar essas potencialidades nas suas aulas. Ela continua refletindo sobre toda a história de vida: “O conhecimentos prévios e a experiência anterior, o conjunto de concepções, atividades, valorização” devem ser respeitados, pois cada indivíduo possui uma história única que compõe o seu processo de aprendizado (2015, p. 16).

O testemunho da Entrevistada 9 continua: “Ai, faz muita diferença na minha vida, bastante. Assim, tudo. Vamos dizer que hoje estou na aula de

dança, estou aqui contigo porque, porque me faz muito bem, bem mesmo”. Ao fim da sua fala, ela respira fundo.

A Entrevistada 10 nos chama atenção pelo interesse em melhorar, em querer aprender coisas novas, em evoluir. Isso mostra que ela tem a perspectiva de um futuro, objetivos para serem alcançados e, como sabemos, muitas pessoas idosas, por já estarem com uma idade mais avançada, desistem facilmente por acharem que não têm mais tempo para aprender algo novo:

Hoje eu vejo que são mais interessantes. Depois de estar há tanto tempo fazendo, eu vejo ela diferente, diferente para melhor. Eu presto mais atenção, reparo mais no passo das outras pessoas, tudo eu faço para melhorar. Eu quero entender melhor, quero, eu entendo melhor. Eu já estou bem mais evoluída do que eu era antes das aulas. É tudo de importante, tem coisas importantes na vida, mas a dança é uma coisa assim, que faz parte da minha vida, a dança é como minha família.

Segundo a Entrevistada 11: “Hoje eu acho cada vez melhor. Para mim, é..., não existe outra coisa melhor do que a dança. Depois que eu entrei na dança, no CCTI lá eu melhorei bastante porque eu tinha um problema no joelho, problema na articulação. Eu melhorei tudo”. No seu relato, ela consegue ver a dança como um tratamento para suas dores, mas sabemos que, além da parte física, a mental pode ter sido a principal.

Quando refletimos sobre a fala da Entrevistada 12, logo percebemos que ela inicia referindo-se a “momentos felizes”, sobre extravasar, “gritando, soltando a voz, cantando”.

Ah, são momentos felizes. Não tem como a gente dançar, sem estar sorrindo, sem estar dando grito, sem estar soltando a voz. A gente acaba cantando e conecta tudo de uma vez, porque se está cantando e está dançando, se estimulando, se está feliz, são momentos que são descontraídos. As danças hoje me dão prazer, com certeza.

O ensino da dança precisa ser assim, prazeroso, descontraído, pois só então vamos conseguir contagiar todos e o aprender a dançar será natural. Segundo Freire (1978), o diálogo é essencial entre educador e educando e, sendo um encontro benéfico, os dois se tornam elementos importantes no processo em que crescem juntos, e não como peças em um mero ato de aplicar ideias. Por isso, a aula, para ser contagiante, tem de ser construída com

o aluno, para perceber sua realidade, principalmente social e cultural. Não se pode construir esse ensino, sem saber qual a necessidade e a história dos aprendentes. Para Lantigua, “o professor tem o papel de guiar, orientar, facilitar o aprendizado, criando assim, uma interação construtiva entre o aluno e o objeto de conhecimento” (2015, p. 29).

Quando perguntadas o que você procura fazendo as aulas de dança, tive respostas que nos fizeram refletir sobre o ensino da dança para as pessoas idosas. O depoimento da Entrevistada 1 se remete às relações e à convivência social durante a aula de dança: “Ah, tem várias, porque, uma, tu vais na aula, já encontras uma amiga, já conversas, se não conheces já vais conhecer várias coisas ali dentro na sala de aula. Uma conta uma coisa, outra conta outra, a gente vai levando, vai se divertindo, dançando”. A Entrevistada 4 também vem em busca da socialização: “A alegria e a música. Sempre é muito bom dançar com a música e, com acompanhamento de alguém, é excelente”. Já para a Entrevistada 2, além de socializar, procura os benefícios físico e mental, além de querer aprender mais: “Eu quero aprender mais, quero dançar mais. O professor incentiva e a gente dança, quer aprender mais e, para a saúde, para o equilíbrio, sai de casa para procurar um divertimento”.

Elas encontram pessoas que reconhecem suas falas, logo relembram momentos vividos da sua trajetória, e isso as faz se aproximarem umas das outras. Para Bosi, “o grupo transmite, retém e reforça as lembranças” (Bosi, 1994, p. 31).

A Entrevistada 5 vê a dança como “um exercício bom para o corpo, para a mente. Para o coração é um exercício ótimo”. Observando o relato da Entrevistada 6, vemos o quanto as relações sociais estão envolvidas na aula. “Ai, eu procuro ocupar o espaço de tempo, o meu tempo, no caso, o tempo disponível, e ter um agrupamento de amigos, essas coisas assim, de arrumar amizade. Essa aula de dança é muito bom”. Já a Entrevistada 9 compartilha: “Eu procuro me distrair e porque eu gosto muito de fazer amigos, fazer amizade”. Para as Entrevistadas 6 e 7, o aprender mais e prestar atenção seriam o que procuram nas aulas, mas a Entrevistada 7 destaca: “[...] e também desinibir. Eu sou meia tímida, e a gente já desinibiu bastante”. As Entrevistadas 10 e 11 procuram a saúde nas aulas de dança, e a Entrevistada 10 vem para “conversar com as pessoas, no relacionamento. Assim, a dança

abriu uma coisa para mim, uma coisa muito boa, sabe, e me deixa muito feliz. É muito bom. Eu não vivo, acho que não dá para viver, sem a dança”. E destaco aqui a fala da Entrevistada 11: “Faço tudo para minhas filhas, mas chegou no meu dia, vocês não me peçam para fazer, não venham almoçar na minha casa, porque esse dia é meu”. Por fim, a Entrevistada 12 nos relata: “Eu procuro me confraternizar com as minhas amigas, ter bom relacionamento com todas e ser feliz durante a aula”.

Podemos perceber nos depoimentos que a pessoa idosa procura a dança para aprender a dançar, para melhorar a sua saúde física e mental, se divertir e ocupar o tempo, mas o que elas realmente procuram e está evidenciado nas frases delas é a convivência social. Elas querem encontrar as amigas, fazer novas amizades. No fundo, querem se sentir bem em estar com pessoas do seu meio para ter com quem conversar, ouvir e recordar lembranças suas e dos que ali estão.

Para Brandão, quando uma pessoa idosa conta sua história e com ela as memórias, refaz suas vivências, o que irá dar “sentido na sua trajetória individual”, e junto com as dos seus semelhantes formarão as “memórias coletivas” que irão nutrir sua cultura (2008, p. 6). Segundo Katia Maria Pacheco Saraiva, todo o percurso de vida de cada pessoa é construído através dos “contatos intersubjetivos que, por sua vez, formam redes de relações e que irão formar a base constitutiva de nossa humanidade” (2000, p. 132). Dessa maneira, podemos pensar que somos formados não apenas individualmente, mas também coletivamente. Seria impossível viver totalmente isolado das outras pessoas. Vemos aqui o quanto é importante ter o outro para compartilhar vivências e, assim, formar uma teia que interligue as pessoas e forme um sentido ao longo da vida.

De acordo com Silva, as pessoas idosas, ao estarem inseridas na comunidade, convivendo e participando, manifestam a “importância da troca entre as pessoas e do estar junto” (2017, p. 109). A autora acrescenta que as pessoas idosas relataram, em sua pesquisa, que a dança trouxe “mudanças em aspectos emocionais, físicos e sociais, incluindo melhora das relações familiares” (2017, p. 109). Continua destacando que as pessoas idosas afirmam estar mais “tranquilas, alegres, otimistas, atentas e com facilidade para conversas” e ainda descrevem a “melhora no equilíbrio, na coordenação

motora e no alívio das dores” (2017, p. 109). Dessa forma, é possível comparar essas falas aos testemunhos do nosso estudo, confirmando ainda mais o quanto a aula de dança é muito mais que aprender a dançar.

Chegamos à décima primeira questão deste estudo: Como se sente após a aula de dança? Após ter realizado todo o percurso na discussão dos dados, a resposta para este questionamento não poderia ser outro. Decidi colocar todos os depoimentos, pois cada um traz seu sentimento individual, englobando todos os benefícios que a aula proporciona à pessoa idosa.

Entrevistada 1: “Muito bem”. Entrevistada 2: “Ai, quando termina, fico com pena, foi rápido demais, mas eu saio feliz, realizada, realizada”. Entrevistada 3: “Muito, com energia, muita energia, assim, alegria, sorrindo”. Entrevistada 4: “Leve, mais disposta. Tu ficas mais disponível, solta, leve”. Entrevistada 5: “Ai, eu me sinto bem realizada, né. Parece, assim, que já aprendi tudo”. Entrevistada 6: “Me sinto bem, bem para cima, com alto-astral muito bom”. Entrevistada 7: “Ah, muito bem, né. Nossa! Vou para casa feliz”. Entrevistada 8: “Faz bem, a gente se sente solta, mais alegre. Lembra que eu era bem dura, nossa eu estava sempre tensa. Agora acabei me soltando muito, muito bom”. Entrevistada 9: “Me sinto livre, me sinto bem, vou embora assim, correndo, que eu chego em casa num instantinho. Me sinto muito bem”. Lucilene 10: “Um pouco cansada, com certeza, porque com a idade a gente sente cansaço, mas eu me sinto feliz cansada, feliz por ter mexido bastante com o corpo”. Entrevistada 11: “Às vezes um pouco cansada, a idade está chegando, né, mas chego em casa, tomo um banho e estou pronta para outro dia”. Entrevistada 12: “Saudade, vontade de ter novamente. Pena que é pouco tempo que a gente tem de aula de dança, de ritmo, é curto o tempo”.

Dessa forma, é possível analisar o quanto uma aula de dança bem elaborada pode proporcionar momentos únicos para as pessoas idosas, e todos esses benefícios podem tornar o dia delas mais feliz para seguir sua trajetória na sociedade. De acordo com Carla Wintter *et al.* (2013), dançar desperta emoções positivas, prazer e socialização. São esses fatores que motivam o indivíduo a dançar. E segundo Belo e Gaio a dança proporciona aos indivíduos condições para o despertar “da alegria, da liberdade, da euforia” (2007, p. 129).

Quando foram perguntadas se existe idade certa para se aprender a dançar e quais as maiores dificuldades para se aprender dança na terceira idade, as pessoas entrevistadas responderam de imediato que não existe idade para começar, e a grande maioria acha que basta ter vontade.

Responde a Entrevistada 1: “Eu tenho uma amiga que está no clube da terceira idade, a dona Irene, tem 99 anos, vai fazer 100 anos agora em outubro, ela não pode escutar uma música que já está ali dançando”. Para a Entrevistada 4, “qualquer idade; quanto mais de idade, melhor a dança é”. E a Entrevistada 9 nos diz: “Não, né, hoje eu estou aprendendo balé. É muito gratificante, não tem idade”. De acordo com a Entrevistada 10: “Todas as pessoas têm a chance, a possibilidade de aprender a dançar, que é uma coisa assim, é só a pessoa querer”. E continua afirmando que “nada é de graça, então a gente tem que se esforçar, a pessoa tem que se esforçar”.

Como já foi falado, quando mais novas muitas dessas pessoas não puderam dançar porque os pais não permitiam. Buscando no estudo de Silvia (2017), é possível perceber esse detalhe com as pessoas idosas entrevistadas na sua pesquisa: “O pouco contato com a dança que algumas pessoas idosas tiveram durante sua experiência de vida devido à falta de estímulo da família” (2017, p. 112).

Hoje nossas entrevistadas têm outro pensamento sobre o dançar, mas suas memórias trazem lembranças às vezes não tão positivas. Assim,

Sendo uma manifestação humana, percebemos que os corpos que dançam são tatuados enquanto marcas da história, independente de gênero, classe social, faixas etárias e deficiências, apresentando-se como espelho de uma sociedade, que atualmente discute e luta por inclusão social. (Belo; Gaio, 2007, p. 129)

Os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre as maiores dificuldades para aprender a dançar. Segundo a Entrevistada 1, as pessoas que nunca dançaram e as que não gostam têm mais dificuldade para aprender a dançar. E ela nos diz ainda: “Eu não tenho dificuldade. Às vezes me dói um pouco as pernas, claro”. Responde a Entrevistada 2: “Pois agora!? O que é que eu vou dizer? Eu não sei, eu não tenho dificuldade, porque eu acho que sempre gostei, sabe. Se estou em casa, eu ligo, eu danço”. Ela ainda relata que, como dança há muito tempo, não tem problemas com o equilíbrio. De

acordo com as Entrevistadas 3 e 4, o ritmo seria a maior dificuldade delas. E a Entrevistada 4 confessa: “A minha dificuldade hoje em dia é que, já com a idade que eu estou, às vezes a gente desequilibra, a gente perde um pouquinho do equilíbrio, mas é tão prático que tu volta logo em seguida”.

Estudos apontam que o equilíbrio e a marcha são as estruturas mais acometidas com o envelhecimento, em consequência das alterações do aparelho locomotor e do sistema sensorial, o que favorece o início da instabilidade. Tolocka, Leme e Zanuzzo (2011) colocam que a diminuição da força muscular e da composição óssea levam a mudanças na postura do tronco e das pernas, intensificando ainda mais a curvatura da coluna.

Em virtude do envelhecimento, um dos principais motivos que interrompem a vida do idoso é a instabilidade postural, que ocorre devido à “dificuldade e às alterações da habilidade do sistema nervoso central em completar o processamento dos sinais vestibulares, visuais e proprioceptivos encarregados pela manutenção do equilíbrio corporal, e dificulta a capacidade de modificações dos reflexos adaptativos”. Essas últimas representam um dos principais dilemas da saúde pública devido à sua alta incidência (Silva *et al.*, 2017).

O equilíbrio é muito importante para a manutenção e a promoção da qualidade de vida dos idosos. A dança é uma atividade que propicia melhora em aspectos físicos, mentais, melhorando o equilíbrio e suas atividades de vida diária, evitando quedas, permitindo uma maior amplitude e independência nas suas atividades, recuperando a confiança e autoestima dos idosos, nas realizações das atividades de vida diária doméstica e em grupos sociais de terceira idade (Santos; Guedes; Joia, 2018).

O testemunho que a Entrevistada 6: “Dificuldade é a realidade da pessoa, a pessoa não tem agilidade, não tem vitalidade, problema de perna que tem, de joelho, as doenças da velhice que aparecem e que a pessoa às vezes tem vontade de fazer e não consegue porque não dá não tem condições”. Refletindo sobre essa fala, pode-se dizer que cada pessoa idosa possui uma realidade, algum problema de saúde, uma dor, e não podemos deixar de pensar em toda sua trajetória de vida, qual atividade física ela fez para seu corpo. Imagino que as falas de rejeição, as proibições da prática da dança podem ter prejudicado muito, deixando marcas na sua memória a ponto

de achar que não consegue. Tudo isso pode de uma forma interferir no seu aprender.

Segundo a ONU (2015), o envelhecer é um processo biológico que ocorre com todos os seres humanos desde o momento em que ele nasce. Cardoso, Dietrich e Souza (2021) também destacam a pessoa idosa como um acontecimento biológico, mas isso vem se alterando com o tempo. Eles propõem identificar as diversas formas de envelhecer, entre elas os idosos que se preparam financeiramente e podem manter uma qualidade de vida ativa e os idosos que não conseguem se organizar para a aposentadoria, muito menos participar de atividades sociais.

Para muitos, o envelhecimento é um momento da vida marcado pela diminuição das capacidades funcionais, de fazer compras, usar telefone e realizar trabalhos domésticos, entre outras coisas. No entanto, esses acontecimentos podem variar entre as pessoas, assim a OMS esclarece que a necessidade dessas pessoas advém dos “eventos que ocorrem ao longo de todo curso da vida e frequentemente modificáveis, ressaltando a importância do enfoque de ciclo da vida para se entender o processo de envelhecimento” (OMS, 2015, p. 3).

Diante disso, Belascol e Okuno, relatam que, “para a maioria dos idosos, o envelhecimento saudável é um processo que permite a manutenção da capacidade funcional, além da ausência de doença ou o controle das mesmas” (2019, p. 2). Sob o mesmo ponto de vista, Ramos (2003) destaca a ideia do envelhecimento saudável como sendo resultado da inter-relação entre saúde física, mental, independência na vida, relação social, apoio familiar e independência financeira. Certamente, viver mais e com qualidade é o propósito de todos os seres humanos, mas as transformações biológicas decorrentes do envelhecimento são obstáculos a serem vencido por todos.

Segundo a Entrevistada 7, “[a] dificuldade às vezes é porque a gente é lenta, não é assim, não tem mais aquela ligeireza que a gente tinha. Então essa é a maior dificuldade”. Para a Entrevistada 8, “[n]a hora, assim, eu tenho que me concentrar mais. Eu noto que eu tenho que me concentrar mais, às vezes a gente não presta muita atenção”. A Entrevistada 9 destaca na sua fala: “A maior dificuldade na dança, eu acho que faz parte da gente, da cabeça da gente. Eu não era assim, eu era diferente, antigamente qualquer dança eu

aprendia rápido, e agora eu estou meia lerda, mas tu vês que depois eu aprendo, depois de repetir quatro vezes eu aprendo”. A Entrevistada 10 relata não ter dificuldade e acredita que “todos os corpos têm a facilidade para aprender a dançar, é só querer”. O testemunho da Entrevistada 11 traz suas lembranças:

Quem nunca dançou, é difícil, tudo depende de cada pessoa. Tem cabeça boa que aprende qualquer coisa. Eu acho que a pessoa tem que estar bem de saúde para poder aprender a dançar. Porque meu marido era muito inteligente, precisava ver, e não tinha jeito de dançar, eu ensinava, ensinava e ele não aprendia. O pé não ia, a cabeça, sei lá, não entendia, ele dizia, não, não mulher. Às vezes eu levantava de manhã, eu já levantava da cama dançando, ele, da cozinha, dizia: “Mulher, eu até te admiro. Já levanta alegre, dançando. Agora eu vou dançar contigo”. Morreu e não aprendeu.

A Entrevistada 12 nos revela que não teve dificuldade por ser observadora. E acrescenta, “mas para quem nunca dançou, tem uma certa dificuldade no molejo, no ritmo ali. Até conectar com a dança, custa um pouquinho”.

Após esse percurso de estudo analisando e discutindo as falas, podemos ter a clareza para desenvolvermos agora a conclusão desta pesquisa.

6 PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DA DANÇA A PESSOAS IDOSAS

“Formar é criar condições para que o outro se torne obra de si mesmo” (Antonio Nóvoa)

Após todo o percurso do estudo, apresento uma sugestão de método de ensino da dança para as pessoas idosas, construída a partir da análise dos dados desenvolvidos no capítulo anterior, visando a propor novas ações para o ensino da dança a essa parte da população a partir de estímulos da memória e da imaginação. Pelos estudos realizados, foi possível perceber que as relações de convivência construídas entre as pessoas idosas a partir das memórias e da imaginação, com ajuda do professor, foram o ponto-chave para a construção desta proposta. Sobretudo, valorizaremos as falas das pessoas idosas participantes do desenvolvimento deste método de ensino da dança.

A partir dessa concepção de método, destacarei três pontos fundamentais para o sucesso do ensino da dança a idosos: 1) orientação dos profissionais de dança para pessoas idosas; 2) aulas concentradas no ensino aprendizagem das pessoas idosas baseado no compartilhamento de conhecimentos; 3) convivência social.

Entre as várias linguagens de dança, procurei definir neste trabalho uma nomenclatura para facilitar o entendimento, e assim destaco os ritmos. Como o termo sugere, vamos oferecer os mais variados estilos de dança (forró, samba, vaneira, etc.). E as músicas propostas nas aulas devem ser bem selecionadas, para que o envolvimento das pessoas idosas aconteça de modo mais pleno a começar de gêneros musicais que eles já conhecem ou gostam.

Parti, então, da ideia de que ensinar dança para as pessoas idosas é algo que precisa ter muito envolvimento e planejamento para alcançar os objetivos, que serão alcançados mais facilmente levando em consideração as relações de confiança construídas. Contudo, para termos um ensino eficiente é necessário que se valorize a formação das pessoas idosas.

Dessa forma, vou destacar três pontos: 1) a orientação dos profissionais de dança para pessoas idosas; 2) as aulas concentradas no ensino aprendizagem das pessoas idosas baseado no compartilhamento de conhecimentos; 3) a convivência social.

No que diz respeito ao primeiro ponto nomeado, “orientação dos profissionais de dança para pessoas idosas”, destaco que ele necessita de conhecimentos específicos e estratégias no ensino que possibilitem um ensino antiautoritário. Dessa forma, ressalto Freire (1978), ao defender a necessidade da busca de autonomia e de emancipação dos educandos, principalmente através do diálogo.

Nesse processo de formação, o professor precisa compreender a vivência de cada pessoa idosa e perceber que ela ainda se encontra em transformação. Dessa maneira, cada encontro precisa ser reavaliado para auxiliar o processo do ensino da dança. E assim, o profissional da dança deve estar alerta, pois, segundo Simão o ensino-aprendizagem é uma tarefa contínua e o professor necessita de muita atenção e estar pronto para a “construção do saber”. A autora acrescenta, ainda, que “investir em energias cognitivas e imaginárias de maneira que possa sintetizar as ideias mais significativas em um exercício de apropriação do conhecimento” (2012, p. 631).

No segundo ponto, intitulada “aulas concentradas no ensino aprendizagem das pessoas idosas baseado no compartilhamento de conhecimentos”, recorro novamente a Freire (1978), que recomenda que professor e aluno devam se assumir como sujeitos do saber. Os conhecimentos que cada aluno traz para as aulas se manifestam nesse método de ensino da dança que se fundamenta pelo conhecimento produzido. O professor será apenas o mediador, aquele que lança os estímulos para que os alunos participem da construção do saber. Dessa forma, não só o professor é o detentor do conhecimento, abandonando o ensino tradicional onde o professor passa o movimento e o aluno repete.

Para Souza, “criar um ambiente favorável à aprendizagem” seria uma boa estratégia de ensino (2021, p. 197). O autor continua destacando a importância de “ênfasis o prazer de dançar estas danças e o envolvimento total do aluno” (2021, p. 199).

No terceiro ponto destacado como “convivência social” tem o seu propósito nas relações entre as pessoas idosas e o professor. Para Souza, “o ato de ensinar se embasa a partir da interação entre as relações de compromisso com o outro e consigo mesmo, num diálogo constante e democrático” (2021, p. 200). E o que pretendo neste ponto do método é

estabelecer relações sociais através da convivência nas aulas para, assim, construir a confiança necessária para o melhor aprendizado, destacando novamente o que Freire (1978) declara sobre a aprendizagem construir-se através do diálogo e da interação dos participantes da oficina.

Segundo Pozo, esse processo de aprender social é entendido como “um âmbito de nossa aprendizagem que tem características específicas” e que se manifesta como “a aquisição de pautas de comportamentos e de conhecimentos relativos às relações sociais” (2003, p. 73). Dessarte, pretendo que as aulas de dança transcendam o propósito de atividade física para melhorar a saúde, pretendo, sim, trazer a vivência de cada pessoa idosa para construir as aulas e construir relações de amizade para tornar as aulas mais prazerosas.

O ensino da dança para pessoas idosas necessita, da parte dos professores de dança, muita sensibilidade, pois eles encontrarão muita diversidade. Dessa forma, terão de ter à disposição um método que oriente e reconheça as capacidades e as vivências de cada pessoa. Outro importante propósito é o fortalecimento das relações e, para isso acontecer, a pessoa idosa precisa sentir-se pertencente ao espaço e ao grupo, resultando na participação eletiva durante a aula para provocar mudanças significativas na vida desses indivíduos.

Depois de algumas reflexões, passei para a construção da ideia do método. Iniciei sugerindo que as aulas aconteçam duas vezes por semana, com a carga horária de 50 minutos cada aula. Dessa forma, vou alcançar melhores resultados e a construção de relações será mais efetiva. As aulas vão se organizar em quatro momentos: 1) acolhimento; 2) preparação corporal; 3) aula de dança; 4) momento final.

Por acolhimento compreende-se o início da aula. Nesse momento, as pessoas idosas se encontram na sala e conversam com seus mais próximos. A seguir, o professor traz alguma reflexão para que o aluno declare algo sobre o tema a ser trabalhado na aula.

A preparação corporal seria o momento de fazer um aquecimento do corpo para as etapas situações da aula, ocasião em que o professor observa seus alunos e analisa se há algum problema físico.

Logo após, entrei na fase da dança. Aqui o professor vai iniciar fazendo algumas falas que levem os alunos a relatarem momentos de sua vida sobre o tema a ser ensinado como, por exemplo, como a provocação: Como era andar sobre os trilhos do trem? Como era o movimento de andar de bicicleta? As respostas serão muito importantes, pois a pessoa idosa trará suas memórias, e o papel do professor é usar sua sensibilidade para fazer dessas memórias a chave para eles realizarem os movimentos do ritmo ensinado. Esse momento vai revelar o quanto a história de cada um é parecida ou diferente da do outro colega, mostrando as memórias coletivas e individuais que cada um traz consigo.

Para o momento final, o encerramento da aula. Nessa fase, vamos ter dois atos, no primeiro vamos fazer alguns movimentos de relaxamento e respiração, para tranquilizar os participantes para a saída da aula. No segundo ato, o professor procura trazer algumas falas dos idosos, retomando as memórias, questionando sobre como foi a aula, se estão se sentindo bem, o que mais gostaram, como se fosse uma avaliação da aula que terminou. Assim ele poderá buscar alternativas para os próximos encontros, a avaliação aqui sendo uma parte do processo de aprendizado do professor. Porém, mais do que avaliação, o que se quer é a participação, o engajamento dos participantes, estimular sua participação no processo de aprendizado da dança.

Saliento que, para a construção deste método de ensino, recorri a autores como Souza (2021), Freire (1978), Marques (2010) e Pozo (2003). A seguir, apresento a continuação do método de ensino, especificando os objetivos de cada parte da aula, as temáticas e os meios para alcançá-los de forma pertinente.

1 – Acolhimento:

Tempo estimado da aula: 5 a 10 minutos.

Durante esse momento da aula, os participantes serão estimulados a conversar com seus colegas, trocando vivências, compartilhando histórias nesse espaço. Sabemos que esses participantes são de várias classes sociais e vivem em diferentes bairros da cidade, por isso é importante que essas pessoas percebam que fazem parte do grupo, criando um ambiente de muitas trocas de

experiências. Por conseguinte, esse momento do acolhimento torna-se algo de extrema relevância, já que as memórias de uns se encontraram com as dos outros, construindo assim relações de convivências por meio das experiências.

Objetivos do ensino:

1. Criar uma atmosfera agradável para a prática da dança;
2. Favorecer a troca de experiências;
3. Proporcionar a relação social com um grupo;
4. Estimular o sentimento de pertencimento;
5. Promover nos integrantes o compromisso com as aulas.

Objetivo do aprendizado:

Manifestar-se e assumir seu posicionamento como integrante do grupo.

Conteúdo:

1. Sentimento de pertencimento;
2. Valores com o grupo (responsabilidade, respeito, paciência, etc.);
3. Convivência social.

Estratégias:

Promover diferentes formas de encontro, troca de diálogo e experiências. Nesse momento do acolhimento, recomenda-se que os participantes conversem brevemente com diferentes integrantes, trocando palavras de afeto. Durante as aulas, o professor vai assegurar que todos possam trocar algumas palavras entre si. Esse momento será muito importante para que os participantes se conectem um com os outros, o que contribuirá para a construção das relações e dos demais momentos da aula. Uma estratégia para se conhecerem é fazer a chamada de modo diferente, em que o participante não responde a chamada e, sim, o que o professor sugere para o dia. Ex: nome do bairro onde mora, comida que mais gosta, dança que mais gosta, cidade de onde veio, sendo que muitos moradores de Criciúma vêm de outras cidades.

2 – Preparação corporal

Duração estimada: 5 a 7 minutos.

Nesse período os alunos realizarão movimentos para alongar, aquecer o corpo. Para isso, usaremos movimentações que eles consigam realizar individualmente e também em duplas para fortalecer a colaboração do grupo. Serão movimentos específicos do tipo movimento do quadril, rotação do pé para lado e outro, movimentos dos ombros, alongamento do quadríceps e posterior da coxa. Durante esse momento, o professor observará os alunos para perceber algum problema, caso precisem de uma orientação mais específica, lembrando que cada um vai fazer o exercício dentro das suas limitações.

Objetivos do ensino:

1. Promover a ativação corporal dos participantes;
2. Desenvolver a consciência corporal dos alunos;
3. Estimular a cooperação entre os participantes.

Objetivo do aprendizado:

1. Manifestar o interesse pelo cuidado com corpo.

Conteúdo:

1. Atividades de alongamento;
2. Movimentos de aquecimento.

Estratégias:

Desenvolver várias maneiras de realizar a preparação corporal dos alunos com diferentes movimentos, sendo eles individuais, em duplas ou até mesmo em grupo. Durante esse momento, aconselha-se que o professor caminhe pela sala observando os alunos e corrigindo, caso seja necessário. Dessa forma ele estará mais atento a alguma alteração do participante.

3 – Aula de Dança

Duração aproximada: 20 a 25 minutos.

Durante essa fase, o professor desenvolverá estratégias para que os participantes se envolvam na construção da aula do dia, por isso ele pode iniciar contando uma história sobre algum ritmo que pretenda ensinar como, por exemplo, o forró, falando dos cangaceiros e seus momentos de lazer quando não estavam lutando. São essas histórias que podem abrir as portas para a imaginação e o compartilhamento dos alunos falando sobre alguma experiência que viveram. Outra estratégia pode ser a de trazer momentos que todos já vivenciaram ou ouviram do tipo: Como era brincar de andar sobre os trilhos do trem? Como era estar na fila do banco e da lotérica? A partir dos movimentos demonstrados pelas pessoas idosas, aplicamos os ritmos ensinados, deixando a aula mais próxima da realidade dessa parte da população.

Objetivos do ensino:

1. Desenvolver momento de fala para contribuir no ensino;
2. Estruturar caminhos para dançar mediante a memória e imaginação;
3. Fornecer o conhecimento de outras culturas e ritmos.
4. Aprendizagem na praticar a esculta do outro.

Objetivo do aprendizado:

1. Dividir conhecimento a partir das vivências;
2. Contribuir para a convivência social e o fortalecimento de vínculos;
3. Reconhecer os diferentes ritmos de dança;
4. Enriquecer o leque de movimentos possíveis na dança;
5. Reconhecer a individualidade de cada integrante da aula.

Conteúdo:

1. A dança de salão e seus ritmos: samba, forró, vaneira, valsa, tango, *country*, bolero;

2. A construção do seu movimento a partir das memórias e das vivências;
3. As várias linguagens motoras e corporais das diferentes danças;
4. A criação espaços de diálogo e troca de experiências.

Estratégias:

Momento para desenvolver várias estratégias para envolver o participante com suas histórias e a partir destas possa construir sua dança.

1. Partilhar as vivências das pessoas idosas que tenham relações com a comunidade e suas culturas (conversas, fotos, aulas práticas, músicas, etc.);
2. Analisar e comentar sobre as falas relatadas durante as aulas, buscando o movimento ideal;
3. Experimentar movimentos básicos das danças;
4. Orientar nas improvisações durante o ritmo dançado.

Dessa forma, os movimentos tornam-se mais próximos da realidade de cada participante e esses passos de dança deixam de ser apenas reproduzidos mecanicamente e passam a ter outro sentido para quem pratica. Um exemplo que pode ser usado é fazer uma dinâmica de discussão sobre como os participantes faziam quando brincavam de andar no trilho do trem. Depois, executa-se o movimento para frente e para trás. Na sequência, colocamos uma música que traga mais lembranças do tipo “Trem das onze”, de Adoniram Barbosa.

4 – Momento final

Duração aproximada: 5 a 10 minutos.

Nesse momento da aula, o professor irá ouvir atentamente os seus alunos sobre as experiências daquele encontro, oferecendo espaço para que aquele que não falou possa se manifestar, dando oportunidade para todos fazerem seus relatos. Durante essa fase final, pretende-se transformar as experiências de dança do aluno para que ele sinta a sua importância no processo de construção da aula.

Objetivos do ensino:

1. Desenvolver a autoavaliação;
2. Estimular as falas não ouvidas;
3. Ampliar a consciência das várias formas de dançar;
4. Promover o relato das histórias.

Objetivo do aprendizado:

1. Aproximar os integrantes do grupo;
2. Estimular a curiosidade das danças;
3. Relacionar o movimento praticado com as vivências dos participantes.

Conteúdo:

1. Troca de experiências;
2. Consciência do movimento.

Estratégias:

Podemos, nesse momento, formar uma roda para estimular a pessoa que ainda não fez seu relato a fazê-lo. Também é um momento de o aluno conscientizar-se do que foi realizado em aula. Pode ser reservado um momento para cada um falar brevemente acerca de algo marcante da aula. Dessa forma, ao relatarem suas falas, as pessoas idosas sentem-se importantes no processo de construção da aula e o professor conseguirá ter uma melhor impressão de como planejar as próximas aulas, já que esse é um processo contínuo de construção.

O ensino da dança, dessa forma, beneficia as experiências individuais e coletivas por meio das memórias, o que torna a aula mais envolvente, pois os participantes fazem parte da sua construção com suas histórias e identidades, passando a relacioná-la com sua existência.

A partir desse método de ensino da dança, o envolvimento do aluno (a pessoa idosa) e do professor no processo de aprender é constante e mais significativo. Logo, é necessário que professor e aluno estejam atentos às

várias e complexas formas de saberes e afetos, pois serão essas relações que abrirão as portas para a construção de novas alternativas para entender um ao outro.

Dessa forma, construímos esta proposta metodológica de ensino da dança para as pessoas idosas pautada na memória e na imaginação, desenvolvendo também o lado cognitivo com as brincadeiras e as suas vivências pessoais. Assim, estamos construindo um ambiente de integração, proporcionando a reciprocidade e a alteridade, base fundamental para a construção das relações entre os seres humanos, sempre viabilizando o diálogo para fortalecer a comunicação entre os participantes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar este estudo, retorno ao início, destacando o problema central da pesquisa, que foi buscar compreender como é possível, a partir do estudo da memória e da imaginação, criar uma metodologia para o ensino da dança para pessoas idosas. O objetivo geral foi compreender e investigar a possível atuação da memória e da imaginação nos processos de elaboração de uma metodologia para o ensino da dança para pessoas idosas. E, por conseguinte, os objetivos específicos foram: 1) investigar como a memória e da imaginação das pessoas idosas auxiliam nas aulas de dança; 2) analisar a influência da memória e da imaginação no ensino da dança para idosos que participam das oficinas de dança da AFASC; 3) descobrir como as vivências do passado podem influenciar no aprendizado da dança hoje; 4) criar uma proposta metodológica para facilitar o ensino da dança a idosos.

Após toda a construção do nosso referencial teórico, foi possível esclarecer as dúvidas sobre a influência da memória e da imaginação no ensino da dança para este público. Dessa forma, ao desenvolver a análise das entrevistas, consegui compreender o que acontece na prática durante as aulas de dança. As entrevistas conseguiram me guiar para a melhor compreensão da memória e da imaginação no processo do ensino da dança para pessoas idosas.

Ao transcrever os relatos, foi possível perceber nas suas falas os diversos saberes que cada pessoa idosa traz das suas vivências e que estão presentes nas memórias, logo pude utilizar desta ferramenta para auxiliar no ensino da dança.

Pude perceber, pelos testemunhos durante as entrevistas, que todas as falas estão cheias de histórias e memórias. Cada resposta é associada às suas lembranças. Portanto, somos constituídos de lembranças de vivências que cada um traz consigo. Assim é possível compreender o porquê durante as aulas de dança, ao recordar suas memórias e contar histórias, a pessoa idosa participante da oficina de dança transforma seus saberes e se ressignifica.

Acredito que essas memórias estão contribuindo para o ensino da dança, além de proporcionar momentos de descontração e aprendizado de

forma mais prazerosa. Diante disso, as memórias das histórias trazidas por cada um e as que eu trago para que eles reflitam proporcionam a compreensão e transforme aquele momento da aula em parte da história deles, pois já vivenciaram e conseguem se imaginar como parte das histórias contadas.

A partir dessas histórias trazidas, consegui construir no imaginário novas vivências que se tornam o fio condutor para o aprender e construir novos registros que ficaram marcados em suas memórias. Desse modo, construímos o ensino através da imaginação, estimulando o aprendizado pela ludicidade e pelas vivências que estimulam o imaginário criativo da pessoa idosa. Diante disso, percebo o quanto a imaginação é uma potencialidade dos seres humanos, sendo ela imprescindível para o desenvolvimento do aprendizado, colaborando com o aprendizado independente da sua idade.

Foi possível verificar, pela análise dos dados, que a maioria delas não havia feito aula de dança com um professor antes, mas todas traziam lembranças significativas de como aprenderam a dançar, e essas lembranças estavam marcadas nas suas memórias. Outro dado relevante dos relatos foi que todas afirmaram que sempre gostaram da dança, a dança sempre esteve presente nas suas vivências e, por isso, suas lembranças estão cheias de significado, uma coleção de momentos que foram importantes durante a juventude e, segundo elas, naquele tempo a dança era o único divertimento que tinha na época.

A partir da observação dos relatos analisados é possível verificar que é na juventude que as pessoas iniciam a aprender a dançar, e é nesse momento que os pais as permitem sair, ou não, para participar das tardes dançantes. Desse modo, as pessoas entrevistadas relembram suas histórias de paqueras, os encontros com amigas, o encontro com o futuro marido. É também nesse momento que se estabelecem as novas relações sociais, já que o seu mundo deixa de ser apenas o da família e passa a ter outros envolvidos. E dessa forma a identidade começa a se transformar, surgindo um novo sujeito cheio de novas ideias de mundo e que consegue se identificar como indivíduo naquela sociedade.

Outro registro a ser destacado é que as pessoas que as ensinavam a dançar repassavam seus conhecimentos através da palavra falada, o ouvir e o

experienciar. Desse jeito, podemos entender o poder do ensinar as pessoas idosas pelas palavras, ao ouvir e ao refletir sobre suas lembranças.

Pelas entrevistas, podemos identificar o quanto é importante o momento de deixar as pessoas contarem as histórias, como suas falas precisam ser ouvidas para que o ensino da dança tenha significado. Isso facilita o entendimento do que se pretende ensinar e, para tanto, o professor deve ter a sensibilidade de trazer a ludicidade para o momento da aula e deixar fluir a memória e a imaginação dos que participam.

Percebi o quão importante é ouvir para construir a aula, entendendo de onde os alunos vêm, que experiências eles trazem consigo, que exemplos posso usar para, assim, chegar ao objetivo da aula. Exemplo disso foram os trilhos de trem que a maioria relata dizendo que estão cheios de lembranças que ficaram registradas na memória até os dias de hoje.

Por todos esses aspectos, consegui identificar a importância de trazer para as aulas situações e exemplos de movimentos vivenciados pelas aprendizes de dança para poder fazer a reconstrução desses conhecimentos em novos movimentos e novas experiências da sua vida dançante. Outra situação a ser observada é o relato de que todas gostam muito de dançar, umas acreditam ser bom para a saúde do corpo, da mente, outras querem encontrar as amigas para conversar, para outras é um divertimento, enfim todas têm um motivo para estar na aula e gostar tanto.

Verifiquei também que as relações sociais, a convivência com outras pessoas da sua idade, que tiveram experiências às vezes parecidas se torna um ponto de grande relevância na participação das oficinas de dança. Os participantes do grupo da dança revelaram que gostam de determinado tipo de música, de ouvir as histórias e se ver nelas, de ser ouvidos e entendidos pelo grupo.

Dado o exposto acima, consegui constatar que a dança, para esse grupo de pessoas idosas, contribui para a saúde física, mental e até mesmo espiritual, pois elas relatam sair das aulas com a energia renovada, felizes, alegres. Para elas, não existe idade para começar a dançar, basta querer, e elas mostraram que querem muito viver a ponto de não verem nenhuma dificuldade para aprender a dançar. Sendo a dança essa atividade prazerosa e motivadora, vejo o quanto ela se torna um facilitador para a inclusão das

peessoas idosas no grupo, promovendo o convívio social, as novas relações e a melhora na saúde.

Em vista dos argumentos apresentados, acredito que esta pesquisa trouxe contribuições relevantes sobre o problema apresentado. Ao juntar a minha experiência pessoal com a análise e as reflexões, consegui estabelecer relações contundentes entre a prática e a teoria para o ensino da dança para idosos, entre a memória e a imaginação, entre a arte e a cidadania.

Por isso, encerro este processo com a certeza de que a memória e a imaginação são ferramentas indispensáveis para o ensino da dança para as pessoas idosas, mas tenho a certeza de que o trabalho não termina por aqui, pois com a constante mudança das pessoas, vamos ter um público mais ativo tanto físico como mentalmente, novos modelos hão de surgir propondo novos desafios.

Com aumento da população idosa, vamos ter modificações nos padrões de estilo de vida na sociedade pós-moderna e este vai ser um desafio para todos que pretendem desenvolver atividades com este público.

Gostaria também de apontar ao fim deste estudo algumas ideias que poderiam gerar outras investigações interessantes no campo do ensino da dança para idosos: Como a adequação da música ao ensino da dança para pessoas idosas, as relações sociais em um centro de convivência e sua influência no ensino da dança para pessoas idosas. Pensando pelo lado da saúde física da pessoa idosa, vejo o quanto a dança ajuda essa parcela da população, por isso destaco que um estudo interessante poderia ser como a dança contribui para o equilíbrio da pessoa idosa. E por fim, um tema interessante também seria a dança como ferramenta para retardar doenças como o Alzheimer.

Finalizo este estudo certo de que ele contribuiu para o desenvolvimento das pessoas e aprofundamento do debate sobre o ensino da dança para pessoas idosas.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Dalal. **Balé: uma arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

ALBERTI, Verana. **Ouvir e contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE, Tainá Soares. Dança, Criação e Memória na Terceira Idade: uma perspectiva nietzschiana. 2011. **Anais** do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança (2011) Dança: contrações epistêmicas. Disponível em: <https://proceedings.science/anda-2011>. Acesso em: 3 maio 2022.

ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política Nacional do Idoso**: velhas e novas questões. Rio de Janeiro. Ipea, 2016. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28693. Acesso em: 3 ago. 2021.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes. Apresentação *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (org). **Usos & abusos da história oral**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1982.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005. 114 p.

BACK, Beatriz Teixeira. **Educação pela via da imaginação**: os contos de fada como pilar do aprender imaginativo na perspectiva de G.K. Chesterton, J.R.R Tolkien e C.S. Lewis. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), Santa Catarina 2019. Disponível em: <http://ultimato.com.br/sites/cslewis/2019/12/17/educacao-pela-via-da-imaginacao-os-contos-de-fadas-como-pilar-do-aprender-imaginativo-na-perspectiva-de-g-k-chesterton-j-r-r-tolkien-e-c-s-lewis/>. Acesso em: 14 ago. 2020.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. Corpo e Envelhecimento: um estudo de caso em universidade aberta à terceira idade. **Estud. Interdiscipl. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 723-741, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348289547_CORPO_E_ENVELHECIMENTO_um_estudo_de_caso_em_Universidade_Aberta_a_Terceira_Idade/link/60e84ab21c28af34585807d5/download. Acesso em 24 mar. 2022.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, n. 23(1), p. 24-34, 2011. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpqfWjz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2022.

BARROS, Myriam Moraes Lins. (2006). Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**. v. 52 n. 1, p.109-132, 2006. Disponível em: <https://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/52/540.pdf> Acesso em: 15 nov. 2022.

BARROS, Temístocles Vicente Pereira; SANTOS, Allan Derkian Borges; GONZAGA, Jozilma de Medeiros; LISBOA, Maria Goretti da Cunha; BRAND Caroline. Capacidade funcional de idosos institucionalizados: revisão integrativa, **ABCS Health Sci**, v. 41, n. 3, p. 176-180, 2016. Disponível em: <https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/908/750>. Acesso em: 23 mar. 2022.

BARROSO, Eloísa Pereira. Reflexões sobre a velhice: identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade. **História Oral**, v. 24, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1128>. Acesso em: 22 ago. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BELASCOL, Angélica Gonçalves Silva; OKUNOL, Meiry Fernanda Pinto. Realidade de desafios para o envelhecimento. **Rev. Bras. Enferm.** 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/YyPr9QcL5bn3p6TGVGCBzvM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BELO, Ana Zélia; GAIO Roberta. Dança para Idosos: Resgate da Cultura e da Vida. Campinas. **Ipes Editorial**, p.125-132, 2007. Disponível em: http://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/saude_coletiva_cap17.pdf. Acesso em: 23 jun. 2016.

BENJAMIN, Walter [1933]. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo. Editora: Brasiliense, 2012. Obras Escolhidas, v. 1, p. 213-240.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEZERRA, Daniela Borges; LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Velhice, identidade e memória: diálogos entre saúde a favor da manutenção de identidades. **Caderno de Tempos Presentes**, n. 13, jul./set., p. 60-70, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2671>. Acesso em: 21 ago. 2022.

BEZERRA, Edilane Nunes Régis. O envelhecer feminino e as contribuições das atividades grupais para a saúde mental de mulheres idosas participantes de grupo de convivência. **International Journal of Development Research**, v. 12, n. 2. Disponível em: <https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/23891.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2022.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordinio. **Labirintos da memória: Quem Sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

BRASIL. Política Nacional do Idoso Lei nº 8.842, de janeiro de 1994. 1. ed. Brasília. Reimpresso em maio 2010. Disponível em: <
https://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/estatuto_idoso2edicao.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

BRASILEIRO, Livia Tenório. A dança é uma manifestação artística. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 135-153, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/Ch9QvNkbYvw5xNKZF9RdkPw/?lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2022.

BRENMAN, Ilan. **A Importância de Contar e Ler Histórias para a Formação do Aluno do Século XXI**. XVI Fórum Ordinário da Undime [Florianópolis] 2017. 1 vídeo (56 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-tJTXzPgs4>. Acesso em 27 ago. 2020.

BRITTO, Fabiana Dultra. **Temporalidade em Dança: parâmetros para uma história contemporânea**. Belo Horizonte: FID EDITORIAL, 2008.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço/Cléo Busatto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CALLEFI, Jessica Syrio; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. A Memória na História Oral de Vida dos Idosos. **RIGS Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 8, n. 1, jan./abril 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/26959>. Acesso em: 10 maio 2022.

CAMARANO. Ana Amélia. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2091/1/TD_858.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDIOTTO, Viviane Maria. **A construção identitária dos professores de dança clássica: um estudo sobre três artistas professores educadores**. 2016.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), Criciúma (SC) 2016.

CANTON, Katia. **Corpo identidade e erotismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CARDOSO, Eliane; DIETRICH, Thais Peres; SOUZA, André Portela. Envelhecimento da população e desigualdade. **Revista de Economia Política**, vol. 41, n. 1, p. 23-43, jan-mar./2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/vFv4GTBxXwbp4jkRScDWCQQ/?lang=pt>. Acesso em: 3 ago. 2021.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

COSTA, Patrícia Evellyn; RIBEIRO, Janete Santa Maria. A importância de contar história na educação infantil. **R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol.**, Medianeira, 2017: Cadernos Ensino EAD, 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-4771>. Acesso em: 12 ago. 2022.

CASTRO, Daniela Llopart. **Dança na maturidade: Experiência artística na região sul**. 2020. Tese (Doutorado em Motricidade Humana na especialidade de dança) – Universidade de Lisboa, Lisboa (PT) 2020.

EGAN, Kieren. Por que a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir Silva. (Org.). **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas: Papyrus, 2007. p. 11 - 37.

FARO, Antônio José. **Pequena história de dança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FERREIRA, Marieta Moraes. In: FERREIRA, Marieta Moraes. (org). **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 1-13.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. O Interesse de Levinás para a Psicanálise: Desinteresse do Rosto. **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo, v. 5, n. 1. p. 39-51, dez. 1997.

FLORES. Maria Bernardete Ramos. NORA, Sigrid. Corpo arte história. DO CORPO. **Ciências e Artes**, Caxias do Sul, v. 1, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/docorpo/article/view/2311>. Acesso em: 26 mar. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Disponível em: <https://cpers.com.br/wpcontent/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em 12 ago. 2020.

FRONCKOWIAK, Angela Cogo; RICHTER, Sandra Regina Simonis. A poética do devaneio e da imaginação criadora em Gaston Bachelard. In: Fritzen, Celdon; Cabral, Gladir Silva. (Org.). *Infância: imaginação e educação em debate*. Campinas: Papirus. p. 59-71.

FROTA, Norberto Anízio Ferreira. **Neurologia cognitiva e do envelhecimento: do conhecimento básico à abordagem clínica**. São Paulo: Editora e Eventos Omnifarma, 2016.

FRYE, Northrop. **A imaginação educada**. Trad. Adriano Teixeira, Bruno Geraidine e Cristiano Gomes. Campinas: Vide Editorial, 2017.

GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica F. Dança, diversidade e inclusão: sem limites para dançar! In: TOLOCKA, Rute Estanislava; VERLENGIA, Rozangela (org). **Dança e diversidade humana**. Canpinas, SP: Papirus, 2006.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 188.

GARCIA, Angela; HAAS, Aline. **Ritmo e dança**. Canoas: Ulbra, 2003.

GIACOMINI, Raquel de Melo. Nos rastros da memória. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 307-312, jul./dez. 2013.

GIRARDELLO, Gilca. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/NzsgHwpBkM6X9gv7NvDvRWL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2022.

GOBBO, Gislaine Rossler Rodrigues; MILLER, Stela. Um estudo acerca da imaginação infantil nas ações de desenhar e brincar de faz de conta no contato com histórias infantis. **Educação, Artes e Inclusão**, v. 12, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/8356>. Acesso em: 12 ago. 2022.

GOMES, Camila do Amaral. **Dança de salão e meios de comunicação: um olhar sobre a influência da televisão**. 2011. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/danca/ARTIGO8.htm>. Acesso em: 26 abril 2022.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

GREGGERSEN, Gabriele. Vivendo e aprendendo com C. S. Lewis: Princípios Norteadores da Educação Cristã no século XXI. 1999. **Fides Reformata** 4/1. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp->

content/uploads/2019/04/3_Vivendo_e_Aprendendo_com_CS_Lewis_Gabriele_Greggersen.pdf. Acesso em: 14-08-2020.

GUZZO, Mariana Souza Lobo; SPINK, Mary Jane Paris. Arte, dança e política. **Psicologia & Sociedade**, n. 27, v. 1, p. 3-12, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/wsF4CnGCnPwfjSDYzgX4bDS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 abril 2022.

HALBAWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

HOOKS. Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora**. São Paulo: Martins Fonte, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-idosos-na-populacao-do-pais-cresceu-57-4-em-12-anos> Acesso em: 28 out 2023.

JOLIVET, Régis. **Curso de filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1955.

KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. In: VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 139-166.

KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. In: AMADOU, Hampâté Bâ. **A tradição Viva**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

KUNZ, Elenor. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. **Revista Movimento**, ano VI, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. I-XIII, jul. 2000.

LANTIGUA, Marlen Moreno. Fernando Alonso. **Su Ideário Pedagógico**. Camaguey, Cuba: Editora Ácana Camaguey, 2015.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de ser professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003. p. 419-476.

LOUREIRO, Luís Manoel de Jesus. Adequação e rigor na investigação fenomenológica em enfermagem – crítica, estratégias e possibilidades. **Referência**, II Série, n. 2, p. 21-31, 2006.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. A abordagem etnográfica na investigação científica. Campina Grande: EDUEPB, p. 49-83,. 2011. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2022.

MEDEIROS, Rosângela Fachel. O corpo como identidade provisória: corpo, tecnologia e arte. **Montenegro**, ano 9, n. 18, p. 34-40, jul./dez. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/1991909/O_corpo_como_identidade_provis%C3%B3ria_corpo_tecnologia_e_arte. Acesso em: 23 mar. 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MENDONÇA, Jurilza Maria Barros; ABIGALIL, Albamaria Paulino de Campos; PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira; YUSTE, Antonio; RIBEIRO, Joaquim Hudson de Souza. O sentido do envelhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2021, v. 26, n. 1, p. 57-65. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wBsSgfMPpr3pWznwBpSKjhP/?lang=pt#>> Acesso em: 28 out. 2021.

MESQUITA, Paulo Moacir; PORTELLA, Marlene Rodrigues. A gestão do cuidado do idoso em residências e asilos: uma construção solitária fortalecida nas vivências do dia-a-dia. In: PASQUALOTTI, A.; PORTELA, M.R.; BETTINELLI, L.A. (Org.). **Envelhecimento humano: desafios e perspectivas**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo (UPF), 2004. p. 72-94.

MIRANDA, Gabriella Moraes Duarte; MENDES, Antônio da Cruz Gouveia. SILVA, Ana Lucia Andrade. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 507-519, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/MT7nmJPPRt9W8vndq8dpzDP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2021.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **Memória e Identidade: travessia de velhos professores**. Maringá: EDUEM, 1998.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão bibliográfica**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança?: dança e educação somática para adultos e crianças**. São Paulo: Summus, 2012. 163 p.

MÜLLER, Regina Polo. Danças indígenas: arte e cultura, história e performance. **Redalyc**. Indiana, v. 21, p. 127-137, 2004. Disponível em: <https://www.iai.spk->

berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Indiana/Indiana_21/10MuellerRegPol_neu-kM__.pdf. Acesso em: 16 abril 2022.

NANNI, Dionísia. **Dança educação: princípios, métodos e técnicas**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

NIETTO, Mércia Rose; RABELO, Giani. Itinerário de uma pesquisa em educação: Reflexões teórico-metodológicas no uso da história oral. **Poiésis** – Unisul. Tubarão, v. 14, n. 25, p. 167-185, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/issue/view/355>. Acesso em: 18 jun. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Anny Carolina; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; CORRÊA, Maria de Campos. A história oral: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 63-77, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/43/34>. Acesso em: 18 jun. 2022.

OMS. CHAN, Margaret. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. 2015. Disponível em: < <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf> > Acesso em: 28 out. 2021.

ONU. **Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento, 1982**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/prologo.html>. Acesso em: 6 ago. 2021.

OSSONA, Paulina. **A Educação pela Dança**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

PAIXÃO, Gleice Miranda; BORGES, Fabrícia Teixeira. Imaginação e Currículo Escolar: uma Revisão de Literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2018, v. 34. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/fvmVWYcSyTDjYmGsHvYsWzJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: saberes da docência e identidade do professor. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 3, n. 3, 1997. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/50>. Acesso em: 24 ago. 2022.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POZO, Juan Ignácio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre, Artmed, 2003.

PRADO, Shirley Donizete. O curso da vida, o envelhecimento humano e o futuro. **Textos Envelhecimento**. Unati/UERJ. Rio de Janeiro. Ano 4, v. 1, n. 8. 2002. Disponível em:
<http://www.portaldoenvelhecimento.com/acervo/artieop/Geral/artigo50.htm>
 Acesso em: 29 jul. 2021.

RAMOS, Luiz Roberto. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, n. 3, p. 793-798 mai./jun. 2003. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csp/a/HTZyxSqf7XmgDpbjGnQXB/?format=pdf&lang=pt>
 Acesso em: 29 ago. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

ROBATTO, Lia. **Dança em processo: a linguagem do indizível**. Salvador: UFBA, 1994.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

ROSA, Marília Ceccon Salarini. O idoso, sua casa e suas coisas: contribuições para criação de um entorno mais acolhedor para os maiores de 60 anos. **Centro de Estudios en Diseño y Comunicación**, v. 83, p. 163-177, 2020. Disponível em:
http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-35232020000600147. Acesso em: 03 ago. 2021.

SALVADOR, Gabriela Di Donato. **Histórias e propostas do corpo em movimento: um olhar para a dança na educação**. Guarapuava: Unicentro, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTOS, Larissa Mendes. GUEDES, Thiago Ribeiro. JOIA, Luciane Cristina. Benefícios da dança no equilíbrio em idosos frequentadores de uma universidade aberta da melhor idade. **Revista das Ciências da Saúde do Oeste Baiano**: Higia, v. 3, n. 1, p. 143-150, 2018. Disponível em:
https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=2005&q=Benef%C3%ADcios+da+dan%C3%A7a+no+equil%C3%ADbrio+em+idosos+frequ%C3%BCentadores+de+uma+universidade+aberta+da+melhor+idade&btnG. Acesso em: 17 mar. 2020.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24.1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 19 nov. 2022.

SAIRAVA, Katia Maria Pacheco. **Tempos de Tessituras Intergeracionais: uma reflexão sobre o projeto de extensão "Sacudindo a Memória"**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais . Belo Horizonte (MG), 2020. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_KatiaMariaPachecoSaraiva_8473.pdf. Acesso em: 29 maio 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científica**. 24 ed. São Paulo: Cortez. 2016.

SILVA, Bianca Caroline Ramos; PARISOTTO Daniele; DANIEL, Solange de Paula Lopes; LOPES, Voneide; FUCHS, Ana Paula. Efeitos da dança no equilíbrio de idosas frequentadoras de bailes para terceira idade. **Revista UNIANDRADE**, v. 18, n. 1, p. 45-51, 2017. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=2005&q=Efeitos+da+dan%C3%A7a+no+equil%C3%ADbrio+de+idosas+freq%C3%BCntadoras+de+bailes+para+terceira+idade.&btnG. Acesso em: 6 fev. 2020.

SILVA, Eliane Paganini. **Ser professor e a relação ensino-aprendizagem: uma contribuição piagetiana**. 2015. 253 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/124535/000837203.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SILVA, Kelly Maciel. **A dança circular no cotidiano da promoção da saúde da pessoa idosa**. 2017. Tese (Doutorado Centro de Ciências da Saúde - Programa de pós-graduação em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis (SC) 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188849>. Acesso em: 11 out. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. São Paulo: Vozes, 2000.

SILVA, Viviane Xavier de Lima e Silva. MARQUES, Ana Paula de Oliveira. FONSECA, Jorge Luiz Cardoso Lyra. Considerações sobre a sexualidade dos idosos nos textos gerontológicos. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, v. 12, n. 2 p. 295-303, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/mjtRXcjpgyP3jx3VgvHHP8Hd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

SIMÃO, Vera Lúcia. Formação Continuada e várias vozes do professorado de Educação Infantil de Blumenau: uma proposta vinda de dentro. **Atos de**

Pesquisa em Educação, v. 7, n. 2, p. 626-648, mai./ago. 2012. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3170/2005>. Acesso em: 11 de ago. 2020.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**. São Paulo, n. 6, p. 14-18, mai. 2003. Disponível em: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57/63. Acesso em: 9 ago. 2016.

SOUZA, Marco Aurélio da Cruz. Proposta metodológica para o ensino das danças populares na Escola do Teatro Bolshoi No Brasil. Educação. **Revista do centro de educação – UFSM**. v. 45, mai. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao>. Acesso em: 29 ju. 2020.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TOLOCKA, Rute Estanislava; LEME, Lia Carla Gordon; ZANUZZO, Lígia Márcia Lazaretti. Atividades de dança, marcha e equilíbrio de idosos com patologias que interferem nestas habilidades motoras. **Pensar a Prática**: Goiania, v. 14, n. 3, p. 111 set./dez. 2011. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=2005&q=Atividades+de+dan%C3%A7a%2C+marcha+e+equil%C3%ADbrio+de+idosos+com+patologias+que+interferem+nestas+habilidades+motoras.+&btnG. Acesso em: 6 fev. 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1994.

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. **Instituto de Artes Coordenação de Graduação em Dança**, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.iar.unicamp.br/ia/wp-content/uploads/2016/06/PPP_BachareladoDanca.pdf. Acesso em: 5 abr. 2022.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A imaginação e seu desenvolvimento na infância. In VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 107-130.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico - livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/download/24/25/#:~:text=A%20presentat%C3%A7%C3%A3o%20e%20coment%C3%A1rios%20de%20Ana,ori%20entado%20para%20a%20experi%C3%A2ncia%20est%C3%A9tica>. Acesso em: 12 ago. 2022.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Imaginação e Criatividade na Infância**. Lisboa: Dinalivro, 2012.

WITTER, Carla et, al.: Envelhecimento e dança: análise da produção científica na Biblioteca Virtual de Saúde. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 191-199, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v16n1/a19v16n1.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2016.